

# GRATO 2

---

4th International  
Conference on  
Grammar & Text

Livro de resumos  
Abstract Book

<http://www.clunl.edu.pt/grato>

Apoios



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Organização



ÍNDICE / INDEX

<b>Apresentação / Introduction .....</b>	<b>5</b>
<b>Comissão científica / Scientific Committee .....</b>	<b>6</b>
<b>Comissão organizadora / Organizing Committee.....</b>	<b>8</b>
<b>Programa da conferência / Conference Programme .....</b>	<b>9</b>
<b>Oradores / Speakers .....</b>	<b>19</b>
<b>Conferencistas convidados / Invited speakers .....</b>	<b>19</b>
<b>Participantes / Participants .....</b>	<b>19</b>
<b>Resumos / Abstracts .....</b>	<b>23</b>
<b>Conferências plenárias / Plenary conferences .....</b>	<b>24</b>
La digitalización de la enseñanza de la lectura y la escritura .....	25
A Discourse Traditions approach to Grammaticalization: cultural and discourse-oriented reflections on syntactic change.....	26
La phrase à prédicat non verbal dans différents genres de discours : structure et rôle textuel .....	28
<b>Eixo 1. Das configurações textuais/discursivas às formas e construções linguísticas —</b>	
<b>Axis 1. From textual/discursive configurations to linguistic forms and constructions ...</b>	<b>29</b>
Agir empreendedor e figuras competenciais: análise da materialidade linguístico-textual	30
Analyzing sign language corpus data as a pathway to understanding the convergence between grammar and text .....	31
Arquitetura enunciativa: contrato entre os tempos histórico e linguístico.....	33
Argumentação em textos jurídicos: estudos de caso portugueses e brasileiros .....	35
Constructions and Constructional Changes around ' <i>ser suposto</i> + N-fin CI'.....	36
Contextually-motivated word formation: complex words that rise in the comparison and contrast of separate entities or processes.....	38
Contributos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para a fundamentação formal do texto no domínio da tradução.....	39
Corpus design for contrastive studies of verbal aspect.....	41
Das configurações textual/discursivas híbridas de gêneros discursivos em emergência do Facebook .....	43
Das marcas linguísticas à emergência do novo género “Mensagens de Final de Ano” .....	44
Describing descriptions as enunciative events : text type, discourse function and grammatical features .....	46
Dinâmicas de género e de texto: entre plano convencional e plano ocasional nas teses de doutoramento da Universidade de Coimbra .....	48
Do Subject-Prominence and Topic-Prominence Really Matter? – An Analysis of the Null Subject in European Portuguese and Chinese .....	50
Du discours au texte : quels possibles de langue ? .....	52
“Espelho meu, espelho meu...” Para o estudo do ethos discursivo em mensagens das redes sociais .....	53
Gêneros textuais e recursos linguísticos: observações sobre textos científico-acadêmicos em perspectiva comparada .....	55

Hedges & boosters: mecanismos de apagamento e de reforço do eu no discurso académico .....	57
On Crossing Borders between Grammar and Text: The Role of Verbal Anaphors in Textual Variation.....	59
A construção de relações interpessoais em <i>D'este viver aqui neste papel descripto</i> : uma análise linguística de <i>Cartas da Guerra</i> de António Lobo Antunes .....	60
Os Gêneros Jornalísticos nos Livros Didáticos de 5º e 6º ano do Ensino Fundamental: ruptura ou continuidade no processo de letramento escolar? .....	62
Os Efeitos do Grau de Informatividade nas Redações Escolares .....	63
Realizações Léxico-Gramaticais de Orações Projetantes na Escrita Reflexiva Profissional de Professores em Formação Inicial.....	65
Repensar a noção de <i>texto</i> : um percurso (talvez didático) a partir de <i>placas toponímicas</i> .....	66
Rhetorical modes as the missing link between Text and Grammar.....	68
Texto, Gramática e Tiras Cômicas: o caso das anáforas .....	70
Transições de escrita no âmbito do estudo da <i>fábula</i> : estudo longitudinal com alunos dos 4º e 6º anos do ensino básico.....	71
Underspecification at the propositional level: The role of thematic integration via rhetorical structure.....	73
Vozes Enunciativas que Inscrevem o Outro na Escrita de Relatórios de Estágio .....	74
<b>Sessão Coordenada .....</b>	<b>75</b>
Estudos sobre referenciação no âmbito da Linguística Textual no Brasil.....	75
Estratégias de referenciação em textos multissemióticos.....	75
O papel da imagem na construção da referência .....	76
A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva.....	77
<b>Eixo 2. Das formas e construções linguísticas às configurações textuais/discursivas —</b>	
<b>Axis 2. From linguistic forms and constructions to textual/discursive configurations... 79</b>	
A corpus study of competing voices in Hong Kong's Umbrella Revolution .....	80
A Função dos Dêiticos Espaciais e Temporais no Inquérito Policial.....	81
Asa Que Se Enlaçou, Mas Não Voou.....	82
As Representações Discursivas de Vítima no Inquérito Policial.....	83
Atenuação e adverbiais de enunciação em Português europeu contemporâneo .....	84
Construções condicionais insubordinadas: da sintaxe para o discurso.....	85
Cortesia Linguística e Compreensão Leitora: um olhar sobre a Literatura .....	87
Da gramática ao texto: a indeterminação do sujeito como estratégia discursiva.....	89
Das formas de construção frástica de títulos jornalísticos às formas de construção do acontecimento: formas, representações e esquematizações .....	91
El papel de las formas verbales en la estructura tempo-aspectual del <i>Relato de un naufrago</i> de Gabriel García Márquez.....	93
En parlant du passé : Etude contrastive des temps du passé dans trois langues (italien, norvégien, russe) .....	94
From consequential and conclusive constructions to discursive configurations: <i>alla fine</i> and <i>im Endeffekt</i> at the crossroad between grammar and text.....	96
Gramática da fala <i>versus</i> “gramática” da escrita no português brasileiro: o caso do preenchimento da posição sujeito em textos narrativos .....	97
Gramática e Argumentação em Textos da Área Jurídica: os efeitos de sentido das intercalações .....	99
La configuration discursive « unité prédicative– unité résomptive » du type <i>c'est vrai, il a essayé de s'évader</i> .....	101
Modal and informational contributions of BE -EN to passive constructions to media discourse: A corpus-based enunciative approach.....	103
Modality and rhetorical modes.....	105
O futuro e o condicional no texto jornalístico: das formas e construções linguísticas às configurações textuais .....	106
O Processo de Referenciação enquanto Construção Discursiva.....	108

O Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade: os recursos linguísticos utilizados por estudantes para a construção textual.....	109
<i>PARCE QUE</i> , ou la cause perdue de Bouvard et Pécuchet .....	111
Unités polylexicales spécifiques dans deux sous-genres littéraires: le roman policier et la science fiction.....	113
Subjetividade e Ordem de Palavras no Português do Brasil: a ordem objeto-verbo em questão.....	115
<b>Sessões coordenadas .....</b>	<b>116</b>
Grammaire, dialogisme et liens textuels externes .....	116
Dialogisme du texte et dualité syntaxique.....	116
Endophrase pronominale et dialogisme interlocutif .....	117
De quelques marqueurs de l'interaction dialogique avec l'allocutaire. Leur typologie est-elle possible ? .....	117
Linguística Textual no Brasil – Estudos sobre estratégias argumentativas e articuladores textuais/discursivos. ....	119
Elementos retóricos no discurso jurídico: as estratégias de Nietzsche na exordial .....	119
A função argumentativa dos articuladores textuais/discursivos .....	120
O discurso argumentativo de Heidegger na obra <i>A caminho da linguagem</i> .....	120
O Sintagma Nominal Complexo e a Configuração Textual/Discursiva de Gêneros de Diferentes Domínios.....	122
Sintagmas Nominais Complexos: Critérios Formais e Funcionais de Identificação, com Reflexos na Construção do Gênero Acadêmico <i>Abstract</i> .....	122
O Papel dos Sintagmas Nominais Complexos na Construção do Gênero Blog de Esportes.....	123
Sintagmas Nominais Complexos no Twitter: Aspectos Argumentativos do Processo de Referenciação Discursiva.....	123
Responsabilidade Enunciativa em Diferentes Gêneros do Discurso Jurídico .....	125
Relação entre Planos de Texto, Vozes e Responsabilidade em Sentenças Judiciais Condenatórias.....	125
Análise Textual Discursiva dos Modalizadores na Sentença Condenatória.....	126
Responsabilidade Enunciativa no Texto Jurídico.....	126
<b>Eixo 3. Perspetivas didáticas em Gramática e Texto — Axis 3. Didactic perspectives on Grammar and Text.....</b>	<b>129</b>
Abordagem das variações linguísticas interculturais da língua portuguesa no livro didático: do texto à gramática .....	130
A constituição linguística dos textos produzidos em seminários da esfera universitária .	132
A contribuição da estilística lexical no processo de ensino e aprendizagem.....	134
Aplicação didática dos gêneros do discurso: análise de dois manuais escolares.....	136
Articulações entre metodologias e conhecimentos gramaticais da língua materna: o ensino de análise linguística no contexto brasileiro.....	137
Contribuições do PIBID para o ensino de gramática e texto.....	139
Compreensão de dependências referenciais durante a leitura – uma perspectiva didática.	141
Cuando los estudiantes bilingües producen el mismo género de texto en dos lenguas diferentes: transferencias discursivas entre euskera y castellano .....	143
De la grammaire de la phrase à celle du texte, et vice versa, en toute transparence et continuité.....	145
Gêneros textuais em livros didáticos para ensino de português como língua estrangeira	147
La presentación oral como objeto de enseñanza en el aula de español como lengua extranjera (ELE). Un estudio de caso en el contexto escolar portugués .....	148
Le discours rapporté comme élément de la configuration textuelle/discursive: une approche didactique.....	150
Les collocations verbo-nominales dans les textes académiques : perspectives didactiques en Français sur Objectifs Universitaires (FOU) .....	151

Modelo didático do gênero <i>exposição escrita</i> : identificação e avaliação dos resultados da sua implementação na qualidade dos textos que os alunos produzem .....	153
O ensino dos gêneros através de sequências didáticas: impacto na qualidade dos textos	154
Pédagogie inversée, traduction et grammaire (con)textualisée .....	155
Produção de texto oral na escola: uma análise dos entraves no gênero debate .....	157
Uma transposição didática do gênero memórias em sala de aula.....	158
Un enseignement textuel de la grammaire est-il possible ?.....	159
Vers une démarche didactique pour construire des savoirs et viser l'intégration des connaissances sur la langue et les textes dans le développement des pratiques textuelles des élèves.....	161
<b>Pósteres .....</b>	<b>163</b>
A habilidade de inferência em questões de leitura de provas de língua portuguesa.....	163
Categorias da habilidade de inferência em provas de Língua Portuguesa.....	164
<b>Sessões Coordenadas .....</b>	<b>165</b>
Texto e gramática em contextos de avaliação .....	165
Gramática e Texto em Livros Didáticos de Língua Portuguesa .....	165
Texto e gramática na mídia publicitária: avaliação de práticas linguístico-textuais ....	166
Texto e gramática em exames de proficiência em Língua Portuguesa.....	167
Gramática e Texto no Ensino: das marcas visíveis das línguas à atividade de linguagem .....	168
Exercício de leitura no ensino de língua: a relação entre gramática e texto.....	168
Das marcas visíveis das línguas à atividade de linguagem: um caminho possível para o ensino .....	169
Perspectiva enunciativa no ensino de gramática e texto.....	170
O ensino do <i>discurso reportado</i> sob uma abordagem enunciativa.....	170
Desreferencialização enunciativa: (in) coerência em textos dissertativos.....	171
A articulação entre as marcas de qualificação e modalização em reescritas de narrativas de alunos do 6º ano.....	171

## **Apresentação / Introduction**

**Lisboa, 2-4 de julho de 2015**

**Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa**

As relações entre gramática e texto/discurso podem perspetivar-se como um espaço de convergência. Por conseguinte, é possível partir de fenómenos linguísticos locais para melhor compreender os textos/discursos. Mas é também viável partir de configurações textuais/discursivas para melhor compreender o funcionamento da língua sob diferentes pontos de vista - semântico, pragmático, morfossintático, enunciativo - seja numa perspetiva sincrónica seja numa perspetiva diacrónica. Ambos os percursos podem ser potenciados numa abordagem didática.

A 4.<sup>a</sup> *Conferência Internacional em Gramática e Texto - GRATO2015* visa explorar este cruzamento de fronteiras, explicitado nos seguintes eixos temáticos:

1. Das configurações textuais/discursivas às formas e construções linguísticas
2. Das formas e construções linguísticas às configurações textuais/discursivas
3. Perspetivas didáticas em Gramática e Texto

Além do Português, as línguas de trabalho da Conferência serão o Inglês, o Espanhol e o Francês.

**Lisbon, 2-4 July 2015**

**Linguistics Research Centre of the *Universidade Nova de Lisboa* - CLUNL-Faculty of Social Sciences and Humanities - *Universidade Nova de Lisboa***

The relationship between grammar and text/speech can be considered as a convergence space. It is therefore possible to start from local linguistic phenomena to better understand the texts/speeches. But it is also conceivable to start from textual/discursive configurations to better understand the functioning of language from different points of view - semantic, pragmatic, morphosyntactic, enunciative - either from a synchronic or diachronic perspective. Both routes can be enhanced in a didactic approach.

The 4th International Conference on Grammar and Text - GRATO 2015 aims to explore this border crossing, as explained in the following thematic axes:

1. From textual/discursive configurations to linguistic forms and constructions;
2. From linguistic forms and constructions to textual/discursive configurations;
3. Didactic perspectives on Grammar and Text.

## **Comissão científica / Scientific Committee**

Alexandra Guedes Pinto (Universidade do Porto);  
Ana Cristina Macário Lopes (Universidade de Coimbra);  
Ana Madeira (Universidade Nova de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Angela Paiva Dionísio (Universidade Federal de Pernambuco);  
António Moreno (Universidade de Aveiro);  
Audria Leal (Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Augusto Soares da Silva (Universidade Católica do Minho);  
Carla Teixeira (Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Clara Nunes Correia (Universidade Nova de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Driss Ablali (Université de Lorraine);  
Ecaterina Bulea (Université de Genève);  
Egon Rangel (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo);  
Eliane Lousada (Universidade de São Paulo);  
Eulália Leurquin (Universidade Federal do Ceará);  
Fátima Silva (Universidade do Porto);  
Florencia Miranda (Universidad Nacional de Rosario/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Inês Cardoso (Camões, Instituto da Cooperação e da Língua/York University, Toronto);  
Isabel Margarida Duarte (Universidade do Porto);  
Isabel Roboredo Seara (Universidade Aberta/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Isabelle Simões Marques (Universidade Aberta/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Janete Bessa Neves (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Janice Helena Chaves Marinho (Universidade Federal de Minas Gerais);  
Jasmina Markič (Universidade de Ljubljana);  
Joana Vieira Santos (Universidade de Coimbra);  
Joaquim Dolz (Université de Genève);  
José Pinto de Lima (Universidade de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Juana Marín Arrese (Universidad Complutense, Madrid);  
Lionel Dufaye (Université Paris Est-Marne La Vallée);  
Lucie Gournay (Université Paris-Est Créteil Val de Marne);  
Luísa Álvares Pereira (Universidade de Aveiro/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Maria Lobo (Universidade Nova de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Maria Aldina Marques (Universidade do Minho);  
Maria do Céu Caetano (Universidade Nova de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Maria da Graça Costa Val (Universidade Federal de Minas Gerais);  
Maria Teresa Brocardo (Universidade Nova de Lisboa/Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Marília Blundi Onofre (Universidade Federal de S. Carlos, São Paulo);  
Marion Carel (EHESS-Paris);  
Paulo Nunes da Silva (Universidade Aberta);

Rosalice Pinto (Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa);  
Susana Pereira (Escola Superior de Educação de Lisboa/Centro de Linguística da  
Universidade Nova de Lisboa);  
Valdir do Nascimento Flores (Universidade Federal do Rio Grande do Sul);  
Wander Emediato (Universidade Federal de Minas Gerais).



## **Comissão organizadora / Organizing Committee**

Maria Antónia Coutinho (FCSH-UNL/CLUNL)  
Helena Topa Valentim (FCSH-UNL/CLUNL)  
Regina Dell'Isola (UFMG-Brasil/CLUNL)  
Teresa Oliveira (Instituto Politécnico de Portalegre/CLUNL)  
Isabelle Simões Marques (U. Aberta/CLUNL)  
Matilde Gonçalves (FCT/CLUNL)  
Audria Leal (CLUNL)  
Carla Teixeira (CLUNL)

**Programa da conferência / Conference Programme**



#### 4.<sup>a</sup> Conferência Internacional em Gramática e Texto / 4<sup>th</sup> International Conference on Grammar and Text

**GRATO 2015**

*Gramática e Texto: cruzar fronteiras*  
*Grammar and Text: Crossing borders*

Lisboa, 2-4 de julho / 2-4 July 2015

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa

Edifício I&D / I&D Building



#### Eixos temáticos / Thematic axes:

1. Das configurações textuais/discursivas às formas e construções linguísticas / From textual/discursive configurations to linguistic forms and constructions
2. Das formas e construções linguísticas às configurações textuais/discursivas / From linguistic forms and constructions to textual/discursive configurations
3. Perspetivas didáticas em Gramática e Texto / Didactic perspectives on Grammar and Text

#### Quinta-feira, 2 de julho / Thursday, July 2

08:30/09:30	Acolhimento / Welcoming (piso 4 / 4 <sup>th</sup> floor)
09:30/10:00	Sessão de Abertura / Opening Session (Sala / Room Multíusos 2, piso 4 / 4 <sup>th</sup> floor)
10:00/11:00	Conferência Plenária / Plenary Conference <b>Michèle Monte</b> <i>La phrase à prédicat non verbal dans différents genres de discours : structure et rôle textuel</i>
11:00/11:30	Coffee break

	<b>Sala / Room Multiusos 2, piso 4</b>	<b>Sala / Room Multiusos 3, piso 4</b>	<b>Sala / Room 1.05, piso 1</b>	<b>Sala / Room 0.06, piso 0</b>
	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b> <b>Sessão Coordenada / Coordinated session</b> <i>Grammaire, dialogisme et liens textuels externes</i>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>
11:30/12:00	Ana Malfacini & Alexandre Batista da Silva <i>Os efeitos do grau de informatividade nas redações escolares</i>	Aleksandra Nowakowska <i>Dialogisme du texte et dualité syntaxique</i>	Selene Vázquez Ruiz <i>La presentación oral como objeto de enseñanza en el aula de español como lengua extranjera (ELE). Un estudio de caso en el contexto escolar portugués.</i>	Livia Chaves de Melo <i>Vozes enunciativas que inscrevem o outro na escrita de relatórios de estágio</i>
12:00/12:30	Juliana Gava Bissoto e Silva & Luzia Bueno <i>Os gêneros jornalísticos nos livros didáticos de 5º e 6º ano do ensino fundamental: ruptura ou continuidade no processo de letramento escolar?</i>	Geneviève Salvain <i>Endophore pronominale et dialogisme interlocutif</i>	Elaine Cristina Forte Ferreira <i>Produção de texto oral na escola: uma análise dos entraves no gênero debate</i>	Mariana Silva <i>A construção de relações interpessoais em D' este viver aqui neste papel descrito: uma análise linguística de Cartas de Guerra de António Lobo Antunes</i>
12:30/13:00	Alexandra Guedes Pinto <i>Hedges &amp; boosters: mecanismos de apagamento e de reforço do eu no discurso acadêmico</i>	Jacques Bres <i>De quelques marqueurs de l'interaction dialogique avec l'allocutaire. Leur typologie est-elle possible?</i>		
<b>Almoço / Lunch</b>				
	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>
14:30/15:00	Joana Vieira Santos & Paulo Nunes da Silva <i>Dinâmicas de gênero e de texto: entre plano convencional e plano ocasional nas teses de doutoramento da Universidade de Coimbra</i>	Ana Cristina Macário Lopes <i>Atemação e adverbiais de enunciação em Português europeu contemporâneo</i>	Silvia Araújo <i>Pédagogie inversée, traduction et grammaire (con)textualisée</i>	Cláudia Roberta Tavares Silva & Marcelo Amorim Sbaldo <i>Gramática da fala versus "gramática" da escrita no português brasileiro: o caso do preenchimento da posição sujeito em textos narrativos</i>
15:00/15:30	Florencia Miranda <i>Gêneros textuais e recursos linguísticos: observações sobre textos científico-acadêmicos em perspectiva comparada</i>	Florence Lefauvre <i>La configuration discursive « unité prédictive – unité résomptive » du type c'est vrai... il a essayé de s'évader</i>	Darcília Simões & Paulo Osório <i>A contribuição da estilística lexical no processo de ensino e aprendizagem</i>	Elizaveta Khachaturyan <i>En parlant du passé : Etude contrastive des temps du passé dans trois langues (italien, norvégien, russe)</i>
15:30/16:00	Maria Antónia Coutinho <i>Repensar a noção de texto: um percurso (talvez didático) a partir de placards toponímicas</i>	Lionel Duflay & Lucie Gounnay <i>PARCE QUE, ou la cause perdue de Bouvard et Pérouchet</i>	Andréia de Fátima Rutiquewiski Gomes & Luciana Pereira da Silva <i>Articulações entre metodologias e conhecimentos gramaticais da língua materna: o ensino de análise linguística no contexto brasileiro</i>	

16:00/16:30				<b>Coffee break</b>			
	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b> Sessão Coordenada / Coordinated session <i>Estudos sobre referencição no âmbito da Linguística Textual no Brasil</i>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b> Sessão Coordenada / Coordinated session <i>Responsabilidade enunciativa em diferentes gêneros do discurso jurídico</i>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b> Sessão Coordenada / Coordinated session <i>Gramática e Texto no Ensino: das marcas visíveis das línguas à atividade de linguagem</i>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b>			
16:30/17:00	Mônica Magalhães Cavalcante & Mariza Angélica Paiva Brito <i>Estratégias de referencição em textos multissemióticos</i>	Maria das Graças Soares Rodrigues <i>Relação entre planos de texto, vozes e sentenças judiciais condenatórias</i>	Marília Blundi Onofre <i>Exercício de leitura no ensino de língua: a relação entre gramática e texto</i>	Wesley Luis Carvalhaes & Eliane Marquez da Fonseca Ferrandes & Madalena Teixeira <i>Aplicação didática dos gêneros do discurso: análise de dois manuais escolares</i>			
17:00/17:30	Suelene Silva Oliveira Nascimento & Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos <i>O papel da imagem na construção da referência</i>	Alexandro Teixeira Gomes <i>Análise textual discursiva dos modalizadores na sentença condenatória</i>	Letícia Marcondes Rezende <i>Das marcas visíveis das línguas à atividade de linguagem: um caminho possível para o ensino</i>	Natália Moreira Tosatti <i>Gêneros textuais em livros didáticos para ensino de português como língua estrangeira</i>			
17:30/18:00	Silvana Maria Calixto de Lima <i>A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva</i>	Maria das Viórias Nunes Silva Lourenço & Mário Lourenço de Medeiros <i>Responsabilidade enunciativa no texto jurídico</i>		José Batista de Barros & Adriana Letícia Torres da Rosa & Madson Góis Diniz <i>Abordagem das variações linguísticas interculturais da língua portuguesa no livro didático: do texto à gramática</i>			
18:15	<b>Porto de Honra / Welcoming cocktail</b>						

**Sexta-feira, 3 de julho / Friday, July 3**

09:00/10:00	Conferência Plenária / Plenary Conference (Sala / Room Multiusos 2, piso 4 / 4 <sup>th</sup> floor)	Bert Cornillie	<i>A Discourse Traditions approach to Grammaticalization: social, cultural and syntactic reflections on language change</i>		
	Sala / Room Multiusos 2, piso 4	Sala / Room Multiusos 3, piso 4	Sala / Room 1.05, piso 1	Sala / Room 0.06, piso 0	
	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b> Sessão de pôsteres / Posters		
10:00/10:30	José Pinto de Lima <i>Constructions and Constructional Changes around 'ser suposto + N- fin CI'</i>	Janet Ho <i>A corpus study of competing voices in Hong Kong's Umbrella Revolution</i>	Silvia Pires Volpini <i>A habilidade de inferência em questões de leitura de Provas de Língua portuguesa</i>		
10:30/11:00	Christine Copy <i>Describing descriptions as enunciative events: text type, discourse function and grammatical features</i>	Anderson Ferreira & Ramon Silva Chaves <i>Asa que se enlaçou, mas não voou...</i>	Bruna Amarante de Mendonça Cohen <i>Categorias da habilidade de inferência em provas de Língua Portuguesa</i>		
11:00/11:30	<b>Coffee break</b>				
	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b> Sessão Coordenada / Coordinated session	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b> Sessão Coordenada / Coordinated session	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>	
11:30/12:00	Junya Morita <i>Contextually-motivated word formation: complex words that rise in the comparison and contrast of separate entities or processes</i>	Antenor Teixeira de Almeida Júnior <i>Elementos retóricos no discurso jurídico: as estratégias de Nietzsche na exordial de retórica e argumentação</i>	Duane Valentim <i>O ensino do discurso reportado sob uma abordagem enunciativa</i>	Lúcia Helena Peyroton da Rocha & Mônica dos Santos Souza & Michelle Mattedi Tomazi & Santinho Ferreira de Souza <i>Da grandática ao texto: a indeterminação do sujeito como estratégia discursiva</i>	
12:00/12:30	Yi Zheng <i>Do Subject-Prominence and Topic-Prominence Really Matter? – An Analysis of the Null Subject in European Portuguese and Chinese</i>	Valhey Veras da Silva <i>A função argumentativa dos articuladores textuais/discursivos</i>	Stéfano Grizzo Onoffe <i>Desreferencialização enunciativa: (in) coerência em textos dissertativos</i>	Valéria Cavalheiro <i>Cortesia e compreensão leitora: um olhar sobre a literatura</i>	
12:30/13:00	Edyta Jurkiewicz-Rohrbacher <i>Corpus design for contrastive studies of verbal aspect</i>	Maria de Fátima Medina Lucena & Claudiana Nogueira de Alencar <i>O discurso argumentativo de Heidegger na obra <u>A caminho da linguagem</u></i>	Solange Christiane Gonzalez Barros <i>A articulação entre as marcas de qualificação e modalização em reserctas de narrativas de alunos do 6º ano</i>	Jussara Abraçado <i>Subjetividade e ordem de palavras no português do brasil: a ordem objeto – verbo em questão</i>	

<b>Almoço / Lunch</b>				
	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>
14:30/15:00	Luisa Alvares Pereira & Celda Choupina <i>Transições de escrita no âmbito do estudo da fábula: estudo longitudinal com alunos dos 4º e 6º anos do ensino básico</i>	Maria de Fátima Silva dos Santos <i>As representações discursivas de vítima no inquérito policial</i>	Catherine Fuchs & Sylvie Garnier <i>Les collocations verbo-nominales dans les textes académiques : perspectives didactiques en Français sur Objectifs Universitaires (FOU)</i>	Iva Novakova & Julie Sorba & Olivier Kraif <i>Unités polylexicales spécifiques dans deux sous-genres littéraires: le roman policier et la science fiction</i>
15:00/15:30	Rebecca Marques Menezes <i>Arquitetura enunciativa: contrato entre os tempos histórico e linguístico</i>	Ana Lúcia Tinoco Cabral <i>Gramática e argumentação em textos da área jurídica: os efeitos de sentido das intercalações</i>	Véronique Marmy Cusin <i>Vers une démarche didactique pour construire des savoirs et viser l'intégration des connaissances sur la langue et les textes dans le développement des pratiques textuelles des élèves</i>	Jasmina Markić <i>El papel de las formas verbales en la estructura temporo-aspectual del Relato de un naufragio de Gabriel García Márquez</i>
15:30/16:00	Elsa Pic & Gregory Furnaniak <i>Rhetorical modes as the missing link between Text and Grammar</i>	Maria do Socorro Oliveira <i>A função dos dêiticos espaciais e temporais no inquérito policial</i>	Leyre Ruiz de Zarobe <i>Le discours rapporté comme élément de la configuration textuelle/discursive: une approche didactique</i>	
16:00/16:30	Iker Zulaica-Hernández <i>Underspecification at the propositional level: The role of thematic integration via rhetorical structure</i>	Milena Moretto & Luzia Bueno <i>O trabalho de conclusão de curso na universidade: os recursos linguísticos utilizados por estudantes para a construção textual</i>	Luis M <sup>º</sup> Larringan & Izziar Idiazabal & Ines Garcia Azkoaga <i>Cuando los estudiantes bilingües producen el mismo género de texto en dos lenguas diferentes: transferencias discursivas entre euskera y castellano</i>	
16:30/17:00	<b>Coffee break</b>			



	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b> Sessão Coordenada / Coordinated session <i>O sinagma nominal complexo e a configuração textual/discursiva de gêneros de diferentes domínios</i>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b>
17:00/17:30	Wagner Rodrigues Silva <i>Realizações lexicogramaticais de orações projetantes na escrita reflexiva profissional de professores em formação inicial</i>	Vera Lúcia Paredes Silva <i>Sintagmas nominais complexos: critérios formais e funcionais de identificação, com reflexos na construção do gênero acadêmico abstract</i>	Ecaterrina Bulea Bronckart <i>Un enseignement textuel de la grammaire est-il possible?</i>	Albano Dalla Pria <i>Contributos linguísticos para a fundamentação formal do texto no domínio da tradução</i>
17:30/18:00	Sara Pita <i>Das marcas linguísticas à emergência do novo gênero "Mensagens de Final de Ano"</i>	Felipe Diogo de Oliveira <i>O papel dos sintagmas nominais complexos na constituição do gênero blog de esportes</i>	Dan Van Raemdonck & Lionel Meintzhagen <i>De la grammaire de la phrase à celle du texte, et vice versa, en toute transparence et continuité</i>	Maria Encarnação Silva <i>O ensino dos gêneros através de sequências didáticas: impacto na qualidade dos textos</i>
18:00/18:30	Jean-François Jeandillon <i>Du discours au texte : les possibles de langue</i>	Jaqueline Barreto Lê <i>Sintagmas nominais complexos no Twitter: aspectos argumentativos do processo de referência discursiva</i>		Joana Batalha <i>Compreensão de dependências referenciais durante a leitura – uma perspetiva didática</i>
Noite	<b>Jantar da conferência / Conference Dinner</b>			

**Sábado, 4 de julho / Saturday, July 4**

10:00/11:00 **Conferência Plenária / Plenary Conference** **Daniel Cassany**  
(Sala / Room Multiusos 2, piso 4 / 4<sup>th</sup> floor) *La digitalización de la enseñanza de la lectura y la escritura*

11:00/11:30 **Coffee break**

Sala / Room Multiusos 2, piso 4 Sala / Room Multiusos 3, piso 4 Sala / Room 1.05, piso 1

**Eixo temático / Thematic axis 1** **Eixo temático / Thematic axis 2** **Eixo temático / Thematic axis 3**

11:30/12:00 Paweł Rutkowski *Analyzing sign language corpus data as a pathway to understanding the convergence between grammar and text* Teresa Oliveira *O futuro e o condicional no texto jornalístico: das formas e construções linguísticas às configurações textuais* Regina L. Péret Dell'Isola & Ana Virginia L. da Silva Rocha *A constituição linguística dos textos produzidos em seminários da esfera universitária*

12:00/12:30 Rosalice Pinto & Ana Lúcia Tinoco Cabral *Argumentação em textos jurídicos: estudos de caso portugueses e brasileiros* Flávia B. M. Hirata Vale *Construções condicionais insubordinadas: da sintaxe para o discurso* Fabrício Oliveira da Silva & André Luiz Gaspari Madureira *Contribuições do PIBID para o ensino de gramática e texto*

12:30/13:00 Carlos Prado Alonso *On Crossing Borders between Grammar and Text: The Role of Verbal Anaphors in Textual Variation* Graziela Kronka *O processo de referencição enquanto construção discursiva* Mariana Oliveira Pinto *Modelo didático do gênero exposição escrita: identificação e avaliação dos resultados da sua implementação na qualidade dos textos que os alunos produzem*

13:00/13:30 Maria da Penha Pereira Lins & Rivaldo Capistrano de Souza Júnior *Texto, gramática e tiras cômicas: o caso das anáforas* Valentina Russo *From consequential and conclusive constructions to discursive configurations: alla fine and in Endeffekt at the crossroad between grammar and text* Isabel Maria Maros Ramos Castilho *Uma transposição didática do gênero memórias em sala de aula*

**Almoço / Lunch**

	<b>Eixo temático / Thematic axis 1</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 2</b>	<b>Eixo temático / Thematic axis 3</b> <b>Sessão Coordenada / Coordinated session</b> <i>Texto e gramática em contextos de avaliação</i>	
15:00/15:30	Isabel Roboredo Seara <i>“Espelho meu, espelho meu...” Para o estudo do ethos discursivo em mensagens das redes sociais</i>	Anne-Laure Besnard <i>Modal and informational contributions of BE-EN to passive constructions to media discourse: A corpus-based enunciative approach</i>	Regina L. Péret Dell’Isola <i>Texto e gramática em exames de proficiência em Língua Portuguesa</i>	
15:30/16:00	Rosalice Pinto <i>Agir empreendedor e figuras competenciais: análise da materialidade linguístico-textual</i>	Grégory Furmaniak <i>Modality and rhetorical modes</i>	Janice Helena Chaves Marinho <i>Gramática e texto em livros didáticos de Língua Portuguesa</i>	
16:00/16:30	Vicente de Lima-Neto <i>Das configurações textual/discursivas híbridas de gêneros discursivos em emergência do Facebook</i>	Wander Emediato de Souza <i>Das formas de construção frásica de títulos jornalísticos às formas de construção do acontecimento: formas, representações e esquentizações.</i>	Audria Leal & Carla Teixeira <i>Texto e gramática na mídia publicitária: avaliação de práticas linguístico-textuais</i>	
<b>Tarde / Afternoon</b>	<b>Programa cultural / Cultural Programme</b>			

## Oradores / Speakers

### Conferencistas convidados / Invited speakers

CASSANY, Daniel ( <a href="mailto:daniel.cassany@upf.edu">daniel.cassany@upf.edu</a> ) .....	25
CORNILLIE, Bert ( <a href="mailto:Bert.Cornillie@arts.kuleuven.be">Bert.Cornillie@arts.kuleuven.be</a> ) .....	26
MONTE, Michèle ( <a href="mailto:michele.monte@univ-tln.fr">michele.monte@univ-tln.fr</a> ) .....	28

### Participantes / Participants

ABRAÇADO, Jussara ( <a href="mailto:almeidamja@globo.com">almeidamja@globo.com</a> ) .....	115
ALENCAR, Claudiana Nogueira de ( <a href="mailto:claunoc@yahoo.com.br">claunoc@yahoo.com.br</a> ) .....	120
ALMEIDA JÚNIOR, Antenor Teixeira de ( <a href="mailto:ataj64@yahoo.com.br">ataj64@yahoo.com.br</a> ) .....	119
ARAÚJO, Sílvia ( <a href="mailto:sylviaraujo1969@gmail.com">sylviaraujo1969@gmail.com</a> ) .....	155
BARROS, José Batista de ( <a href="mailto:josebatista.40@gmail.com">josebatista.40@gmail.com</a> ) .....	130
BARROS, Solange Christiane Gonzalez ( <a href="mailto:solcgbarros@yahoo.com.br">solcgbarros@yahoo.com.br</a> ) .....	171
BATALHA, Joana ( <a href="mailto:batalha.joana@gmail.com">batalha.joana@gmail.com</a> ) .....	141
BESNARD, Anne-Laure ( <a href="mailto:annelaure.besnard@gmail.com">annelaure.besnard@gmail.com</a> ) .....	103
BRES, Jacques ( <a href="mailto:jacques.bres@univ-montp3.fr">jacques.bres@univ-montp3.fr</a> ) .....	117
BRITO, Mariza Angélica Paiva ( <a href="mailto:marizabrito02@gmail.com">marizabrito02@gmail.com</a> ) .....	75
BUENO, Luzia ( <a href="mailto:luzia_bueno@uol.com.br">luzia_bueno@uol.com.br</a> ; <a href="mailto:Luzia.Bueno@usf.edu.br">Luzia.Bueno@usf.edu.br</a> ) .....	62, 109
BULEA-BRONCKART, Ecaterina ( <a href="mailto:Ecaterina.Bulea@unige.ch">Ecaterina.Bulea@unige.ch</a> ) .....	159
CABRAL, Ana Lúcia Tinoco ( <a href="mailto:altinococabral@gmail.com">altinococabral@gmail.com</a> ) .....	35, 99
CARVALHAES, Wesley Luis ( <a href="mailto:wcarvalhaes@hotmail.com">wcarvalhaes@hotmail.com</a> ) .....	136
CASTILHO, Isabel Maria Matos Ramos ( <a href="mailto:isacastilho@gmail.com">isacastilho@gmail.com</a> ) .....	158
CAVALCANTE, Mônica Magalhães ( <a href="mailto:monicamc02@gmail.com">monicamc02@gmail.com</a> ) .....	75
CAVALHEIRO, Valéria ( <a href="mailto:valeriacavalheiro@hotmail.com">valeriacavalheiro@hotmail.com</a> ) .....	87
CHAVES, Ramon Silva ( <a href="mailto:ramon.schaves@gmail.com">ramon.schaves@gmail.com</a> ) .....	82
CHOUPINA, Celda ( <a href="mailto:celda@ese.ipp.pt">celda@ese.ipp.pt</a> ) .....	71
COHEN, Bruna Amarante de Mendonça ( <a href="mailto:amarantecohen@gmail.com">amarantecohen@gmail.com</a> ) .....	164
COPY, Christine ( <a href="mailto:ccopy@club-internet.fr">ccopy@club-internet.fr</a> ) .....	46
COUTINHO, Maria Antónia ( <a href="mailto:acoutinho@fcsh.unl.pt">acoutinho@fcsh.unl.pt</a> ) .....	66
DELL'ISOLA, Regina L. Péret ( <a href="mailto:reginadellisola@gmail.com">reginadellisola@gmail.com</a> ) .....	132, 165, 167
DINIZ, Madson Góis ( <a href="mailto:madsongd@gmail.com">madsongd@gmail.com</a> ) .....	130
DUFAYE, Lionel ( <a href="mailto:lionel.dufaye@u-pem.fr">lionel.dufaye@u-pem.fr</a> ) .....	111
FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca ( <a href="mailto:elianemarquez@uol.com.br">elianemarquez@uol.com.br</a> ) .....	136
FERREIRA, Anderson ( <a href="mailto:andersonportovelho@gmail.com">andersonportovelho@gmail.com</a> ) .....	82
FERREIRA, Elaine Cristina Forte ( <a href="mailto:elaine.forte@ufersa.edu.br">elaine.forte@ufersa.edu.br</a> ) .....	157
FUCHS, Catherine ( <a href="mailto:catherine.fuchs@ens.fr">catherine.fuchs@ens.fr</a> ) .....	151
FURMANIAK, Grégory ( <a href="mailto:gregory.furmaniak@univ-paris3.fr">gregory.furmaniak@univ-paris3.fr</a> ) .....	68, 105
GARCIA AZKOAGA, Ines ( <a href="mailto:ines.garciaazkoaga@ehu.es">ines.garciaazkoaga@ehu.es</a> ) .....	143
GARNIER, Sylvie ( <a href="mailto:garnier@uchicago.edu">garnier@uchicago.edu</a> ) .....	151
GOMES, Alexandre Teixeira ( <a href="mailto:alextgomes@yahoo.com.br">alextgomes@yahoo.com.br</a> ) .....	126
GOMES, Andréia de Fátima Rutiquewiski ( <a href="mailto:andreiaruti@gmail.com">andreiaruti@gmail.com</a> ) .....	137
GOURNAY, Lucie ( <a href="mailto:lucie.gournay@u-pec.fr">lucie.gournay@u-pec.fr</a> ) .....	111
HO, Janet ( <a href="mailto:janho@LN.edu.hk">janho@LN.edu.hk</a> ) .....	80
IDIAZABAL, Itziar ( <a href="mailto:Itziar.idiazabal@ehu.eus">Itziar.idiazabal@ehu.eus</a> ) .....	143
JEANDILLOU, Jean-François ( <a href="mailto:jfjean@u-paris10.fr">jfjean@u-paris10.fr</a> ) .....	52
JURKIEWICZ-ROHRBACHER, Edyta ( <a href="mailto:jurkiewi@mappi.helsinki.fi">jurkiewi@mappi.helsinki.fi</a> ) .....	41
KHACHATURYAN, Elizaveta ( <a href="mailto:elizaveta.khachaturyan@ilos.uio.no">elizaveta.khachaturyan@ilos.uio.no</a> ) .....	94

KRAIF, Olivier ( <a href="mailto:Olivier.Kraif@u-grenoble3.fr">Olivier.Kraif@u-grenoble3.fr</a> )	113
KRONKA, Graziela ( <a href="mailto:grazielak@yahoo.com">grazielak@yahoo.com</a> )	108
LARRINGAN, Luis M <sup>a</sup> ( <a href="mailto:luismaria.larringan@ehu.es">luismaria.larringan@ehu.es</a> )	143
LÉ, Jaqueline Barreto ( <a href="mailto:jaquelinele@uol.com.br">jaquelinele@uol.com.br</a> )	123
LEAL, Audria ( <a href="mailto:audria_leal@yahoo.com.br">audria_leal@yahoo.com.br</a> )	166
LEFEUVRE, Florence ( <a href="mailto:florence.lefeuvre@univ-paris3.fr">florence.lefeuvre@univ-paris3.fr</a> )	101
LIMA, José Pinto de ( <a href="mailto:pintodelima@netcabo.pt">pintodelima@netcabo.pt</a> )	36
LIMA, Silvana Maria Calixto de ( <a href="mailto:scalixto2003@yahoo.com.br">scalixto2003@yahoo.com.br</a> )	77
LIMA-NETO, Vicente ( <a href="mailto:vicente.neto@ufersa.edu.br">vicente.neto@ufersa.edu.br</a> )	43
LINS, Maria da Penha Pereira ( <a href="mailto:penhalins@terra.com.br">penhalins@terra.com.br</a> )	70
LOPES, Ana Cristina Macário ( <a href="mailto:acmacariol@gmail.com">acmacariol@gmail.com</a> )	84
LOURENÇO, Maria das Vitórias Nunes Silva ( <a href="mailto:vitorianunnes@hotmail.com">vitorianunnes@hotmail.com</a> )	126
LUCENA, Maria de Fátima Medina ( <a href="mailto:fatimamedina@gmail.com">fatimamedina@gmail.com</a> )	120
MADUREIRA, André Luiz Gaspari ( <a href="mailto:almadureira@ig.com.br">almadureira@ig.com.br</a> )	139
MALFACINI, Ana ( <a href="mailto:anamalfacini@hotmail.com">anamalfacini@hotmail.com</a> )	63
MARINHO, Janice Helena Chaves ( <a href="mailto:janicehelena.chaves@gmail.com">janicehelena.chaves@gmail.com</a> )	165
MARKIČ, Jasmina ( <a href="mailto:jasmina.markic@ff.uni-lj.si">jasmina.markic@ff.uni-lj.si</a> )	93
MARMY CUSIN, Véronique ( <a href="mailto:MarmyV@edufr.ch">MarmyV@edufr.ch</a> )	161
MEDEIROS, Mário Lourenço de ( <a href="mailto:mariolourencodcsh@hotmail.com">mariolourencodcsh@hotmail.com</a> )	126
MEINERTZHAGEN, Lionel ( <a href="mailto:lmeinert@gmail.com">lmeinert@gmail.com</a> )	145
MELO, Livia Chaves de ( <a href="mailto:liviachavesmelo@hotmail.com">liviachavesmelo@hotmail.com</a> )	74
MENEZES, Rebecca Marques ( <a href="mailto:re.marquesmenezes@gmail.com">re.marquesmenezes@gmail.com</a> )	33
MIRANDA, Florencia ( <a href="mailto:florenciamiranda71@gmail.com">florenciamiranda71@gmail.com</a> )	55
MORETTO, Milena ( <a href="mailto:milena.moretto@yahoo.com.br">milena.moretto@yahoo.com.br</a> )	109
MORITA, Junya ( <a href="mailto:morita@kinjo-u.ac.jp">morita@kinjo-u.ac.jp</a> )	38
NOVAKOVA, Iva ( <a href="mailto:iva.novakova@u-grenoble3.fr">iva.novakova@u-grenoble3.fr</a> )	113
NOWAKOWSKA, Aleksandra ( <a href="mailto:aleksandra.nowakowska@univ-montp3.fr">aleksandra.nowakowska@univ-montp3.fr</a> )	116
OLIVEIRA NASCIMENTO, Suelene Silva ( <a href="mailto:sueleneoliveira@gmail.com">sueleneoliveira@gmail.com</a> )	76
OLIVEIRA, Felipe Diogo de ( <a href="mailto:ferove@ig.com.br">ferove@ig.com.br</a> )	123
OLIVEIRA, Maria do Socorro ( <a href="mailto:msocorrooliveira67@gmail.com">msocorrooliveira67@gmail.com</a> )	81
OLIVEIRA, Teresa ( <a href="mailto:mtfoliveira@gmail.com">mtfoliveira@gmail.com</a> )	106
ONOFRE, Marília Blundi ( <a href="mailto:blundi@uol.com.br">blundi@uol.com.br</a> )	168
ONOFRE, Stéfano Grizzo ( <a href="mailto:tefo42@hotmail.com">tefo42@hotmail.com</a> )	171
OSÓRIO, Paulo ( <a href="mailto:pitrso@ubi.pt">pitrso@ubi.pt</a> )	134
PEREIRA, Luísa Álvares ( <a href="mailto:lpereira@ua.pt">lpereira@ua.pt</a> )	71
PIC, Elsa ( <a href="mailto:elsa.pic@univ-paris3.fr">elsa.pic@univ-paris3.fr</a> )	68
PINTO, Alexandra Guedes ( <a href="mailto:mapinto@letras.up.pt">mapinto@letras.up.pt</a> )	57
PINTO, Mariana Oliveira ( <a href="mailto:mariana.opinto@gmail.com">mariana.opinto@gmail.com</a> )	153
PINTO, Rosalice ( <a href="mailto:rosapinto1@netcabo.pt">rosapinto1@netcabo.pt</a> )	30, 35
PITA, Sara ( <a href="mailto:saratopete@ua.pt">saratopete@ua.pt</a> )	44
PRADO ALONSO, Carlos ( <a href="mailto:j.carlos.prado@uv.es">j.carlos.prado@uv.es</a> ; <a href="mailto:jocarpra@uv.es">jocarpra@uv.es</a> )	59
PRIA, Albano Dalla ( <a href="mailto:adallapria@gmail.com">adallapria@gmail.com</a> )	39
REZENDE, Letícia Marcondes ( <a href="mailto:leticia@fclar.unesp.br">leticia@fclar.unesp.br</a> )	169
ROCHA, Ana Virgínia L. da Silva ( <a href="mailto:anavirginalsr@gmail.com">anavirginalsr@gmail.com</a> )	132
ROCHA, Lúcia Helena Peyroton da ( <a href="mailto:lhpr@terra.com.br">lhpr@terra.com.br</a> )	89
RODRIGUES, Maria das Graças Soares ( <a href="mailto:gracasrodrigues@gmail.com">gracasrodrigues@gmail.com</a> )	125
ROSA, Adriana Letícia Torres da ( <a href="mailto:adrianarosa100@gmail.com">adrianarosa100@gmail.com</a> )	130
RUIZ DE ZAROBÉ, Leyre ( <a href="mailto:leire.ruizdezarobe@ehu.es">leire.ruizdezarobe@ehu.es</a> )	150
RUSSO, Valentina ( <a href="mailto:valent.russo@gmail.com">valent.russo@gmail.com</a> )	96
RUTKOWSKI, Paweł ( <a href="mailto:p.rutkowski@uw.edu.pl">p.rutkowski@uw.edu.pl</a> )	31
SALVAN, Geneviève ( <a href="mailto:Genevieve.SALVAN@unice.fr">Genevieve.SALVAN@unice.fr</a> )	117
SANTOS, Joana Vieira ( <a href="mailto:joana.vieirasantos@gmail.com">joana.vieirasantos@gmail.com</a> )	48

SANTOS, Letícia Adriana Pires Ferreira dos ( <a href="mailto:leticiaadriana13@gmail.com">leticiaadriana13@gmail.com</a> ).....	76
SANTOS, Maria de Fátima Silva dos ( <a href="mailto:fatimasena2006@yahoo.com.br">fatimasena2006@yahoo.com.br</a> ).....	83
SEARA, Isabel Roboredo ( <a href="mailto:Isabel.Seara@uab.pt">Isabel.Seara@uab.pt</a> ).....	53
SIBALDO, Marcelo Amorim ( <a href="mailto:sibaldo@gmail.com">sibaldo@gmail.com</a> ).....	97
SILVA, Alexandre Batista da ( <a href="mailto:ale-batista@ig.com.br">ale-batista@ig.com.br</a> ).....	63
SILVA, Cláudia Roberta Tavares ( <a href="mailto:claudiarobertats@gmail.com">claudiarobertats@gmail.com</a> ).....	97
SILVA, Fabrício Oliveira da ( <a href="mailto:faolis@ig.com.br">faolis@ig.com.br</a> ).....	139
SILVA, Juliana Gava Bissoto e ( <a href="mailto:gava_juliana@hotmail.com">gava_juliana@hotmail.com</a> ).....	62
SILVA, Luciana Pereira da ( <a href="mailto:silvapereiralu@gmail.com">silvapereiralu@gmail.com</a> ).....	137
SILVA, Maria Encarnação ( <a href="mailto:esilva@eselx.ipl.pt">esilva@eselx.ipl.pt</a> ).....	154
SILVA, Mariana ( <a href="mailto:mariana_msilva@hotmail.com">mariana_msilva@hotmail.com</a> ).....	60
SILVA, Paulo Nunes da ( <a href="mailto:Paulo.Silva@uab.pt">Paulo.Silva@uab.pt</a> ).....	48
SILVA, Valney Veras da ( <a href="mailto:valney@manancial.org.br">valney@manancial.org.br</a> ).....	120
SILVA, Vera Lúcia Paredes ( <a href="mailto:vparedessilva@gmail.com">vparedessilva@gmail.com</a> ).....	122
SILVA, Wagner Rodrigues ( <a href="mailto:wagnerrodriguesilva@hotmail.com">wagnerrodriguesilva@hotmail.com</a> ).....	65
SIMÕES, Darcilia ( <a href="mailto:darciliasimoes@gmail.com">darciliasimoes@gmail.com</a> ).....	134
SORBA, Julie ( <a href="mailto:Julie.Sorba@u-grenoble3.fr">Julie.Sorba@u-grenoble3.fr</a> ).....	113
SOUZA JÚNIOR, Rivaldo Capistrano de ( <a href="mailto:r.capistrano@uol.com.br">r.capistrano@uol.com.br</a> ).....	70
SOUZA, Mônica dos Santos.....	89
SOUZA, Santinho Ferreira de.....	89
SOUZA, Wander Emediato de ( <a href="mailto:wemediato@hotmail.com">wemediato@hotmail.com</a> ).....	91
TEIXEIRA, Carla ( <a href="mailto:carla.teixeira@fcsb.unl.pt">carla.teixeira@fcsb.unl.pt</a> ).....	166
TEIXEIRA, Madalena ( <a href="mailto:madalena.dt@gmail.com">madalena.dt@gmail.com</a> ).....	136
TOMAZI, Micheline Mattedi.....	89
TOSATTI, Natália Moreira ( <a href="mailto:nataliatosatti@yahoo.com.br">nataliatosatti@yahoo.com.br</a> ).....	147
VALE, Flávia B. M. Hirata ( <a href="mailto:fbmhvale@gmail.com">fbmhvale@gmail.com</a> ).....	85
VALENTIM, Duane ( <a href="mailto:duanevalentim@gmail.com">duanevalentim@gmail.com</a> ).....	170
VAN RAEMDONCK, Dan ( <a href="mailto:dvanraem@ulb.ac.be">dvanraem@ulb.ac.be</a> ).....	145
VÁZQUEZ RUIZ, Selene ( <a href="mailto:selenevr@hotmail.com">selenevr@hotmail.com</a> ).....	148
VOLPINI, Sílvia Pires ( <a href="mailto:silvolpini@gmail.com">silvolpini@gmail.com</a> ).....	163
ZHENG, Yi ( <a href="mailto:zhengyi1728@hotmail.com">zhengyi1728@hotmail.com</a> ).....	50
ZULAICA-HERNÁNDEZ, Iker ( <a href="mailto:izulaica@iupui.edu">izulaica@iupui.edu</a> ).....	73



## **Resumos / Abstracts**



**Conferências plenárias / Plenary conferences**

## La digitalización de la enseñanza de la lectura y la escritura

**Daniel Cassany**

(*Poble Nou. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona*)

El objetivo de esta ponencia es resumir los cambios más relevantes que plantea la implantación generalizada en la sociedad de Internet para la enseñanza de la lectura y la escritura en la educación. Para ello, revisaremos brevemente los conceptos más relevantes dentro de las TIC (Tecnologías de la Información y la Comunicación), en la primera parte, para centrarlos a continuación en los cambios que provocan estos conceptos en las prácticas de lectura y escritura en el aula y fuera de ella.

En la primera parte comentaremos los diferentes modelos de introducción de tecnología en la escuela que se han planteado en los últimos años, como la sala de computación o laboratorio informático, el salón equipado (con *datashow* y computador), el modelo OLPC [*One Laptop per Child*] o 1x1 y el modelo más reciente BYOD [*Bring Your Own Device*]. También comentaremos los diferentes componentes que se han añadido al aula tradicional física, como el Entorno Virtual de Aprendizaje (EVA), que en muchos centros es conocido como Aula Virtual, *Moodle*, *Blackboard* (o con otros entornos o programas). También exploraremos la utilidad del más reciente concepto de Entorno Personal de Aprendizaje (EPA), que plantea el reto de enseñar a los alumnos a aprender en línea con los recursos virtuales, dentro y fuera del aula (con las carpetas de Favoritos o programas específicos como *Diigo*). Finalmente, exploraremos el papel que desarrollan las Redes Sociales (*Facebook*, *Twitter*, *WhatsApp*), como espacio de interacción entre los alumnos y entre los alumnos y el exterior.

En la segunda parte, describiremos, analizaremos y ejemplificaremos los cambios más relevantes que provoca este nuevo entorno de aprendizaje de la literacidad, como la emigración del papel a las pantallas y teclados, la llegada de géneros digitales nuevos (blogs, foros, chats, docs compartidos, etc.) o el aprovechamiento de recursos lingüísticos digitales (verificador ortográfico, traductor, conjugador, diccionarios, Wikipédia, etc.). Para este punto usaremos datos empíricos del proyecto competitivo de investigación IES2.0, que ha entrevistado a decenas de profesores y alumnos y que ha observado clases y recogido documentos reales de trabajo.

Web del proyecto de investigación: <https://sites.google.com/site/ies201x1/home>

Web del ponente: [http://www.upf.edu/pdi/daniel\\_cassany/](http://www.upf.edu/pdi/daniel_cassany/)

**A Discourse Traditions approach to Grammaticalization:  
cultural and discourse-oriented reflections on syntactic change**

**Bert Cornillie**  
(*KU Leuven*)

Discourse traditions are “moldes normativos convencionalizados que guían la transmisión de un sentido mediante elementos lingüísticos tanto en su producción como en su recepción” (Oesterreicher 1997: 20). They are sometimes associated with discourse genres (Company Company 2012), but can also refer to different low-level discourse practices within established discourse genres (Kabatek 2013). Crucially, Discourse Traditions range from Communicative Immediacy (i.e. spoken and written interaction) to Communicative Distance (i.e. lack of interaction) (Koch & Oesterreicher 1985). In this presentation I will show that the actualization of grammatical change cannot be accounted for without examining Discourse Traditions.

I will first discuss the role of discourse organization and constructional environments in grammatical change. Petré (2014) shows how the Old English copular verb *weorðan* ‘become’ disappears due to its association with inversion. Brinton (1996) describes the role of framing subordinate clauses in the development of [BE *Ving*] in late Middle English. Eventually, [BE *Ving*] acquires a framing function in main clauses. Similar patterns can be examined for the pronominal passive in preclassical Spanish, which in the second half of the 15<sup>th</sup> century expands to the detriment of the periphrastic passive. These instances of discourse organization illustrate how specific discourse settings are the locus of change. We will link them to the changing reception of Discourse Traditions.

Secondly, I will focus on the role of Latin in the syntactic elaboration processes experienced by the languages of Europe. It is established knowledge that the written syntax of many European languages is heavily indebted with Latinate Discourse Traditions (cf. Blatt 1957). Yet, Latin also provoked other types of vernacular syntactic elaboration (cf. Cornillie & Octavio de Toledo 2015). In this paper I will deal with two of them: (i) syntactization and (ii) the grammaticalization of calques. Syntactization (Givón 1979) refers to the increasing tendency to syntactically encode what before was implicitly conveyed, e.g. the shift from medieval parataxis to renaissance hypotaxis. Interestingly, some of the new syntactic tools were commonly used in Latin (e.g. subordinating conjunctions), whereas others were not (e.g. anaphoric use of articles, some auxiliaries). Hence, Latin influence goes beyond the level of constructions and touches upon the discourse structure of a language. (ii) The auxiliary construction with *amenazar* or *threaten* + infinitive arises from a Latin calque, without being a calque itself. The shift from a nominal construction (e.g. *minare ruinam – amenaza ruina*) to an auxiliary (e.g. *amenaza de se caer*) involves further grammaticalization. Interestingly, this happens in many Western European languages at a different moment of the history. I will show that the auxiliary construction shows up at times when specific national languages flourish. Hence, the competition with Latin motivated new grammatical solutions explains the different diachrony of similar constructions in Latinate Discourse Traditions: Spanish auxiliary *amenazar* + infinitive arises at the end of the 15<sup>th</sup> century, whereas the Dutch counterpart *dreigen* only does so in the 17<sup>th</sup> century.

Finally, I will address the question of supporting constructional features and the actualization of grammaticalized calques. The success of the so-called subject-raising construction in English (e.g. *You are expected to leave rooms tidy*) is often explained in terms of Latin influence. Yet, if this were the only factor, the construction would be more pervasive in other languages of Europe such as Romance. Hence, the high frequency in English may also have a language-internal reason. Noël (2008) suggests the construction was favoured in Late Modern English by a new English rule that subjects must be topics.

The double association with Latinate and vernacular syntax makes its study especially interesting.

### References

- Blatt, Franz. 1957. Latin influence on European syntax. *Travaux du Cercle Linguistique de Copenhague* 11: 33-69.
- Brinton, Laurel J. 1996. *Pragmatic markers in English: Grammaticalization and discourse functions*. Berlin – New York: Walter de Gruyter.
- Company Company, Concepción. 2012. Condicionamientos textuales en la evolución de los adverbios en –mente. *Revista de Filología Española* 92: 1. 9-42.
- Cornillie, Bert & Álvaro Octavio de Toledo y Huerta. 2015. The diachrony of subjective amenazar ‘threaten’. On Latin-induced grammaticalization in Spanish, In A. D. M Smith, G. Trousdale & R. Waltherit (eds), *New Directions in Grammaticalization Research*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 187-208.
- Givón, Talmy. 1979. *On Understanding Grammar*. Ch. 5, Syntactization. New York: Academic Press.
- Kabatek, Johannes. 2013. ¿Es posible una lingüística histórica basada en un corpus representativo? *Iberoromania* 77(1): 8-28.
- Koch, Peter & Wulf Oesterreicher. 1985. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte. *Romanistisches Jahrbuch* 36: 15-43.
- Noël, Dirk. 2008. The Nominative and Infinitive in Late Modern English: A diachronic constructionist approach. *Journal of English Linguistics* 36: 314–340.
- Oesterreicher, Wulf. 1997. Zur Fundierung von Diskurstraditionen, In Frank, Barbara; Haye, Thomas & Tophinke, Doris (eds). *Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit*. Tübingen: Narr, 19-41.
- Petré, Peter. 2014. *Constructions and Environments: Copular, Passive, and Related Constructions in Old and Middle English*. Oxford: Oxford University Press.

## **La phrase à prédicat non verbal dans différents genres de discours : structure et rôle textuel**

**Michèle Monte**

*(Université de Toulon, laboratoire Babel)*

Les énoncés à prédicat verbal sont majoritaires dans les langues européennes tant à l'écrit qu'à l'oral. Néanmoins, dans certains genres ou dans certaines configurations, les énoncés à prédicat non verbal sont fréquents, voire majoritaires, mais, parmi la diversité des structures possibles, il semble que chaque genre privilégie telle ou telle structure en fonction des besoins de l'interaction.

Cet exposé proposera tout d'abord une définition de la phrase à prédicat non verbal, en montrant la complexité des critères en jeu, puis, s'attachant à la diversité des énoncés averbaux, il en proposera une analyse mettant en évidence l'importance de la notion de repère pour comprendre le fonctionnement de ce type d'énoncés et la façon dont ils s'articulent au texte qui les accueille et à la situation dans laquelle ils s'inscrivent.

Dans une deuxième partie, je montrerai que les genres de textes dans lesquels les phrases à prédicat non verbal sont fréquentes sélectionnent chacun un certain type de structure en fonction des besoins communicationnels et des positionnements énonciatifs qui les régissent. Dans les genres non routiniers, qui admettent une grande variété de scénographies, le type de phrases averbales observable peut être un bon indice des enjeux sémantiques et pragmatiques sous-jacents. J'en prendrai pour exemple l'emploi contrasté des énoncés averbaux dans *Illuminations* de Rimbaud et *Les Ardoises du toit* et *Sources du vent* de Pierre Reverdy.

**Mots clés:** phrase averbale, prédication linguistique, genres textuels, interaction syntaxe/sémantique, Rimbaud, Pierre Reverdy

**Eixo 1. Das configurações textuais/discursivas às formas e construções linguísticas —  
Axis 1. From textual/discursive configurations to linguistic forms and constructions**

## **Agir empreendedor e figuras competenciais: análise da materialidade linguístico-textual**

**Rosalice Pinto**  
(CLUNL, Portugal)

O termo *empreendedorismo*, no atual mundo globalizado, assume uma crescente atenção nos diversos segmentos sociais, tanto no âmbito político, quanto acadêmico. Definido de forma genérica como *o processo de identificação e de exploração de determinada oportunidade de negócio*, uma atitude empreendedora é estimulada pelos diversos sectores da sociedade, como um dos motores do desenvolvimento mundial no século XXI (Dorneles, 2012; Sarkar, 2014). Devido à importância que este tema tem no âmbito português e mundial, este trabalho, centrado essencialmente em subsídios teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (Bulea, 2010; Bronckart, 2014; Bulea & Bronckart, 2005), procurará mostrar de que forma o *agir empreendedor* pode vir a ser materializado linguístico-textualmente. No intuito de atingir este objetivo, devem ser evidenciados tanto o papel dos agrupamentos temáticos (subtemas) associados a este agir, quanto a sua semiotização discursiva (tipos de discurso a eles associado, eixos de referência e localização temporal, marcas de agentividade, relações predicativas envolvidas). Considera-se que, a partir da configuração linguística das *formas de interpretar o que venha a ser o empreendedorismo* em função de *referentes* diversos, poder-se-ão definir as *figuras competenciais* associadas a esse agir. Dessa forma, parte-se da hipótese da existência de grupos de configurações linguísticas específicas que podem vir a retratar diferentes formas de pensar e interpretar o *agir empreendedor*, variáveis de acordo com a diversidade referencial. Para fins analíticos, serão selecionados trechos de algumas transcrições de *debates de ideias* sobre a temática *ação empreendedora* efetuados junto a graduandos de 1º ano, inseridos em universidades públicas e privadas portuguesas, em faculdades portuguesas distintas.

**Palavras-chave:** agir; empreendedorismo; figuras competenciais; materialidade linguística; interacionismo sociodiscursivo

### **Referências bibliográficas**

- Bronckart, J.-P. (2014). Les genres de textes, cadres organisateurs de la 'vraie vie' des signes. In: Michèle Monte & Gilles Philippe. *Genres & Textes. Déterminations, évolutions, confrontations*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, p.39-48.
- Bulea, E. (2010). *Linguagem e efeitos desenvolvimentais da interpretação da atividade*. São Paulo: Mercado das Letras.
- Bulea, E. & Bronckart, J.-P. (2005). Pour une approche dynamique des compétences (langagières). In: J.-P. Bronckart; E. Bulea et M. Pouliot (ed). *Repenser l'enseignement des langues : comment identifier et exploiter les compétences*. Lille: Presses Universitaires de Septentrion.
- Dornelas, J. (2012). *Empreendedorismo – Transformando Ideias em Negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora.

## Analyzing sign language corpus data as a pathway to understanding the convergence between grammar and text

Paweł Rutkowski

(University of Warsaw, Poland)

The aim of this paper is to present a new large-scale research project aimed at documenting the usage of Polish Sign Language (*polski język migowy*, usually abbreviated as PJM) and to discuss the perspectives of using this set of textual data as a starting point for a comprehensive analysis of the grammar of PJM. The methodological perspective assumed in this paper is that of corpus linguistics (i.e. a usage-based approach focusing on the quantitative analysis of empirical data, cf. Biber, Conrad, Reppen 1998, McEnery, Wilson, 1996).

Most of the available literature on PJM grammar is based on the intuitions of individual native signers rather than on representative samples of real language usage. This is understandable, of course, considering that PJM has no written form, is characterized by significant intra- and inter-signer variation, and, until recent developments in video technology, could not be recorded in a convenient way (cf. Lucas, 2003).

The main goal of the PJM corpus project that is currently being carried out at the University of Warsaw is to compile an extensive and representative collection of video material that will further form the basis of detailed grammatical and lexical analyses. The underlying idea is to record video clips showing Deaf people using PJM in a variety of different real-life (conversational) contexts. When completed, the project will involve approximately 150 informants. The PJM corpus is diversified geographically and the group of signers participating in the project is well balanced in terms of age and gender. Data is collected exclusively from signers who either have deaf parents or have used PJM since early school age.

Recording sessions always involve two signers and a Deaf moderator. The procedure of data collection is based on an extensive list of tasks to be performed by the two informants. Typically, the signers are asked to react to certain visual stimuli, e.g. by describing a scene, naming an object, (re-)telling a story, or explaining something to their partner. The elicitation materials include pictures, videos, graphs, comic strips etc. The raw material obtained in the recording sessions is further transcribed, tokenized, lemmatized, annotated, glossed, translated using the iLex software (cf. Hanke, 2004, Hanke, Storz, 2008).

The goal of the present paper is to give a detailed overview of the above procedures and to show sample clips extracted from the PJM corpus in order to illustrate the most important advantages and disadvantages of using corpus material as the basis of formulating grammatical generalizations. My aim is to show how the empirical study of spontaneous textual data may be instrumental in formulating accurate analyses about the grammar of a language that does not have a standardized form, i.e. is subject to significant inter-user variation. I would also like to discuss the difficulties and pitfalls of extracting grammatical information from this kind of discursive data.

### References

- Biber D., Conrad S., Reppen R., 1998, *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*, Cambridge.
- Hanke T., 2004, HamNoSys — representing sign language data in language resources and language processing contexts, [in:] LREC 2004, Workshop proceedings: Representation and processing of sign languages, ed. O. Streiter, C. Vettori, Paris, 1–6.
- Hanke T., Storz J., 2008, iLex — A Database Tool for Integrating Sign Language Corpus



Linguistics and Sign Language Lexicography, [in:] Construction and Exploitation of Sign Language Corpora. 3rd Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages, ed. O. Crasborn, T. Hanke, E. Efthimiou, I. Zwitserlood, E. Thoutenhoofd, Paris.

Lucas C., 2003, The Sociolinguistics of Sign Languages, Cambridge.

McEnery T., Wilson A., 1996, Corpus Linguistics, Edinburgh.

## Arquitetura enunciativa: contrato entre os tempos histórico e linguístico

Rebecca Marques Menezes

(Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Minas Gerais, Brasil)

A memória só é acessada por meio da performance. A monumentalização e a musealização (HUYSSSEN, 1996) são procedimentos que escancaram essa condição performática da memória. Uma cidade vista sob a perspectiva de seu plano arquitetônico (ALCÂNTARA, 1996) aponta para essa performance (ZUMTHOR, 2014) de lugares e monumentos (enunciados distintos) que dialogam para criar um sistema narrativo dominante (enunciação). Ouro Preto, em Minas Gerais, Brasil, por exemplo, vista sob sua perspectiva arquitetônica, pode ser comparada a uma cidade barroca (HANSEN, 1997) cujo plano cartográfico é claramente um ritual enunciativo religioso: as ruas convergem para as principais igrejas. Durante a caminhada pela cidade, monumentos secundários como passos, pontes, cruzeiros e chafarizes reforçam, indiciam e regulam a interpretação do cenário narrativo. Desse modo, a visita guiada, prática turística que conduz os visitantes nessa caminhada pelas cidades históricas, impõe-se como uma experiência enunciativa e performática extrema. A memória coletiva, nesse caso, só existe enunciativamente, isto é, no momento da enunciação. É um gesto do tempo presente. A visita guiada, assim, funciona como uma performance dessa memória irrecuperável. Irrecuperável porque os sujeitos que a requerem, guias e turistas, não a experienciaram; e irrecuperável porque a memória é representação, é perda e ganho narrativo. Transmissão e recepção formam um ato único que se repete sendo sempre criativamente modificado, essa memória narrativa conserva-se por meio de uma “movência” (ZUMTHOR, 2014) de uma “iterabilidade” (DERRIDA, 1972). Memória, performance e enunciação (BENVENISTE, 2006) são, nesse cenário, conceitos indissociáveis. A memória que se manifesta por meio da performance, e essa que, por sua vez, é sempre enunciativa.

Desse modo, empreende-se uma análise dos processos *enunciativos* – baseados principalmente nas discussões do linguista Émile Benveniste (2005, 2006) –, que são condição da narrativa dos guias de turismo, uma vez que esses sujeitos devem orientar suas falas por meio de determinadas categorias: a de *pessoa* (eu) e (tu), que também pode ser entendida como a (inter) *subjetividade* que atravessa todo discurso; a de *espaço* (aqui), e que nesse cenário referencia a espacialidade do conjunto arquitetônico; e a do *tempo* presente (agora), condição da visita, que é sempre um novo de novo, um esforço de atualização da espacialidade monumental da cidade. A visita guiada parece funcionar como um ritual enunciativo que estabelece um contrato entre o *tempo crônico*, histórico, localizado na monumentalidade de Ouro Preto, e o *tempo linguístico* da narrativa do guia, de sua enunciação, atualizando essa memória incorporada na arquitetura da cidade. Portanto, esta comunicação tem por objetivo analisar a categoria de *tempo* nas visitas guiadas, compreendendo-a não como uma expressão exclusiva do verbo, posicionamento recorrente nas Gramáticas Tradicionais (BECHARA, 2009; CUNHA & CINTRA, 2008) e que desconsidera as relações pragmáticas e “performáticas” do sistema da língua. O verbo, inclusive, é entendido para além de sua flexão, analisado em sua relação ao *tempo semântico* (BACK e MATTOS, 1972). Ou seja, o uso do tempo no português obedece à condição discursiva do enunciado, a regras enunciativas, é o contrato do homem com a língua, o espaço, o tempo.

**Palavras-chave:** Tempo. Enunciação. Performance. História. Arquitetura

### **Referências**

- ALCÂNTARA, Antônio Pedro Gomes de. A aparência das coisas. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico nacional** nº29. Brasília: IPHAN, 2001. Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.
- BACK, Eurico; MATTOS, Geraldo. **Gramática construtural da língua portuguesa**. São Paulo: FDT, 1972.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas: Pontes, 2005.
- BENVENISTE, É. **Problemas de linguística geral II**. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 2006.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

## Argumentação em textos jurídicos: estudos de caso portugueses e brasileiros

**Rosalice Pinto**  
(CLUNL, Portugal)

**Ana Lúcia Tinoco Cabral**  
(UNICSUL, Brasil)

Os textos de natureza jurídica são produzidos em contextos bem definidos (tribunais, escritórios de advocacia); por instâncias com papéis sociais bem definidos (advogados, juízes); e com objetivos bem específicos: peticionar, proferir uma decisão judicial. Na verdade, estão inseridos em gêneros textuais com alto grau de institucionalidade, decorrente de algumas características que lhes são prototípicas, principalmente relacionadas à composicionalidade – de acordo com próprias convenções estipuladas pelos Códigos de Processo Civil ou Penal. Contudo, esses textos também podem apresentar determinadas especificidades em função de aspectos estilísticos relacionados às escolhas perpetradas pelos agentes produtores dos documentos quando da defesa de determinado ponto de vista. Efetivamente a estes está atrelada uma dimensão argumentativa atendendo a um cariz predominante persuasivo, característico desses gêneros persuasivos. Face a esse contexto, esta comunicação, que se fundamenta em abordagens teóricas textuais/discursivas que privilegiam a influência de questões contextuais/genéricas na materialização linguística dos textos (Adam, 2011), especialmente no que tange à sua dimensão argumentativa (Amossy, 2012), apresenta dois objetivos: 1) descrever características genéricas relativas ao gênero *petição inicial e sentença judicial* em processos civis do Brasil e de Portugal; 2) observar as similitudes e especificidades das construções composicionais e estilísticas utilizadas nesses gêneros textuais nos dois países. No intuito de atingir esses objetivos, foram estudados alguns exemplares de petições iniciais e de sentenças judiciais durante o ano de 2014 nos dois países. Estudos preliminares, de cariz comparativo, apontam para a existência de diferenças significativas no que tange ao uso de organizadores textuais, das modalizações e da construção enunciativa dos textos.

**Palavras-chave:** gênero textual; argumentação; estilo; texto jurídico; processo civil

### Referências

- Adam, J-M. (2011). *A Linguística Textual - introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez
- Amossy, R. (2012). *L'Argumentation dans le discours*. Paris : Armand Colin
- BRONCKART J-P. (2014). Les genres de textes, cadres organisateurs de la « Vraie Vie » des signes, In. Michèle Monte et Gilles Philippe (org.). *Genres & Textes – Déterminations, évolutions, confrontations*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, p. 39-
- COUTINHO, M.- A. (2002). Perspectivas linguísticas sobre a noção de estilo, in Isabel Margarida Duarte, Joaquim Barbosa, Sérgio Matos, Thomas Hüsgen (orgs.). *Actas do XVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística da Universidade do Porto*, Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto, p. 41-54.
- SANDIG, B. (2009) O Texto como conceito prototípico. IN: WEISER, H. P. e KOCH, I. B. *V. Linguística Textual perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p. 47-72.

## Constructions and Constructional Changes around '*ser suposto* + N-fin CI'

José Pinto de Lima

(Universidade de Lisboa / CECC – Centro de Estudos de Comunicação e Cultura)

The present paper will deal with the construction '*ser suposto* + N-fin CI'<sup>1</sup>, a newcomer to Portuguese, exemplified in (1):

1) Do ponto de vista do sistema constitucional português, em que há uma Comissão Permanente que **é suposta assegurar**, em substituição, o funcionamento do Plenário (CRPC)

'From the point of view of the Portuguese constitutional system, in which there is a Permanent Commission that **is supposed to ensure**, in substitution, the functioning of the Plenum'

This construction, which we will label the 'personal *ser suposto* construction', can be taken to be a passive structure with explicit personal subject, formed by the auxiliary *ser* ('be') and the past participle of the verb *supor* (resulting in *ser suposto*), followed by an objective non finite clause. It originated by language contact from English *be supposed* + N-fin CI. Adopting the framework of construction grammar, as defined by Goldberg (1995, 2006), Bergs/ Diewald (eds.) (2008) and Traugott/ Trousdale (2013), as well as the usage-based grammar conceptions of Bybee (2010), we will inquire into the emergence of '*ser suposto* + N-fin CI' and its subsequent developments in terms of constructional changes and constructionalizations. Although language contact is undoubtedly at the root of the construction, the previous existence or availability in Portuguese of an impersonal construction *ser suposto que* + Fin CI<sup>2</sup> raises the question of what role this impersonal construction might have played in the first stages of the personal construction, and of how the two constructions have interacted later in the setting of a syntactic/ semantic network. In fact, our construction can also be looked at as the result of a predicate-raising process whose input is the impersonal '*ser suposto* + N-fin CI' construction. Other questions we intend to tackle in the paper are:

- How did the emergence of the personal *ser suposto* construction disrupt or alter the paradigm of passive constructions with *ser* ('to be') in Portuguese?
- What relations link the personal *ser suposto* construction to other recent personal passive constructions, such as e.g. '*estar previsto* + N-fin CI' or '*ser esperado* + N-fin CI', as exemplified in (2) and (3)?

2) São 18 horas e 40 minutos e a sessão **está prevista durar** até às 20 horas e 30 minutos.

It is 18.40 and the session **is scheduled to last** until 20.30.

3) taxas de juro que o euro **é esperado proporcionar**  
interest rates that the euro **is expected to proportionate**

- Are there generalizations to be made concerning the semantics of the new passive personal constructions? Indeed, the data available seem to indicate that the verbs in these constructions all evince epistemic values.

Taking a broader view, some comments seem to be in order as to the relation between these personal passive constructions and other recent raising constructions such as the one (4) exemplifies.

---

<sup>1</sup> N-inf CI = Non-finite Clause.

<sup>2</sup> Fin CI = Finite Clause.

4) As mudanças que **são necessárias fazer** no Sporting foram discutidas

**Palavras-chave:** construções / gramaticalização / passivas / valores modais e epistêmicos

### **Corpus**

CRPC – *Corpus de Referência do Português Contemporâneo (version v2.3 POS fine-grained)*. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL).  
[<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPnet/>]

### **References**

- Bergs, Alexander/ Gabriele Diewald (eds.) (2008). *Constructions and Language Change*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.
- Bybee, Joan (2010). *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Goldberg, Adele E. (1995). *Constructions. A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago and London: Chicago University Press.
- Goldberg, Adele E. (2006). *Constructions at Work. The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press.
- Traugott, Elizabeth C./ Graeme Trousdale (2013). *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press.

## **Contextually-motivated word formation: complex words that rise in the comparison and contrast of separate entities or processes**

**Junya Morita**

(Kinjo Gakuin University, Japan)

1. The aim of the present study is to reveal some properties of contextually-related word formation (WF) to give empirical evidence for the antilexicalism approach. After outlining the theoretical background (§2), we show that complex words are productively coined in the syntactic/discursive environments of comparison and contrast (§3) and propose that it may relax restrictions on morphological operations to expand grammatical potential (§4). The gist of each section is given below.

2. Lexicalism, claiming that WF is made only within the lexicon, had constituted the generative linguistic mainstream until the mid '80s. However, as syntactic mechanisms have turned out to be operative in WF, antilexicalism—syntactic WF—has been gaining power. The leader of antilexicalism is Distributed Morphology (Halle and Marantz (1994)), which provides persuasive theoretical arguments for the position. This model also needs strong empirical arguments: to describe and explain under what circumstances word creation occurs (cf. Rice and Prideaux (1991)). This is the central concern of this study.

3. One process or entity is lexically encoded in relation to the other; novel verbs can be invented to make a direct comparison between two contrastive processes, as in “it’s something that’s *happened* and you can’t make it *unhappen*” (cf. Quirk et al. (1985:1438-1442)). Assuming that hapax legomena in a large corpus are lexical inventions (Baayen and Renouf (1996)), all the hapaxes of twelve kinds of affixes are extracted from the 100-million-word BNC and relevant hapaxes are closely analyzed. Similar research is conducted for Japanese. Their occurrence environments are classified into three main types: (I) “anaphoric” environment where words are constructed depending on the prior correspondent phrases (e.g. “Not *just reading*, but *Sherlock Holmesing* for clues”), (II) “cataphoric” where newly created words are presented before their comparable phrases (“the combination of *person-specificity* of cloning and *the generality of mapping*”), and (III) “listing” where someone/something is characterized by a series of labels including new creations (“I can *outbox*, *outrun*, and *outlift* anybody”). The patterns for these creations are various: prefixation, suffixation, compounding, and conversion. It is shown from observational evidence that online WF in the comparison/contrast contexts provides a constant supply of new labels when they are required, thereby confirming syntactic WF.

4. WF outputs are generally subject to constraints imposed on lexical categories ( $X^0$ ), one of which is “Domain size restriction” (DSR), which bans a phrase within  $X^0$  (\*[[*the egg*] *laying*]<sub>N</sub>) (Emonds (2005:235)). The word creation at issue may neglect DSR, though, as in “... traffic is thinner at movies and restaurants as the *out-of-towners* have not kept pace with the *let’s-get-out-of-towners*.” It may also ease the conditions on individual WFs as in “*deforested* and then *depigged* (*de-everythinged*, in fact),” where the base of *de-* WF is pronoun as opposed to noun, and “When I *want something* I get it. I’m a *slow-wanter*,” where the base verb of *-er* WF is stative instead of dynamic. Further, the prevalence of “irregular” coinages triggered by the contextually-induced WF may serve to alleviate the existing morphological constraints to promote word creation in other contexts.

## **Contributos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para a fundamentação formal do texto no domínio da tradução**

**Albano Dalla Pria**

*(Universidade do Estado de Mato Grosso)*

O objetivo desta comunicação é contribuir para uma reflexão mais profunda sobre o que tem sido entendido por “texto” no domínio da tradução. Essa contribuição é o resultado de pesquisas que temos desenvolvido no domínio linguístico junto à Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (Culioli, 1990; 1999a; 1999b) em articulação com o domínio da tradução. Nesse domínio, está sempre presente a problemática da adequação cultural (identificação ou não do conteúdo) de um texto *A* com um texto *B*, quando *B* pretende ser a tradução de *A*. Se, por um lado, a identificação absoluta de *A* com *B* é imprescindível para um determinado grupo de tradutores (a exigência da total adequação cultural), por outro lado, não o é para outro determinado grupo, que suprime distinções entre *A* e *B* em favor de uma identidade outra que nunca se identificará totalmente com uma identidade determinada (o absoluto da impossibilidade da adequação). Esses dilemas são tributários de uma certa cosmovisão, mas não é nosso objetivo discuti-los nesta comunicação. Nossa opção foi por articular as invariantes formais (operações) da linguagem que estão subjacentes aos textos traduzidos com a busca dos sujeitos pela adequação cultural na atividade de tradução.

Para tanto, analisamos os textos de (1) a (13) abaixo, extraídos de Zavaglia (2002). Todos são resultantes da tradução de *Ce que nous étions serrés sur cette plate-forme d'autobus!* (Queneau, 1998: 13). Se, por um lado, os enunciados do 1º Bloco, produzidos por brasileiros experientes na tradução da língua francesa, exibem maior grau de adequação cultural do que aqueles do 2º Bloco, produzidos por brasileiros aprendizes de francês língua estrangeira, por outro lado, isso não implica que tal adequação não tenha sido buscada pelos sujeitos que produziram os enunciados do 2º Bloco, nem implica que os enunciados do 1º Bloco não tenham resultado dessa busca pelos sujeitos que os produziram.

### **1º Bloco: processos quantitativos preponderantes, ratificação nocional e construção do alto grau.**

- (1) Que aperto na traseira! (tradução publicada de Luiz Resende (Queneau, 1995: 24))
- (2) Que aperto naquele ônibus! (tradução não publicada de Zavaglia (2002: 291))

### **2º Bloco: processos quantitativos preponderantes, reorientação nocional, propriedades diferenciais.**

- (3) Nós estamos sobre a plataforma do ônibus!
- (4) Nós estávamos sobre aquela \_\_\_ de ônibus.
- (5) Nós estávamos parados sobre este ponto de ônibus!
- (6) Isto que nós estávamos \_\_\_ sobre esta plataforma de auto ônibus!
- (7) O que nós cidadãos sérios \_\_\_ plataforma do ônibus.
- (8) Nós estávamos na estação sobre esta plataforma de ônibus!
- (9) Eis que nós estávamos resguardados sob a plataforma do ônibus
- (10) Eis que nós estamos em pé nesta plataforma de ônibus!
- (11) Nós estávamos presos sobre esta plataforma de ônibus!
- (12) Nós estivemos sérios na plataforma do ônibus.
- (13) O que nós \_\_\_ sobre essa plataforma de ônibus!

Na origem desses enunciados está a léxis </alguém/ /apertar/ /sobre a plataforma do ônibus/>. Para o 1º Bloco, temos a construção da existência de uma ocorrência de predicado



em base predicativa (< ( ) apertar ( ) >) ou a delimitação qualitativa por processos quantitativos preponderantes em base predicativa (a alteridade considerada e descartada) e a ratificação nocional, através da construção do alto grau (*Que aperto!*). Para o 2º Bloco, temos a construção (do modo de ser) do predicado (que existe) em base argumental (< alguém ( ) sobre a plataforma de ônibus >) ou a delimitação qualitativa da existência da representação por processos qualitativos preponderantes (a alteridade sustentando a representação) e a reorientação nocional através de propriedades diferenciais.

Essas análises reforçam nossa tese (Pria, 2014) de que todo texto traduzido (mas também o texto de partida) é um construto (um resultado visado) da “atividade (trabalho) cognitiva (operações) dos sujeitos sobre uma materialidade que se encontra construída em uma cultura” (Pria, 2014: 117). Como tal, todo texto traduzido traz as marcas da busca por adequação cultural pelos sujeitos tradutores.

**Palavras chave:** Texto, Tradução, Identidade, Identificação, Fundamentos

**Referências:**

- Arrojo, Rosemary (1986) *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática.
- Culioli, Antoine (1990) *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. Paris: Ophrys. Tome 1.
- Culioli, Antoine (1999a) *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys. Tome 2.
- Culioli, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b. Tome 3.
- Nergaard, Siri (1995) (org.) *Teorie contemporanee della traduzione*. Milano: Strumenti Bompiani.
- Pria, Albano Dalla (2014) A atividade de tradução e a articulação da invariância com a variação. In Albano Dalla Pria, Edileusa Gimenes Moralis, Valéria Faria Cardoso-Carvalho & Gislaïne Aparecida de Carvalho (orgs.) *Linguagem e línguas: invariância e variação*. 1. ed. Campinas: Pontes, pp. 111-120.
- Pria, Albano Dalla (2013) A especificidade linguística e não-linguística em articulação com a atividade de linguagem. *Signo* (Online), v. 38, pp. 50-65.
- Queneau, Raymond (1995) *Exercícios de estilo*. Trad. Luiz Resende. Rio de Janeiro: Imago.
- Queneau, Raymond (1998) *Exercices de style*. Paris: Gallimard.
- Zavaglia, Adriana (2002) *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. Tese de doutorado. Araraquara/SP, UNESP.

## Corpus design for contrastive studies of verbal aspect

**Edyta Jurkiewicz-Rohrbacher**

(Univ. Helsinki, Finland)

I will discuss the problem of designing a corpus to serve grammatical studies. The issue is exemplified with a contrastive study of verbal aspect in Polish and its Finnish equivalents.

In Polish, aspect understood as a classifying category based on binary opposition of perfective and imperfective is encoded in the verb structure, while in Finnish, aspectuality is not clearly marked and it cannot be observed on a level lower than a sentence or clause. Therefore, the correct use of Polish verbal aspect and its equivalents in Finnish is challenging e.g. for language learners and translators. For example while the Finnish equivalent of Polish verbal aspect opposition in (1.)

(1.) *Pisa<sup>3em</sup> list.*

[verb: praet:1:sg:masc:**imperf**] [subst:sg:acc:m] 'I was writing a letter.'

*Napisa<sup>3em</sup> list.*

[verb:praet:1:sg:masc:**perf**] [subst:sg:acc:m] 'I wrote a/the letter.'

is the direct object case opposition, as visible in (2.):

(2.) *Kirjoitin kirjettä.*

[verb:imperfekti:1:sg] [subst:sg:**part**] 'I was writing a letter.'

*Kirjoitin kirjeen.*

[verb: imperfekti:1:sg] [subst:sg:**gen**] 'I wrote a/the letter.'

it is the verb form in Finnish which marks the same difference, as shown in (3.) and (4):

(3.) *Siada<sup>3em</sup> na krzeæle.*

[verb: praet:1:sg:masc:**imperf**] [[prep:acc.loc] [subst:sg:loc:neutr] 'I was sitting (down) in the chair.'

*Usiad<sup>3em</sup> na krzeæle.*

[verb:praet:1:sg:masc:**perf**] [[prep:acc.loc] [subst:sg:loc:neutr] 'I sat (down) in the chair.'

(4.) *Olin istumassa tuolille.*

[**aux:imperfekti:1:sg**][**verb:3INF:iness**][subst:sg:adess] 'I was sitting (down) in the chair.'

*Istuin tuolille.*

[**verb:imperfekti:1:sg**][subst:sg:adess] 'I sat (down) in the chair.'

The study of parallel corpus data can be helpful in finding some regularities about the correlation between Polish verbal aspect and its Finnish equivalents, but material for such corpus must be collected meticulously, as aspect plays an important function at the level of discourse, e.g. in building situative and narrative passages (Bartnicka et al. 2004).

On the other hand, the material for corpora is usually collected according to some criteria external to the corpus due to practical reasons and so the corpus is often also characterised according to its thematic or genre structure. This is, thus, not sufficient in case of aspect studies, as texts originating from different thematic areas may share the same grammatical features, what decreases the validity and reliability of the comparison. For example the strength of correlation between Polish verbal aspect and Finnish direct object varies with regards to the ratio of generic and habitual sentences in text.

This sort of problems can be avoided if the data is checked and balanced with regard to some text type model which is oriented rather towards grammatical than lexical or sociological features. The main drawback of this approach is that applying very precise

models, as for example the text type profiles introduced by Biber (1988) are time consuming, because they require a pre-analysis of the material, while using too general models (e.g. Werlich 1976) might lead to the same trap as in case of structuring it according to features external to the corpus. A reasonable consensus between those two approaches can be applying a theoretical model of text types tailored to the grammatical phenomenon which is the object of research.

In the paper, I will show how Smith's (2003) model of Discourse Modes, which grew out of studies on tense and aspect, can be implemented in designing the structure of a parallel Finnish-Polish corpus. I compare it with a thematic structure of the corpus.

**Keywords:** Verbal aspect, Polish language, Finnish language, Text corpora, Text types

### **References**

- Bartnicka, B. et al. (ed). (2004). *Grammatik des Polnischen*. Munich.
- Biber, Douglas (1988). *Variation Across Speech and Writing*, Cambridge.
- Biber, D. (1993). Representativeness in Corpus Design, *Literary and Linguistic Computing*, 8(4), 243-257.
- Smith, C. (2003). Modes of discourse: The Local Structure of Texts. Accessed from <http://site.ebrary.com.libproxy.helsinki.fi/lib/helsinki/detail.action?docID=10069931>
- Werlich, E. (1976). *A Text Grammar of English*. Heidelberg.

## **Das configurações textual/discursivas híbridas de gêneros discursivos em emergência do Facebook**

**Vicente de Lima-Neto**  
(UFERSA, Brasil)

A chegada dos computadores, na década de 1970, e a da internet, na década de 1990, tem sido uma das grandes revoluções que provocaram mudanças comportamentais nas sociedades: comprar, ouvir música, realizar transações financeiras, viajar, estudar, aprender línguas e, é claro, comunicar-se. Novas necessidades enunciativas surgiram e, com elas, novos gêneros. A articulação de Linguagem e Tecnologia passou a ser, nos últimos dez anos, um fervoroso campo de pesquisa em diversas áreas das Ciências Sociais, como Educação, Comunicação, Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Semiótica Social, Análise de Gêneros e Linguística Textual, sendo as duas últimas às quais nos filiamos. Nosso objeto de pesquisa aqui será a configuração textual/discursiva híbrida dos gêneros discursivos em emergência na *web*, mais especificamente os que circulam em sites de redes sociais, como o Facebook. O objetivo, então, é investigar as misturas de gêneros que marcam formal e funcionalmente os enunciados que circulam no Facebook. Inserimo-nos num campo profícuo de pesquisas sobre gêneros, cuja base teórica é a interface entre perspectiva sociorretórica de gêneros (MILLER, [1984] 2009) e a Linguística de Texto (MARCUSCHI, 2002; KOCH, 2004). Além disso, atrelamos nossos estudos à perspectiva Miranda (2010), para as misturas de gêneros, e de Knobel e Lankshear (2008), sobre *remix*, categoria que explica como as configurações discursivas das culturas modernas influenciam diretamente o uso desses gêneros. Para atingir nosso objetivo, resgatamos de nosso *corpus* uma amostra de 10 exemplares de gêneros que costumeiramente aparecem no *mural* ou *feed de notícias* do Facebook, com dois critérios: o primeiro é de que haja, pelo menos, 50 “compartilhamentos” ou 50 “curtições” em cada um desses supostos gêneros. Esta condição se justifica pelo fato de, ao “compartilhar” e ao “curtir” algum elemento no Facebook, o interagente da rede reconhece e propaga uma determinada prática, o que faz com que ela circule socialmente. O segundo é que ele traga marcas de pelo menos dois gêneros discursivos distintos em sua configuração, marcando o que chamamos de mesclas de gêneros.

**Palavras-chave:** Gêneros discursivos. Remix. Emergência.

### **Referências:**

- KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. Remix: the art and craft of endless hybridization. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, 52 (1), September 2008, p. 22-33.
- KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros Textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.
- MILLER, C. Gênero como ação social. In: \_\_\_\_\_. **Estudos sobre gênero textual, agência e tecnologia**. DIONÍSIO, A. P.; HOFFNAGEL, J. C. (Org.). Trad. e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel et al. Recife: EDUFPE, [1984] 2009, p. 21-44.
- MIRANDA, F. **Textos e gêneros em diálogo: uma abordagem linguística da intertextualização**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

## Das marcas linguísticas à emergência do novo género “Mensagens de Final de Ano”

Sara Pita

(Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL)

A atividade política abrange um largo leque de situações de interação, o que implica, na linha do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), um ajuste da produção textual às características destas. Assim, os textos correspondem a materializações efetivas da realização de uma língua nessas situações comunicativas variadas, produzidos a partir da escolha de mecanismos estruturantes e de processos cognitivos. Apesar da heterogeneidade de escolhas, podem observar-se regularidades momentaneamente cristalizadas pelo uso que constituem os géneros textuais (Bronckart, 2006: 143).

Este artigo procurará, precisamente, expor algumas das regularidades organizacionais e linguísticas que podem vir a caracterizar o género textual “Mensagem de Final de Ano” observadas em intervenções políticas proferidas por chefes de estado e de governo de Portugal e do Brasil, a partir de subsídios teóricos do ISD (Bronckart, 1999, 2008) e da Análise Textual dos Discursos (Adam, 2008, 2011). Em segundo lugar, evidenciar a estreita ligação entre alguns parâmetros genéricos e as recorrências e/ou especificidades atestadas ao nível da materialização linguístico-textual dos textos analisados. Para atingir os objetivos propostos, observar-se-ão as formas e construções linguísticas que materializam alguns dos planos da arquitetura textual preconizados por Bronckart (1999, 2014), a saber: infraestrutura (organização temática e discursiva) e os mecanismos enunciativos (vozes e pontos de vista e atribuições modais). O estudo aqui apresentado incide sobre um *corpus* constituído por 14 intervenções políticas proferidas por chefes de estado e de governo de Portugal e do Brasil, de 2008 até ao momento, durante as festividades de Natal.

Os dados preliminares apontam para a utilização de uma estrutura organizativa recorrente, composta por exórdio, relatório das medidas desenvolvidas durante o ano, indicação das medidas a aplicar no ano seguinte, peroração. Em virtude desta organização, verifica-se uma alternância entre sequências descritivas, explicativas e argumentativas. Igualmente observável é o predomínio da implicação da voz do enunciador face ao enunciado, marcado pela recorrência do uso das primeiras pessoas do singular e do plural. A este soma-se o recurso a formas verbais no pretérito perfeito e imperfeito do Indicativo nos momentos de apresentação das medidas tomadas e do presente e futuro perifrástico (ir + infinitivo) aquando da indicação das ações futuras, que podem vir a caracterizar, respectivamente, a presença do relato interativo e do discurso interativo. Apesar destas características comuns, existem alguns traços diferenciadores entre mensagens de Portugal e do Brasil, nomeadamente o facto de, na peroração, se mencionarem as comunidades que vivem no estrangeiro e os militares destacados em todos os textos portugueses, numa clara tentativa de unificação do país. Por outro lado, ficou evidente que as mensagens brasileiras utilizam frequentemente sequências dialogais para interpelar o destinatário, ao passo que nas portuguesas tal só sucede de forma pontual.

Em virtude dos resultados obtidos, discutir-se-á brevemente a questão de um género textual poder apresentar características distintivas em função do ambiente social e cultural de que deriva.

**Palavras-chave:** género textual, interacionismo socio-discursivo, mensagens de final de ano, marcas linguísticas.

### Referências bibliográficas:

- ADAM, J.-M. (2008). *A linguística textual*. São Paulo: Cortez Editora.
- BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo socio-discursivo*. Trad. de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: EDUC.

- BRONCKART, J-P. (2004). « Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique ». *Langages*. Paris: nº153, p.98-108.
- BRONCKART, J.-P (2006). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Trad. Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas: Mercado de Letras.

**Describing descriptions as enunciative events :  
text type, discourse function and grammatical features**

**Christine Copy**

*(CRPHLL, Univ. Pau & Pays de l'Adour)*

Adam (2001) provides a underlying structure valid for all descriptions which pertains to the semantic global structure of the text and accounts for the way the text evolves into a structured set of information about a particular theme, but with no plot-component, *ie* the unraveling of the plot is suspended in descriptions. On the whole, this applies quite accurately to the following examples :

(1) In the first vehicle there was a man slumped dead over the wheel. Beyond were two more bodies lying in the gaunt yellow grass. Dried blood black on the ground. He stopped and listened. Nothing. The drone of flies. He walked around the end of the truck. There was a large dead dog there of the kind he'd seen crossing the floodplain. The dog was gutshot. Beyond that was a third body lying face down. (Cormac McCarthy, 2006, *No Country for Old Men*)

(2) From the entrance, on the right is a Guernsey kitchen of a hundred year ago, with a lady taking a loaf of bread out of the furze oven, a table set for dinner and many exemples of furniture and ustensils used at this time, including bacon rack, dresser, baby's high chair, wooden box mousetrap etc. (...) (Mc Gregor Eadie, 1981, *Blue Guide : The Channel Islands*)

Adam's contribution, however, focuses on thematic and stuctural features but does not address morphosyntactic features. Yet, examples (1) and (2) show that although both descriptions share some linguistic features (locative inversions, simple tenses, statives verbs, *etc.*), others are specific (existential constructions, verbless sentences, past *vs* present, *etc.*), hence a heterogeneous text type and the needs for parameters in order to account for morpho-syntactic variations within this particular text type.

In this presentation, these parameters are construed within the frame of the Culiolian Location Theory, as pertaining to a particular enunciative event. Discussing examples taken from contemporary anglophone novels as well as from travel guides, it is argued that the linguistic features in both sub-types of descriptions relate to the expression of a particular point-of-view in the enunciative sense of the term, that is the location of a state-of-affairs relative to a subjective source (Gournay 2006, Copy&Gournay 2009). Furthermore, specific points-of-view are considered as encompassing the co-enunciative relation in order to display a particular discourse fonction, *ie* the description conveying a character's point-of-view in a narrative *vs* the providing of factual information in a guide book. Finally, the compatibility of morphosyntactic features with certain text types is addressed so as to provide, within the Location Theory, a definition of texture in which the construction of meaning results from the encoding, at the utterance level, of subjective parameters (Gournay 2006) and, at the text level, of functional and pragmatic parameters (Copy 2008).

**Key words :** Description, text type, linguistic features, point-of-view, discourse function.

- ADAM, J.-M., 2001, *Les textes, types et prototypes*, 4e édition, Paris, Nathan Université.
- CULIOLI, A., 2002, *Variations sur la linguistique*, Paris, Klincksieck.
- COPY, C. & GOURNAY, L., 2009, "Locative inversion as evidence for a particular type of non-commitment", *Discours* [En ligne], 5 | 2009, <http://discours.revues.org/7355> ; DOI : 10.4000/discours.7355
- COPY, C., 2008, : *Débuts de contes et construction d'une situation en anglais et en français*, thèse de Doctorat de linguistique anglaise, soutenue en sept. 2008 Université Paris Diderot – P7. UFR d'Études Anglophones, UFRL.
- DORGELOH, H. & A. WANNER (eds), 2010, *Syntactic variation and genre*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter.
- GOURNAY, L., 2006, *Approche énonciative des catégories de marqueurs*, Habilitation à diriger des recherches soutenue en nov. 2006 à l'UFR d'Etudes Anglophones, Paris 7-Denis Diderot.



## Dinâmicas de género e de texto: entre plano convencional e plano ocasional nas teses de doutoramento da Universidade de Coimbra

**Joana Vieira Santos**

(Univ. Coimbra/CELGA)

**Paulo Nunes da Silva**

(Univ. Coimbra/CELGA)

O presente trabalho integra-se numa pesquisa mais vasta sobre géneros académicos, fundamentada no quadro do interacionismo socio-discursivo (Bronckart, 1996) e complementada por princípios e práticas do discurso académico em inglês (Swales, 2004; Hyland, 2009).

A investigação incide nos planos composicionais de teses de doutoramento apresentadas na Universidade de Coimbra e tem como principal objetivo mostrar como a diversidade e a regularidade dos planos refletem dinâmicas sociodiscursivas peculiares desta comunidade académica. Entre elas avultam as decorrentes da “reforma de Bolonha” e da aproximação a modelos internacionais – ambas plasmadas em regulamentações institucionais e em manuais, embora textualmente consubstanciadas de formas variáveis. Apesar da recente multiplicação de estudos sobre discurso académico, não existem ainda suficientes trabalhos sobre géneros académicos que incidam em dados do português, pelo que se justifica uma análise abrangente de propriedades recorrentes em textos do género *tese*.

O *corpus* é composto por cem teses tornadas públicas entre 2002 e 2012 na base de dados *Estudo Geral* (<https://estudogeral.sib.uc.pt/>) e contempla diferentes áreas disciplinares. A análise empírica adotou os conceitos de parâmetro de género, mecanismo de realização textual e marcador de género (Coutinho & Miranda, 2009), e incidiu quer nos títulos e subtítulos presentes nos índices, quer nos planos anunciados nas *introduções* e reiterados nas *conclusões*.

Os dados obtidos permitiram concluir que o plano de texto configura um parâmetro do género *tese de doutoramento*, materializado (i) nas regularidades observadas nos índices dos textos, (ii) nas indicações para a estruturação dos textos deste género, atestadas em manuais sobre práticas de redação, e (iii) nas normativas da própria instituição. Este parâmetro é, também, sustentado por (micro-)formas linguísticas (entre as quais se destaca a menção da palavra “plano”), pela estruturação das entradas do índice (que reproduz a organização hierárquica das partes da tese), e pela localização estratégica de determinados conteúdos: a apresentação do trabalho na *introdução*; o enquadramento teórico, a revisão da bibliografia e a apresentação de metodologias nas *secções / capítulos iniciais*; a apresentação e a discussão de dados, resultados ou propostas geralmente (mas não obrigatoriamente) nas *secções intermédias / de desenvolvimento*; as sùmulas, sínteses e anúncios de investigações futuras nas *secções finais* e na *conclusão*.

A análise permitiu distinguir planos de tipo *convencional* e de tipo *ocasional* (Adam, 2002), tomando como referência uma grelha tripartida (Swales, 2004; Hyland, 2009): a) modelo *IMRD* (*introdução – métodos – resultados – discussão*); b) modelo antológico (conjunto de artigos publicados / a publicar); c) modelo “complexo” (análise e discussão sucessivas de tópicos). Os mecanismos referidos sustentam, assim, dinâmicas de obediência a um plano convencional ou de inovação por meio da elaboração de um plano ocasional.

A diversidade dos planos sugere que não se encontram oposições taxativas, mas sim aproximações graduais a cada um dos polos, que dependem do cruzamento de fatores enunciativos e pragmáticos: as práticas da respetiva área disciplinar, o grau de imposição de um modelo pelo enquadramento institucional, o tema ou o tipo de investigação efetuada, os dados ou resultados e preferências individuais.

**Palavras-chave:** gênero acadêmico, tese de doutoramento, plano de texto, parâmetro de gênero

**Bibliografia**

- Adam, J.-M. (2002), “Plan de texte”. In Charaudeau, P., e D. Maingueneau (Org.), *Dictionnaire d’anaylse du discours*. Paris : Seuil, pp. 433-434.
- Bronckart, J.-P. (1996), *Activité langagière, textes et discours*. Paris : Delachaux et Niestlé.
- Coutinho, M.A., e Miranda, F. (2009). “To describe textual genres: problems and strategies”. In Bazerman, Ch., D. Figueiredo, e A. Bonini. (Org.), *Genre in a Changing World. Perspectives on Writing*. Fort Collins: The WAC Clearinghouse & Parlor Press, 35-55.
- Hyland, K. (2009), *Academic Discourse*. London: Continuum.
- Swales, J. (2004), *Research Genres*. New York: Cambridge University Press.

**Do Subject-Prominence and Topic-Prominence Really Matter?**  
**– An Analysis of the Null Subject in European Portuguese and Chinese**

**Yi Zheng**

*(Univ. Lisboa/CLUL, Portugal)*

Studies such as Li & Thompson 1976 divide languages into two groups: subject-prominent and topic-prominent. It is widely believed that the null subjects from the subject-prominent languages (such as Romance consistent null subject languages) are legitimated and identified by the rich verbal agreement (Rizzi 1986), while those from the topic-prominent languages (such as Eastern Asian discursive null subject languages) are recovered from the discourse. However, this study proposes that the null subjects from the subject-prominent languages may also depend on discourse factors. Based on the theories of topic and focus, this study will show that both European Portuguese and Chinese may use the same discursive strategy to drop the subjects, namely using the null subjects in the context of maintenance of topic (see examples (1) and (2)), and/or when referring to a prominent constituent (in line with the Accessibility theory of Ariel 2001 and the Position of Antecedent Hypothesis of Carminati 2002) (in European Portuguese, the prominent constituent is the local matrix subject, while in Chinese the prominent constituent is the topic introduced by the context, see examples (3) and (4)). These facts imply that both types of languages must obey an Economy Principle, such as the Avoid Pronoun Principle of Chomsky 1981, and suggest that it is the discourse factor that determines whether to use the subject in a certain context, no matter whether the language is topic-prominent or subject-prominent.

Nevertheless, to use null subjects when the discourse context favors their use, some basic syntactic requirements must be satisfied. For the subject-prominent languages in which verbal agreement and fusional nominative case are applied, there must always be a constituent (*pro*) to occupy the subject position to fulfill the  $\phi$ -feature valuing via agreement and receive the nominative case (Holmberg 2010, Roberts 2010). However, *pro* is only available in languages with rich agreement, such as Romance null subject languages. For a language which lacks rich agreement, the unavailability of *pro* will cause the collapse of the  $\phi$ -feature valuing and the attribution of case, if the subject is omitted. That is why English or French cannot drop subjects. However, for a topic-prominent language, such as Japanese and Chinese, there is no need for the subject position to be occupied to fulfill the  $\phi$ -feature valuing, as the agreement itself is absent in these languages (in line with Saito 2007). The only requirement for the omission of subjects in these languages is the agglutinative morphology for case or number (Neeleman & Szendrői 2007; Alcalá & Seligrat 2014) (see examples (5) and (6)).

In summary, this study shows that the null subjects of the subject-prominent languages may also depend on discursive factors and there is no major difference between the subject-prominent languages and the topic-prominent languages concerning the discursive strategies of omitting the subjects, as both types of languages must obey the Economy Principle. The only difference between the consistent null subject languages and the discourse null subject languages is that they use different mechanism to legitimate null subject in terms of syntax, namely feature valuing for the former and agglutinative morphology for the latter.

Examples:

(i) Both languages may use the null subjects in the context of maintenance of topic.

- (1) O João<sub>i</sub> chegou a casa. [-]<sub>i</sub> Comeu uma maçã.  
the John arrived to home [-] ate an apple  
'John arrived home. (He) ate an apple.'

- (2) Zhangsan<sub>i</sub> huida<sub>o</sub> jia. [-]<sub>i</sub> Chi le yi ge pingguo.  
 Zhangsan arrive home [-] eat PST one CLF apple  
 ‘Zhangsan arrived home. (He) ate an apple.’
- (ii) Both languages may use the null subjects when referring to a prominent constituent.
- (3) O Pedro<sub>i</sub> disse ao Tiago<sub>i</sub> que [-]<sub>i</sub> comprou um carro.  
 the Peter told to+the Tiago that [-] bought a car  
 ‘Peter told Tiago that (he) bought a car.’
- (4) Context: Lisi<sub>j</sub> xiangzhidao Zhangsan<sub>i</sub> mai le shenme.  
 Lisi wonder Zhangsan buy PST what  
 ‘Lisi wondered what Zhangsan bought.’  
 Zhangsan<sub>i</sub> gaosu Lisi<sub>j</sub> [-]<sub>i</sub> mai le yi liang che.  
 Zhangsan told Lisi [-] buy PST one CLF car  
 ‘Zhangsan told Lisi that (he) bought a car.’
- (iii) The Japanese case markers.
- (5) *ga* – nominative  
*wa* – topic  
*o* – accusative  
*ni* – dative
- (iv) The Chinese plural marker ‘*men*’.
- (6) *wo* – 1\_SG *wo-men* – 1\_PL  
*ni* – 2\_SG *ni-men* – 2\_PL  
*ta* – 3\_SG *ta-men* – 3\_PL

**Key words:** Subject-prominent languages, Topic-prominent languages, Null subject, Economy Principle, Feature valuing.

**References:**

Ariel, M. 2001. Accessibility theory: an overview. In Sanders, T., Schilperoord, J. & Spooren, W. (eds.). *Text representation: linguistic and psycholinguistic aspects*. Amsterdam: J. Benjamins Publishing Co.

Carminati, M. N. 2002. *The processing of Italian subject pronouns*. PhD dissertation, University of Massachusetts at Amherst, Amherst (Ma): GLSA Publications.

Holmberg, A. 2010. Null Subject Parameters. In T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts & M. Sheehan (eds.) *Parametric Variation: Null subjects in minimalist theory*, 88-124. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Li, C. N. & S. A. Thompson 1976. Subject and topic: A new typology of language. In *Subject and topic*, ed. by C. N. Li, 457-471. New York: Academic Press.

Neeleman, A. & K. Szendrői 2007. “Radical pro-drop and the morphology of pronouns,” *Linguistic Inquiry* 38: 671-714.

## Du discours au texte : quels possibles de langue ?

Jean-François Jeandillou

(Univ. Paris Ouest-Nanterre & UMR CNRS 7114 MoDyCo, França)

À la fois fixe et soumis aux conditions d'une réanalyse permanente, le tout du texte est congruent à la somme des interprétations qu'il rend possibles, au-delà des stricts réquisits de la *grammaire de texte*. A la dynamique contingente de la production discursive s'opposerait ainsi une *statique* textuelle, principe de toute réception évolutive en diachronie comme de toute herméneutique gagée sur les structures de langue. Mais quels rapports entretiennent règles grammaticales et (dé)réglage textuel ?

On le sait, tant que n'a pas été considéré le rattachement d'un texte à un genre donné, voire sa constitution *en tant que* genre, rien, du fonctionnement sémio-linguistique, ne peut être évalué de façon fiable. Si le genre est bien « ce qui rattache un texte à un discours » (Rastier 1996 : 16), c'est aussi ce qui l'en dissocie. Car le texte ne devient tel qu'à partir du moment où l'énoncé, quittant l'univers socio-empirique des événements de parole fugitifs, se déploie, plus ou moins durablement, à distance de son origine et des discours concomitants. Plutôt que de repérer çà et là tels débordement ou discordance, sans doute doit-on se demander comment il en vient à actualiser des possibles de langue.

La reconception sémantico-syntaxique et sémiotique ne saurait se fonder sur des modèles qui lui demeurent extérieurs : c'est ne rien dire d'un texte que de constater, par exemple, qu'il contrevient aux *méta-règles de cohérence* concernant "la récurrence stricte" ou l'anaphore de telle unité linguistique, la récursivité syntagmatique, le "développement sémantique constamment renouvelé", la non-contradiction entre contenus posés ou présupposés, etc. En admettant qu'elles vaillent pour contrôler certaines pratiques discursives, ces prescriptions – "pour qu'un texte soit cohérent, il faut que... / il doit..." – occultent la diversité des textes réels et définissent la recevabilité non telle qu'elle est, eu égard au critère d'objectivité scientifique, mais telle qu'elle 'devrait' être dans un monde normé.

Adam (1990 : 49) concevait *l'effet de texte* « comme le résultat du passage de la séquence à la configuration, de la séquence textuelle comme suite linéaire d'unités linguistiques à la reconstruction de cette séquence comme un tout de sens ». Loin de remettre en cause cette conception, nous tenterons de repérer dans un corpus de littérature moderne de genres et auteurs (Ionesco, Cohen, Robbe-Grillet, Queneau, Perec, Cortázar, entre autres) divers, non pas *un* effet global mais *des* effets, disparates et situés à des niveaux très différents. Itérables mais aussi altérables, échappant au contexte de production et résistant aux tentatives de systématisation, ils forcent à repenser la singularité en ne la subordonnant à des modèles (discursifs, génériques, typiques, phrastiques, etc.) que pour mieux les transcender.

**Mots clés :** anaphore, cohérence, cohésion, grammaticalité, normes

### Références bibliographiques

- ADAM J.-M., 1990, *Éléments de linguistique textuelle*, Liège, Mardaga.  
ANGERMULLER J., MAINGUENEAU D., & WODAK R., 2014, *The Discourse Studies Reader. Main currents in theory and analysis*, Amsterdam, John Benjamins.  
LUNDQUIST L., 1999, « Le *factum textus* : fait de grammaire, fait de linguistique ou fait de cognition ? », *Langue française* n° 121, pp. 56-75.  
RASTIER François, 1996, « Pour une sémantique des textes : questions d'épistémologie », in *Textes et Sens*, Paris, Didier Érudition.  
SARFATI Georges-Elia, 2008, *Discours et sens commun*, *Langages* n° 170.

**“Espelho meu, espelho meu...”**  
**Para o estudo do ethos discursivo em mensagens das redes sociais**

**Isabel Roboredo Seara**  
(Universidade Aberta e CLUNL)

Pretende-se, nesta comunicação, compreender o modo de funcionamento do *ethos* discursivo dos adolescentes em páginas públicas da rede social Facebook.

Considerando o Facebook como uma rede social, importa recensear os três objetivos subjacentes à sua utilização: partilhar informação, influenciar semelhantes e manter-se constante e socialmente atualizado. Estas três características estão intimamente relacionadas com o pensamento de Bakhtin sobre o dialogismo, sendo este “compreendido como uma das formas composicionais do discurso” (BAKHTIN, 1979:346), em que a relação dialógica é estabelecida entre enunciados na comunicação verbal. Para Bakhtin, trata-se de um fenómeno próprio a todo discurso vivo, considerando que toda enunciação possui a propriedade dialógica, ou seja, de estar ao serviço de um propósito interativo.

A crítica mais comum e contundente ao Facebook alicerça-se precisamente no carácter ‘social’ que remete para uma exposição permanente neste tempo de ultramediatização das vidas pessoais, colocando múltiplas reticências à ‘extimização’ (Seara, 2009).

Este trabalho inscreve-se no quadro da análise do discurso, apoiando-se no conceito de *ethos*, proposto por Maingueneau (2005 e 2013) e por Ruth Amossy (2010), entendido sucintamente como a imagem do enunciador criada no momento da enunciação, na instância do discurso, imagem essa que mobiliza implícitos de uma relação de interação com os coenunciadores que detêm representações culturais estereotipadas e imagens pré-estabelecidas. O *ethos* está, pois, em estreita articulação com a cena enunciativa.

Pretende-se, neste sentido, analisar os mecanismos linguísticos subjacentes à construção do *ethos*, nomeadamente os marcadores de confidencialidade (Liana POP 2007), as marcas do *eu* que visam a explicitação dos sentimentos na primeira pessoa, convocando os apelativos dialógicos de interpelação do outro e, ainda, as estratégias de *captatio benevolentiae* que testemunham o grau de persuasão e de sedução dos enunciadores, na construção de um *status* na rede, a partir da exibição de apresentações positivas do EU num corpus de mais de uma centena de *posts* de Facebook recolhidos entre novembro e dezembro de 2014.

**Palavras-chave:** Facebook, estratégias linguístico-discursivas, *ethos* discursivo e dialogismo

**Referências bibliográficas**

- AMOSSY, Ruth (2010) *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*, Paris, Presses Universitaires de France.
- BAKHTIN, Mikhail (2000[1979]). “Os gêneros do discurso”. In M. Bakhtin, *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 277-326.
- HEINE; Palmira Virgínia Bahia (2009) Navegando na enunciação digital: processos de construção do ethos em blogs de pré-universitários e universitários: Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia, disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11008/1/Palmira%20Virginia%20Bahia%20Heine.pdf>
- JOINSON, A. N. (2008). Looking at, looking up or keeping up with people ? : Motives and use of Facebook. In *Proceedings of the SIGCHI Conference on Human Factors in Computing Systems* (pp. 1027–1036). New York : ACM
- MAINGUENEAU, Dominique «(2013a) Genre de discours et Web : existe-t-il des genres Web ?, in Manuel d’analyse du Web en sciences humaines et sociales, Ch. Barats (éd.), Paris, Armand Colin, 2013, pp.74-93.

MAINGUENEAU, Dominique «(2013b) « L'èthos : un articulateur », *COntEXTES* (en ligne), 13 | 2013. URL : <http://contextes.revues.org/5772>

SEARA, Isabel Roboredo. (2009) - "Le blog: Frontières d'un nouveau genre", in *Actes du XXV<sup>e</sup> Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes* (Innsbruck, 3-8 septembre 2007). Tübingen, Niemeyer, pp.243-252.

**Gêneros textuais e recursos linguísticos:  
observações sobre textos científico-acadêmicos em perspectiva comparada**

**Florencia Miranda**

*(Universidad Nacional de Rosario, Argentina  
Colaboradora CLUNL, Portugal)*

Esta comunicação situa-se no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart 2008, entre outros) e assume, portanto, uma abordagem de análise dos fenómenos linguísticos de caráter inequivocamente descendente (Voloshinov 2009). Em termos institucionais, o estudo está enquadrado em investigações que vêm sendo desenvolvidas no Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (grupo PRETEXTO) e no projeto “*Análisis de géneros, enseñanza de lenguas y traducción*” da Universidad Nacional de Rosario (Argentina).

O objetivo do trabalho é observar a relação entre os gêneros e a escolha de recursos linguísticos na produção de textos. Para isso, seleciono um âmbito de observação particular – as produções científico-acadêmicas – e, especificamente, dois gêneros vinculados a esse campo de atividade de linguagem e estreitamente ligados entre si: o resumo de comunicação (apresentada a evento científico) e o resumo de artigo / trabalho científico (que se publica na sequência do evento).

Os dois gêneros em estudo têm um grau de proximidade muito significativo (por isso há quem assuma que é um mesmo gênero); pois são dois gêneros que se relacionam por um vínculo de “retextualização” (Marcuschi 2003), em que um texto B é produzido a partir de um texto prévio A. Pode dizer-se que esses dois textos não relevam do mesmo gênero por causas situacionais ou contextuais, mas, também – e é isso o que este trabalho quer mostrar –, há diferenças que são de ordem linguística (no sentido de “gestão de recursos de língua”).

A retextualização em gêneros acadêmicos – e em português – tem sido estudada especialmente no âmbito das práticas de escrita na universidade (vejam-se, por exemplo, os estudos de Matêncio (2003) sobre a produção de resumos e resenhas de estudantes), mas não encontramos trabalhos particulares sobre as duas espécies de resumo que proponho explorar aqui.

Os dados que mostrarei na comunicação resultam de um estudo realizado de acordo com os seguintes passos metodológicos:

1. Constituição de um corpus de textos que reúne exemplares dos resumos de comunicação (publicados em cadernos de resumos de eventos científicos da área das ciências da linguagem) e dos resumos dos trabalhos científicos completos (publicados na sequência do evento).

2. Análise das normas de produção de cada classe de resumo, tal como enviadas aos autores pelos organizadores do evento e da posterior publicação.

3. Análise dos textos em perspectiva comparada; ou seja, a observando cada par de textos relacionados pelo vínculo da retextualização (texto/gênero A e texto/gênero B), o que implica a:

a) Identificação de aspetos situacionais (psicossociais) que diferenciam as duas espécies de resumo.

b) Identificação das divergências linguísticas entre os textos, que ocorrem como resultado de operações de retextualização.

c) Identificação de singularidades de cada gênero relativamente às formas e construções linguísticas.

Relativamente aos recursos linguísticos, o trabalho apresenta, entre outros aspetos, uma caracterização particular de certos processos referenciais e da mobilização de “tipos de discurso” (no sentido do interacionismo sociodiscursivo, ver Bronckart 2008 e Miranda 2008).



Finalmente, o trabalho inclui, também, uma breve reflexão sobre a relevância da questão analisada para empreender ações de intervenção no campo do ensino da produção textual.

**Palavras-chave:** gêneros científico-acadêmicos – resumos – interacionismo sociodiscursivo – retextualização – relação texto e gramática.

**Referências bibliográficas:**

- BRONCKART, J.-P. 2008. Genres de textes, types de discours et « degrés » de langue. Hommage à François Rastier. In: *Texto!* vol. XIII, nº1. Disponível em <http://www.revue-texto.net/>
- MARCUSCHI, L. A. 2003. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- MATENCIO, M. L. M. 2002. Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas : um estudo do resumo. In: Revista *Scripta*, v. 6, n. 11. Belo Horizonte: PUC Minas.
- MIRANDA, F. 2008. Gêneros de texto e tipos de discurso na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo: que relações?. In *Estudos Linguísticos/Linguistic Studies* vol.1 nº. pp. 81 - 100.
- VOLOSHINOV, V. 2009. *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Buenos Aires: Ediciones Godot.

**Hedges & boosters:  
mecanismos de apagamento e de reforço do eu no discurso académico**

**Alexandra Guedes Pinto**  
(Univ. Porto, Portugal, CLUP)

O fenómeno do *hedging*, tal como proposto por Hyland (1994; 1996a; 1996b; 2011), Myers (1989; 1992) e, ainda, Briz (2013), sob o nome de ‘mecanismos de atenuação’, é apresentado, globalmente, como uma manifestação de cortesia, que marca de forma indelével o género de discurso científico académico.

É usado, tal como estes autores comprovaram, como um meio de minimização da força ilocutória das asserções, de forma a tornar o discurso menos ameaçador para a face do leitor, no sentido de Goffman (1959), mas, também, como uma forma de autoproteção para a face do enunciador, fortemente empenhado na construção de um *ethos* simultaneamente credível e humilde (Amossy, 2010).

Em concomitância com este ritualizado apagamento do *eu*, surgem indicadores enunciativos de reforço do *eu* que visam a estratégia conversa da autolegitimação. Com efeito, embora prototipicamente escondido por detrás de um *impersonnal reporting* (Livnat, 2010) que alimenta a *retórica da objetividade*, o enunciador da tese académica também tem de comprovar que é capaz de defender uma posição, sobretudo quando os dados empíricos reunidos suportam as hipóteses defendidas. Nestes momentos, entram em cena, no discurso académico, mecanismos como os *boosters* (Hyland, 2011) que revelam o posicionamento assertivo e avaliativo do *eu* face ao *dito*.

Com base num corpus de dissertações académicas de mestrado em diferentes ramos da Linguística, defendidas em Universidades portuguesas, argumentaremos que a construção do discurso académico nas teses, e a construção da imagem dos seus *ethos*, se faz graças a um elaborado equilíbrio entre as estratégias de apagamento e de saliência do *eu*, visíveis num conjunto de construções linguísticas que identificaremos.

**Palavras-chave:** *hedges*; *boosters*; discurso académico; *ethos* científico; auto-proteção; auto-legitimação.

**Referências**

- AMOSSY, Ruth (2010) *La présentation de soi. Ethos et identité verbale*, Paris, Presses Universitaires de France.
- BRIZ, A. & ALBELDA, M (2013) Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR. ATENUACIÓN). *Onomázein*, 28, pp. 288-319.
- GOFFMAN, Erving (1959) *The Presentation of Self in Everyday Life*. New York: Doubleday Anchor Books, Doubleday & Company.
- HYLAND, K. (1994) Hedging in academic writing and EAP textbooks. *English for Specific Purposes*. 13 (3), 239-256.
- HYLAND, K. (1996) Writing without conviction? Hedging in scientific research articles. *Applied Linguistics*, 17 (4): 433-454.
- HYLAND, K. (1996) Talking to the academy: forms of hedging in science research articles. *Written Communication*, 13 (2): 251-281.
- HYLAND, K., (2011) Disciplines and discourses: social interactions in the construction of knowledge. In Starke-Meyerring, D. (Eds. ) (et al), *Writing in the knowledge society*. West Lafayette: Parlour Press, 193-214.
- LIVNAT, Z. (2010) Impersonality and Grammatical Metaphors in Scientific Discourse-The Rhetorical Perspective. *Lidil*, 41, ELLUG, URL : <http://lidil.revues.org/3015>
- MARTIN, J.R and VEEL, R. (1998) *Reading Science*, London, Routledge.

- MYERS, G. (1989) The pragmatics of politeness in scientific articles. *Applied Linguistics*, 10 (1).
- MYERS, G. (1992) Textbooks and the sociology of scientific knowledge. *English for Specific Purposes*, 11, 3-17.
- RABATEL, A. (2007) Effacement énonciatif et effets argumentatifs indirects dans l'incipit du *Mort qu'il faut* de Semprun. *Semen* [En ligne], 17. URL: <http://semen.revues.org/2334>
- RABATEL, A.; CHAUVIN-VILENO, A. (2006) La question de la responsabilité dans l'écriture de presse. *Semen* [En ligne], 22. URL: <http://semen.revues.org/2792>
- VION, R. (2001) Effacement énonciatif et stratégies discursives, in *De la syntaxe à la narratologie énonciative*, De Mattia, Monique et Joly, André (éds), Paris: Ophrys, Gap. 331-354.

## On Crossing Borders between Grammar and Text: The Role of Verbal Anaphors in Textual Variation

Carlos Prado Alonso  
(University of Valencia)

*Do so* constructions, as in ‘*I ate an Apple yesterday in the park, and Peter did so last week*’, are verbal anaphors that have been extensively studied from a theoretical perspective. Research on *do so* anaphora has mainly focused on the categorical factors — i.e. semantic, syntactic, and grammatical— that determine the use of the construction. It has been argued, for instance, that the extent of application of *do so* anaphora depends principally on factors such as: (a) non-stativity of the antecedent (Guimier 1981); (b) antecedent not headed by *be* (Levin 1986); (c) coreferentiality of subjects in the antecedent and *do so* clauses (Souesme 1987), (d) adjunct status of any “orphan” in the *do so* clause (Culicover & Jackendoff (2005); and/or (e) non-contrastive status of any adjunct in the *do so* clause (Stirling & Huddleston 2002), among others.

Very little research, however, deals with the analysis of *do so* anaphora in naturally occurring discourse. Overall, scholars have devoted little attention to the examination of the textual factors affecting the distribution and pragmatic use of *do so* constructions in Present-day English, apart from a few isolated hints here and there (cf. Houser 2010).

In order to bridge this gap, this paper presents an in-depth corpus-based analysis of the factors that determine the pragmatic use and distribution of *do so* constructions in different contemporary written English texts. The data for the study are taken from six computerised corpora of British and American Present-day English, namely the LOB, FLOB, FLOB, FROWN, BE06, and AmE06 corpora that comprise texts from the 1960’s 1990’s and 2000s (see Hofland et al. 1999 and Baker 2009).

As a rule, *do so* has been regarded typical of formal registers, with the elliptical alternative omitting *so* being preferred in informal contexts (cf. Stirling and Huddleston 2002: 1531). Beyond that, however, the analysis of the 600 examples retrieved from the corpora will show that the frequency and distribution of *do so* constructions in written English is not only dependent on the degree of formality but also on the narrative, endophoric and abstract nature of the texts in which it occurs where the construction performs different pragmatic functions.

**Keywords:** Grammar, *do so*, constructions, corpora, textual variation.

### References

- Baker, P. 2009. The BE06 Corpus of British English and Recent Language Change. *International Journal of Corpus Linguistics*. 14,3: 312-337.
- Culicover, P.W., Jackendoff, R. 2005. *Simpler Syntax*. Oxford: Oxford University Press.
- Hofland, K., A. Lindebjerg and J. Thunestvedt. 1999. *ICAME Collection of English Language Corpora*. 2nd edition, CD-ROM version. Bergen: The HIT Centre.
- Houser, M. J. 2010. *The Syntax and Semantics of Do So Anaphora*. PhD dissertation, University of California at Berkeley.
- Guimier, C. 1981. Sur la Substitution Verbale en Anglais. *Modèles Linguistiques* 3.1: 135-161.
- Levin, L. 1986. Operations on Lexical Forms: Unaccusative Rules in Germanic Languages. PhD dissertation. Cambridge, MA, MIT.
- Souesme, J. 1987. Valeurs et Emplois Respectifs de DO et DO SO. *Modèles Linguistiques* 9: 65-92.
- Stirling, L & R. Huddleston. 2002. *Deixis and Anaphora*. In *The Cambridge Grammar of the English Language*, eds. R. Huddleston & G. Pullum, Cambridge University, 1449-1564.

**A construção de relações interpessoais em *D'este viver aqui neste papel descrito*:  
uma análise linguística de *Cartas da Guerra* de António Lobo Antunes**

**Mariana Silva**  
(CLUNL/FCSH-UNL)

Nesta apresentação, pretendemos mostrar de que forma a atualização do género *carta* se pode relacionar com fatores contextuais, nomeadamente a construção/evolução das relações interpessoais do seu autor. Para tal, faremos uso de uma amostra das cartas da guerra de António Lobo Antunes, escritas durante a Guerra Colonial Portuguesa e compiladas no livro *D'este viver aqui neste papel descrito* (2005), destacando dois períodos distintos: antes de o autor reencontrar a esposa (e ainda sem conhecer a filha) e depois de se voltar a separar da mulher e da filha.

Ainda que as propostas discursivotextuais de Haroche-Bouzinac (1995), Diaz (2002) e Santos & Menéndez (2007), dando conta das especificidades das cartas, e os contributos de Seara (2010) para estudo discursivopragmático das cartas de guerra de ALA sejam convocados no nosso estudo, será sob a perspetiva da Linguística do Texto, mais especificamente, assumindo o quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (Bronckart, 1997/2003), que analisaremos o nosso *corpus*. Este quadro revela-se fundamental para a prossecução deste trabalho, uma vez que releva de uma psicologia da linguagem que encara as funções psicológicas superiores e as condutas ativas que lhes estão associadas como o resultado da “semiotização de um psiquismo primário herdado da evolução” (Bronckart 2005: 39). Além disso, o ISD considera que os textos são, acima de tudo, “formas de realizações empíricas diversas” (Bronckart, 1997/ 2003: 69). Assim, correspondendo as cartas em análise à semiotização de formas elaboradas de pensamento, parece pertinente relacionar as características destes exemplares empíricos com a evolução das relações interpessoais do seu autor das cartas, através da análise desses

No quadro do ISD, assume-se que a produção textual obedece a um esquema arquitetónico específico, dividido em três grandes partes: 1) a infraestrutura; 2) os processos de textualização e 3) os mecanismos de enunciação. Nesta apresentação, centrar-nos-emos na análise da infraestrutura das cartas de ALA, dando especial atenção:

(1) aos planos de texto, analisando sequências ordenadas e hierarquizadas com um papel fundamental na composição macrotextual do sentido (Adam, 2002: 433), de que são exemplo as fórmulas de abertura e fecho;

(2) aos tipos de discurso que as constituem, avaliando o grau de conjunção/ disjunção das coordenadas do texto relativamente às coordenadas do mundo real e o grau de implicação/ autonomia do locutor face ao que produz (Bronckart, 1997/ 2003).

Com base numa análise preliminar, prevemos, então:

1. um contraste entre a estrutura macrotextual (planos de texto) das cartas das duas fases;
2. a ocorrência de fórmulas de fecho mais extensas na segunda fase;
3. uma maior implicação do autor nas cartas da segunda fase;
4. uma quase total ausência de determinantes possessivos e nomes relacionais, no primeiro período, por oposição a uma proliferação dessas categorias no segundo período – o que corrobora a predominância de um tipo de discurso implicado, na segunda fase, por oposição à primeira.

A análise pormenorizada dos aspetos elencados, numa amostra das cartas de guerra de ALA, permitir-nos-á sistematizar a forma como o género em causa é atualizado em duas fases distintas de produção, evidenciando também de que forma os recursos linguísticos mobilizados atestam a construção e/ou a evolução de relações interpessoais.

**Palavras Chave:** Intercionismo Sociodiscursivo; Cartas; Planos de Texto; Tipos de Discurso; Relações Interpessoais.

**Corpus:**

LOBO ANTUNES, António (2005). *D'este viver aqui neste papel descripto: cartas da guerra*. 1ª Edição. Publicações Dom Quixote: Lisboa.

**Referências bibliográficas:**

ADAM, Jean-Michel. (2002). “Plan de Texte” In Charaudeau, P. & Maingueneau, D. (eds) *Dictionnaire d'Analyse do Discours*. Paris: Éditions du Seuil.

BRONCKART, Jean-Paul. (1997/ 2003). *Atividade de linguagem textos e discursos: Por um interacionismo sócio-discursivo*. Trad. A. R. Machado & P. Cunha. São Paulo: EDUC.

BRONCKART, Jean-Paul. (2005). « Os géneros de texto e os tipos de discurso como formatos de interações de desenvolvimento” In *Análise do Discurso*. Trad. Menéndez, F. M. Lisboa: Hugin.

## **Os Gêneros Jornalísticos nos Livros Didáticos de 5º e 6º ano do Ensino Fundamental: ruptura ou continuidade no processo de letramento escolar?**

**Juliana Gava Bissoto e Silva**  
(Univ. São Francisco, Itatiba SP, Brasil)

**Luzia Bueno**  
(Univ. São Francisco, Itatiba SP, Brasil)

Esta comunicação visa apresentar os resultados de uma pesquisa sobre os gêneros jornalísticos em livros didáticos desenvolvida durante um curso de Mestrado Stricto Sensu em Educação na Universidade São Francisco (USF). Buscou-se analisar atividades didáticas sobre o ensino dos gêneros jornalísticos contidas nos LDPs mais utilizados no final do Ensino Fundamental I (5º ano) e início do Ensino Fundamental II (6º ano), doravante EF I e EFII, em uma Rede Municipal de Ensino do interior de São Paulo, Brasil, a fim de verificar se há uma ruptura ou continuidade no processo de letramento escolar ao final de um segmento e início de outro e, para isso, selecionamos algumas propostas voltadas à compreensão de texto, produção textual e aos aspectos gramaticais. Os principais aportes teóricos que fundamentam este estudo são os estudos sobre letramento na perspectiva histórica e multicultural de Street (2007) e as orientações pedagógicas sobre o trabalho com os gêneros em sala de aula baseadas em Schneuwly & Dolz (2004). A metodologia da pesquisa foi a análise dos gêneros jornalísticos e das atividades propostas, à luz das teorias apresentadas. A presente pesquisa analisou o conteúdo das atividades propostas nos LDPs a fim de verificar se estas visam tornar o aluno sujeito que sabe agir por meio da linguagem e se o ensino sistemático dos gêneros jornalísticos nestes LDPs estão voltadas para um letramento autônomo, visando apenas um letramento escolar ou se visam um letramento ideológico, considerando o gênero em seu aspecto social e, por conseguinte, que concepção de letramento subjaz ao(s) LDP(s) analisado(s). A justificativa da escolha deste tema é o fato de a pesquisadora atuar como docente no EF I e II verificar em sua prática e, através de relatos de outros professores, uma mudança significativa no desempenho de alunos nesta fase da escolarização, justamente onde ocorre a transição de uma fase para outra. Os resultados da pesquisa nos levaram a refletir sobre as propostas de ensino contidas nos quatro LDPs analisados: encontramos a diversidade textual na maioria deles, porém mudanças significativas na forma de tratamento dada aos gêneros e também nas questões interpretativas, caracterizando uma ruptura no processo de letramento escolar ao final de um segmento e início de outro. Recomendamos que as escolhas dos LDPs sejam baseadas em propostas de ensino que trabalhem o “letramento escolar” de forma que não o distancie das práticas de “letramento sociais”, visto que as primeiras são parte integrantes do mesmo contexto social.

**Palavras-chave** : Gêneros Textuais – Livro didático – Interacionismo sociodiscursivo.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, texto e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

STREET, Brian. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa da Universidade de São Paulo**. n. 8, 2007.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Mercado de Letras, 2004.

## Os Efeitos do Grau de Informatividade nas Redações Escolares

Ana Malfacini  
(UNIFOA-UERJ)

Alexandre Batista da Silva  
(UGB-UFRJ)

Os resultados pífios do desempenho dos alunos brasileiros no concernente à produção de textos têm sido atestados por diferentes mecanismos de avaliação externos à escola. O Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) se tornou, entre outros, o instrumento de avaliação mais importante hoje, já que também é a forma de acesso ao nível superior. Neste trabalho, tomamos a informatividade, um dos elementos de textualidade centrado no usuário (cf. Beaugrande e Dressler, 1981), como fator determinante para esse estado de coisas. Segundo Fávero (1985), a informatividade cumpre um importante controle na triagem lexical e arranjo sintático-semântico dos textos. Assim, nossa hipótese é de que, quanto menor o nível de previsibilidade, melhor será a configuração final do texto no que tange não apenas aos aspectos discursivos, mas também aos aspectos linguísticos que o materializam no nível da expressão. Em outras palavras, quanto maior o grau de informatividade, melhor serão as escolhas lexicais e a sintaxe do texto, porque o conhecimento mais aprofundado de um assunto deverá implicar a qualidade dos diferentes níveis do texto: no nível discursivo, maior força persuasiva; no sintático, melhor arranjo dos termos da oração etc. Sob a perspectiva da argumentação, quanto maior o grau de informatividade, maior deverá ser a força argumentativa no nível discursivo, pois o texto estará em pleno diálogo com a problemática maior em que se insere o assunto da redação; já o menor grau de informatividade acarreta uma menor força argumentativa, porquanto o texto não se vincula à discussão maior ligada ao assunto. Quanto ao quadro teórico oferecido pela Linguística Textual, propomos um novo tratamento para a clássica tripartição dos níveis de informatividade, proposta por Beaugrande e Dressler (1981). Expandindo nosso olhar, identificamos um *continuum* entre esses níveis, o que permitiu um melhor tratamento dos diferentes aspectos gramaticais presentes no texto da redação escolar. Cumpre salientar que escolhemos esse gênero textual em virtude de ser este o que mais aparece nos processos de seleção para acesso ao nível superior. Entretanto, a estanqueidade do currículo escolar brasileiro parece fazer com que os alunos normalmente não articulem o conhecimento adquirido na sua formação escolar, como é exigido explicitamente na redação do ENEM. Ainda é relevante acrescentar que a metodologia ora empregada foi o estudo de caso-controle com dois grupos de alunos no mesmo ano de escolaridade de uma escola pública e de dois de escola privada. O grupo controle de cada escola produziu textos dissertativos nas condições normais de produção de texto na escola e grupo experimental escreveu-os a partir de nossa intervenção, no sentido de ampliar o conhecimento do assunto proposto para a redação. A análise das redações dos dois grupos demonstrou diferença significativa entre eles, o que comprovou nossa pressuposição de que a informatividade interfere nas seleções léxico-gramaticais da configuração do texto dissertativo.

**Palavras-chave:** Linguística textual; Textualidade; Informatividade.

### Referências bibliográficas

- BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. V. *Introduction to text linguistic*. London: Longman, 1981.
- CHAROLLES, Michel. **Introdução aos problemas da coerência dos textos (abordagem teórica e estudos das práticas pedagógicas)**. In: GALVES, Charlotte et alii. **O Texto: leitura e escrita**. Campinas: Pontes, 1988.



FÁVERO, Leonor L. **A informatividade como elemento de textualidade**. In: Letras de hoje, 60: 13-20, jun. 1985. Porto Alegre: PUC-RS.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**. São Paulo, Cortez, 2004.

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

## **Realizações Léxico-Gramaticais de Orações Projetantes na Escrita Reflexiva Profissional de Professores em Formação Inicial**

**Wagner Rodrigues Silva**

*(Universidade Federal do Tocantins – UFT, Brasil)*

Nesta comunicação, apresentamos um recorte investigativo de uma pesquisa descritiva a respeito da escrita reflexiva profissional realizada no gênero relatório de estágio supervisionado, produzido por professores brasileiros em formação inicial (SILVA, 2014). Este estudo contribui para os seguintes projetos de pesquisa: “Escrita reflexiva profissional nas licenciaturas: da gramática ao discurso” (CNPq nº 407572/2013-9; PROPESQ/UFT nº AG#001/2014) e “Estudo gramatical-discursivo da escrita reflexiva profissional produzida por professores em formação inicial” (CNPq 446235/2014-8). Focalizamos algumas contribuições metodológicas, orientadas pela abordagem gramatical-discursiva desenvolvida a partir de pressupostos investigativos da Linguística Sistemico-Funcional (LSF), para a investigação de funções desempenhadas pela referida escrita na formação inicial do professor. O estudo incidirá sobre as escolhas léxico-gramaticais responsáveis pela realização de orações projetantes, justificando a ênfase dada a categorias analíticas do sistema semântico de projeção, que, considerando o contexto de geração do registro acadêmico investigado – Licenciaturas em Língua Portuguesa, em Língua Inglesa e em Matemática –, é responsável por projetar representações de experiências vivenciadas na escola de ensino básico onde os estágios obrigatórios são realizados pelos acadêmicos, autores dos textos escritos selecionados. Considerando que o sistema de projeção se realiza por meio da conexão de orações, responsáveis por representações de coisas no mundo, as metafunções experiencial e interpessoal, realizadas por meio dos sistemas de Transitividade e de Modo, respectivamente (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2014; THOMPSON, 2014), também são consideradas nas análises. Na escrita focalizada, o uso de complexos oracionais por projeção contribui para a materialização explícita do diálogo entre vozes sociais de diferentes participantes, além do compartilhamento de ideias instauradas na mente dos participantes envolvidos no contexto de formação profissional. A partir das abordagens de pesquisa qualitativa e quantitativa, respondemos algumas perguntas no estudo das orações projetantes: Quais são os principais participantes representados como dizentes e experienciadores? Quais são os processos predominantes nas orações? Como os professores em formação representam os leitores dos relatórios e, até mesmo, se autorrepresentam? Os resultados preliminares mostram que as projeções tendem a serem mais recorrentes nos relatórios das licenciaturas em Língua Portuguesa e em Língua Inglesa, evidenciando marcas mais significativas da reflexão sobre a prática pedagógica experienciada em escolas de ensino básico pelos acadêmicos, diferentemente do registro acadêmico mais descritivo evidenciado nos relatórios da Licenciatura em Matemática. Como desdobramento desses resultados, evidenciamos que, nos textos dos dois primeiros cursos, há predominância de projeções por processos mentais, muitos dos quais são acompanhados de verbos finitos com função modal, diferentemente da predominância das projeções verbais nos textos da última licenciatura.

**Palavras-chave:** escrita acadêmica; Linguística Sistemico-Funcional; sistema de projeção.

### **Referências bibliográficas**

- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *Halliday's introduction to functional grammar*. 4ª ed. London/New York: Routledge, 2014.
- SILVA, W. R. *Reflexão pela escrita no estágio supervisionado da licenciatura: pesquisa em Linguística Aplicada*. Campinas: Pontes Editores, 2014.
- THOMPSON, G. (2014). *Introducing Functional Grammar*. 3ª ed. Oxford: Routledge.

**Repensar a noção de *texto*:  
um percurso (talvez didático) a partir de *placas toponímicas***

**Maria Antónia Coutinho**  
(CLUNL/FCSH—Universidade Nova de Lisboa)

A evolução dos estudos linguísticos permitiu desfazer uma dicotomia herdada das tradições retórica e filológica, que opunha *discursos*, realizados na modalidade oral, a *textos* escritos. Este facto não impede que aquelas disciplinas – a que convém juntar ainda a hermenêutica – continuem a contribuir de forma decisiva para aprofundar a compreensão dos fenómenos textuais (entendidos de forma alargada, independentemente do modo de realização). Por outro lado, estes contributos não podem hoje deixar de ser vistos em articulação com as abordagens textuais e discursivas que assumem a centralidade da noção de *género* e partilham uma conceção inequivocamente social dos textos, enquanto modo real de funcionamento da língua. Se são vários os nomes que se podem associar a esta perspetiva, convém no entanto sublinhar o papel fundador de Voloshinov ([1929]1977), evidenciando quer a funcionalidade dos géneros de texto em todas as atividades sociais (coletivas), incluindo as do quotidiano, quer a conveniência de uma metodologia descendente, que integre a observação e análise das formas linguísticas na (relativa) estabilidade dos géneros de texto associados a (diferentes) atividades sociais/coletivas. A este enquadramento geral vêm juntar-se constatações de ordem diversa que suscitam novas (ou renovadas) interrogações em torno das noções de *texto* e de *género de texto*: por um lado, a frequente dicotomia (sobretudo em contextos didáticos) entre trabalho sobre (ou com) *géneros de texto* (focados em ‘textos não literários’) e trabalho sobre (ou com) ‘textos literários’ (em que, curiosamente, se dilui a pertença a um género ou a recriação mais ou menos radical do género); por outro, a emergência de novos dispositivos socio-comunicativos (quer dizer, de novos géneros) viabilizados pela internet e, em particular, pelas redes sociais, que se realizam numa renovada modalidade escrita (síncrona ou quase síncrona) e em que, simultaneamente, tendem a desaparecer algumas das especificidades da escrita (Vigotsky, [1934]2007); finalmente, o desafio colocado pelo programa de caracterização das ciências da cultura, visando “a singularidade dos objetos, que culmina na obra de arte não reprodutível” (traduzido de Rastier, 2002: 4).

É neste enquadramento geral que se situa a presente comunicação. Pretende-se levar por diante a reflexão sobre o entendimento da noção de *texto*, perspetivando uma abordagem integrada dos problemas apontados e, de forma mais específica, evidenciando a articulação (teórica, prática e didática) entre atividades sociais, textos e línguas. De um ponto de vista metodológico, assumir-se-á uma postura qualitativa: através da análise de casos, privilegiar-se-á, em detrimento da generalização e da quantificação, a possibilidade de identificar problemas, de equacionar questões, de reconfigurar dados. Assim, depois de apresentada a problemática e o enquadramento teórico e epistemológico, o percurso realizar-se-á através de textos escolhidos – de géneros diferentes e de diferentes atividades. Haverá, por vezes, cruzamentos. E o ponto de partida será junto a uma *placa toponímica*. Na bagagem, entre outras referências compatíveis, o enquadramento teórico e epistemológico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997, 2008), com uma (última?) questão: que noção (ou noções) de texto servem a uma *ciência do humano*?

**Palavras-chave:** texto, género de texto, escrita, Interacionismo Sociodiscursivo, ciência do humano.

### Referências bibliográficas

- Bronckart, Jean-Paul (1997). *Textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Lausanne: Delachaux et Niestlé (ed. Port. 1999. -discursivo).
- , EDUC)
- 
- Texto!*, XIII(1). URL: <http://www.revue-texto.net/index.php?id=86>.
- Rastier, F. (2002). Pluridisciplinarité et sciences de la culture. In Rastier, F & Bouquet, S. (dirs). *Une introduction aux sciences de la culture*. Paris: PUF, 1-10
- Vigotsky, L. ([1934]2007). *Pensamento e linguagem*.
- Volochinov, Valentin Nikolaevich ([1929]1977). *Le marxisme et la philosophie du langage*. Paris: Minuit.

## Rhetorical modes as the missing link between Text and Grammar

Elsa Pic

(*Université Sorbonne Nouvelle, Paris*)

Grégory Furmaniak

(*Université Sorbonne Nouvelle, Paris*)

This paper is part of a project on the grammatical properties of research articles (RAs) and popular science articles (PAs) in five disciplines. It is based on a 1,000,000-word corpus of English. Although previous studies (Pic & Furmaniak 2010, 2012a, 2012b, 2012c) have revealed significant grammatical differences between RAs and PAs, attempts to relate these to the communicative functions of the two genres have been unsatisfactory. Why, for example, are self-referring expressions or epistemic modals more frequent in RAs than in PAs?

The problem stems from the discrepancy between the micro-functions accomplished by grammatical forms at sentence level and the macro-functions marked at discourse level by whole texts. Also, being divided into rhetorical parts with distinct linguistic features and meso-functions, genres are internally heterogeneous, formally and functionally (Swales 1990), which jeopardizes any attempts to link the macro-functions of a text-type to the micro-functions of grammatical forms. More pertinent relations are more likely to be found between, on the one hand, the macro-functions of a genre and the meso-functions of its parts, and, on the other hand, these meso-functions and the micro-functions of the grammatical expressions.

LSP-Scholars have long been aware of the need to take into account the rhetorical structure of texts. They have often relied on the IMRAD structure and of Swales' (ibid.) CARS model. However, those rhetorical divisions are not shared by all texts: they are never used in PAs and they are not used in all RAs. We have therefore opted for another type of rhetorical divisions known as "kinds of discourse" (Brooks & Warren 1979), "sequential types" (Adam 1992) or "modes of discourse" (Smith 2003) (Information, Argument, Narration, Description, etc.). After these scholars, we define "rhetorical modes" as discourse-units constitutive of textual genres that have functional and formal (structural and linguistic) properties which make them a workable interface between the macro- and micro-levels of analysis described above.

We will show, by relying on a corpus analysis, how rhetorical modes can be used to reveal the link between texts and grammar. First, we'll show that the two genres differ rhetorically. For this purpose, a representative sample of the corpus was annotated for rhetorical modes through the *UAMCorpusTools* software. RAs appear relatively homogeneous, as they are made up of three rhetorical modes: Argument, Information and Metadiscourse. In contrast, PAs are more varied since all rhetorical modes are used in appreciable proportions.

Second, we'll give an overview of the grammatical characteristics of the two genres and we'll show how rhetorical modes help us to (indirectly) link the communicative functions of the genres and their grammatical properties. The grammatical markers that will be examined are: demonstratives, root and epistemic modals, possibility adverbs and passive constructions.

**Keywords:** Rhetorical modes, genre, popularization, research articles, grammar.

## References

- ADAM, Jean-Michel. 1992. *Les textes types et prototypes*. Paris : Nathan.
- BORDET, Geneviève. 2011. « Étude contrastive de résumés de thèse dans une perspective d'analyse de genre ». Thèse de doctorat, Université Paris Diderot.
- FAHNESTOCK, Jeanne. 1986. « Accommodating science: The rhetorical life of scientific facts ». *Written Communication* 3/3, 275–296.
- GRIZE, Jean-Baptiste. 1990. *Logique et langage*. Paris : Ophrys.
- HYLAND, Ken. 2005. *Metadiscourse*. Londres : Continuum.
- KANOKSILAPATHAM, Budsaba. 2005. « Rhetorical structure of biochemistry research articles ». *English for Specific Purposes* 24, 269–292.
- MOIRAND, Sophie. 1999. « L'explication ». In BEACCO J.-C. (dir.), *L'astronomie dans les médias*. Paris : Presses de la Sorbonne Nouvelle, 141-167.
- PECMAN, Mojca. 2012. « Tentativeness in term formation: A study of neology as a rhetorical device in scientific papers ». *Terminology* 18/1, 27-58.
- PIC, Elsa et Grégory FURMANIAK. 2010. « Grammaire et degré de spécialisation ». *ASp* 58, 39-55.
- PIC, Elsa et Grégory FURMANIAK. 2012a. « De la langue spécialisée à la langue vulgarisée : approche grammaticale ». *ASp* 61, 39-54.
- PIC, Elsa et Grégory FURMANIAK. 2012b. « Le degré de spécialisation comme facteur de variation de la représentation du JE ». In P. FRATH, et al. (dir.), *Res-per-nomen III : La référence, la conscience et le sujet énonciateur*. Reims : Éditions et Presses Universitaires de Reims, 193-218.
- PIC, Elsa et Grégory FURMANIAK. 2012c. « A study of epistemic modality in academic and popularised discourse: The case of possibility adverbs perhaps, maybe and possibly ». *Revista de Lenguas para Fines Especificos* 18, 13-44.
- SMITH, Carlota. 2003. *Modes of Discourse. The Local Structure of Texts*. Cambridge : Cambridge University Press.
- SWALES, John. 1990. *Genre Analysis*. Cambridge : Cambridge University Press.
- VARTTALA, Teppo. 2001. « Hedging in Scientifically Oriented Discourse. Exploring Variation according to Discipline and Intended Audience ». Doctoral dissertation. University of Tampere. <<http://acta.uta.fi/pdf/951-44-5195-3.pdf>>.

## Texto, Gramática e Tiras Cômicas: o caso das anáforas

**Maria da Penha Pereira Lins**  
(UFES, Brasil)

**Rivaldo Capistrano de Souza Júnior**  
(UFES, Brasil)

Considerando que a língua, como prática social e historicamente situada, funciona por meio textos e que o sentido é uma negociação sociocognitivo-interacional e, deste modo, pressupõe a mobilização de um conjunto de saberes, objetivamos, neste trabalho, observar o funcionamento das anáforas em tiras cômicas, texto de configuração multimodal. Esse caráter de multimodalidade é determinante no que diz respeito ao funcionamento das construções linguísticas, mais precisamente no que diz respeito aos processos de anaforização. Dessa maneira, as anáforas se constituem como um dos principais processos de referenciação na medida em que, direta ou indiretamente, remetem/aludem a entidades introduzidas no cotexto (ou por ele evocadas), as quais, no processamento textual, podem ser reativadas, modificadas ou desativadas, o que garante a continuidade dos referentes (APOTHÉLOZ [1995] 2003; KOCH, 2002, 2004; MARCUSCHI, 1998). Tendo em vista que a anáfora não representa somente um conjunto de relações sintático-semânticas existentes entre anaforizante e anaforizado, constituindo um processo de reativação de referentes e mantendo, assim, uma relação de correferencialidade, mas uma noção discursiva e cognitiva que implica conhecimentos compartilhados na interpretação inferencial da relação antecedente-anáfora. Com base nessa reflexão e tendo em vista as especificidades do gênero textual-discursivo tira cômica, defendemos que elementos não verbais podem, juntamente com o verbal, atuar na continuidade referencial, indicando introdução e/ou manutenção de referentes. Nessa perspectiva, a referenciação implica uma atividade cognitivo-inferencial, uma vez que a construção de referentes pressupõe dinamicamente a ativação e mobilização de sistemas de conhecimentos disponíveis e atualizáveis. O *corpus* deste trabalho é constituído por tiras cômicas, gênero de narrativa curta, construída por meio itens verbais e não verbais que leva a um desfecho humorístico, como ocorre em piada (RAMOS, 2007). Entre suas características destacam-se: vinculação ao domínio discursivo do humor; formato predominantemente horizontal, cuja unidade básica é o quadro; uso de imagens desenhadas; tendência ao uso de diálogos no processo de progressão textual; presença de personagens fixos e não fixos na narrativa; uso de elementos verbais escritos, verbais orais, verbo-visuais, prosódicos e cinésicos para a produção do efeito de humor; necessidade de acionamento de conhecimentos compartilhados e intertextualidade intergenérica (KOCH, 2002) entre piadas e tiras.

**Palavras-chave:** texto; gramática; referenciação; tiras cômicas; humor.

### Referências bibliográficas

1. APOTHÉLOZ, Denis. Papel da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães et al. (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
2. KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
3. \_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
4. RAMOS, Paulo Eduardo. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
5. SOUZA JÚNIOR, Rivaldo Capistrano de. *Referenciação e humor em tiras do gatão de meia-idade*. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2012.

**Transições de escrita no âmbito do estudo da *fábula*:  
estudo longitudinal com alunos dos 4.º e 6.º anos do ensino básico**

**Luísa Álvares Pereira**

*(Departamento de Educação/Universidade de Aveiro  
Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores/CIDTFF)*

**Celda Choupina**

*(Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto/InEd  
Centro de Linguística da Universidade do Porto)*

Esta nossa contribuição inscreve-se na problemática do desenvolvimento da produção escrita e na temática da progressão da capacidade de escrever de alunos de 4.º e 6.º anos, num contexto de formação de professores (Pereira e Cardoso, 2013) para o ensino da escrita de determinado género textual (Bazerman & Devitt, 2014). Na realidade, os poucos estudos existentes na análise de textos de alunos para verificar a forma como se processa o seu desenvolvimento não parecem coincidir no reconhecimento de que os alunos evoluem e em que dimensões (Gouveia, 2013). Por outro lado, do ponto de vista da Didática, parece também ser determinante estudar a escrita de alunos antes e depois de um programa de intervenção, no sentido de legitimar procedimentos de ensino capazes de instaurar uma Didática da Escrita produtiva, seja do ponto de vista do conhecimento dos parâmetros definitórios de um género, seja do ponto de vista de outras dimensões linguísticas.

Ora, no caso em análise, o processo formativo centrou-se essencialmente na formatação genérica da *fábula* e, por isso, é um dos nossos objetivos centrais verificar, a partir do contraste das produções iniciais e finais de alunos dos 4.º e 6.º anos dos professores em formação, como o conhecimento das especificidades deste género permitiu ao aluno melhorar a sua performance ao nível das conexões oracionais, ainda que, durante o programa de formação, não tenham sido objeto de ensino explícito as suas características sintáticas e semânticas (Choupina, 2004).

Assim, faremos, por um lado, uma análise das produções, por ano de escolaridade e confrontando as duas versões, tendo em conta algumas dimensões do género em estudo - (i) o plano do texto; (ii) o processo enunciativo; (iii) as formas de presença/ausência da moral; (iv) o diálogo mitigado; – e, por outro, atenderemos a aspetos sintáticos, tais como: (i) o número e o tipo de conexões oracionais; (ii) a variedade de verbos quanto a diferentes subclasses sintáticas e a tipos de estrutura argumental.

Foram colocadas as seguintes hipóteses: a) o trabalho orientado pelo género de texto (Bronckart, 1998; Beacco, 2013) traduz-se numa melhoria da qualidade da orientação textual por via do efeito de genericidade (Adam 2014); b) o trabalho sistemático com o texto influencia o uso de estruturas variadas no âmbito dos nexos oracionais e aumenta especificamente as conexões subordinadas e promove o conhecimento da estrutura argumental de verbos de várias subclasses. A partir da primeira observação dos dados, parece verificar-se uma confirmação das hipóteses, sendo que a maior diferença nos nexos (número e tipo) entre as primeiras versões e as segundas se verifica no 4.º ano. No entanto, é no 6.º ano que o alargamento e a especialização do conhecimento relativo ao texto *fábula* parecem promover a diversidade lexical e, conseqüentemente, o conhecimento das estruturas argumentais verbais e do seu uso. A nível do género, verifica-se também uma evolução, consubstanciada, sobretudo, numa marcação genológica mais firme, sem hesitação com o *conto*, e ainda uma orientação textual mais definida, embora com maior expressão nos textos do 6.º ano.

**Palavras-chave:** Didática da escrita; género textual; *fábula*; relação texto-gramática; nexos oracionais



- Bazerman, C. & Devitt, A. (2014). Introduction: Genre perspectives in texto production research. IN Eva-Marie Jacobs & Daniel Perrin (Eds). *Handbook of Writing and Text Production*. Berlin/Boston, Walter de Gruyter GmbH.
- Beacco, J.-C. (2013) L'approche par genres discursifs dans l'enseignement du français langue étrangère et langue de scolarisation, *Pratiques*, n° 157-158 « Théories et pratiques des genres »p. 189-200.
- Choupina, C. (2004). *Orações relativas: aspectos descritivos e didáticos*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino da Língua, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Edição do Autor.
- Gouveia, C. (2013). Evolving in Confidence: Writing Across Basic Schooling, 93-119. In Orlando Vian Jr., Cida Caltabiano, (organizadores). *ESTuDOS Em hOmENAGEm A LEILA BARBARA*. Campinas: Mercado das Letras.
- Pereira, L. Á., & Cardoso, I. (2013). A sequência de ensino como dispositivo didático para a aprendizagem da escrita num contexto de formação de professores. In L. Á. Pereira & I. Cardoso (Eds.), *Reflexão sobre a escrita. O ensino de diferentes géneros de textos*. Aveiro: UA Editora.

**Underspecification at the propositional level:  
The role of thematic integration via rhetorical structure**

**Iker Zulaica-Hernández**

*(Indiana University-Purdue University, Indianapolis, USA)*

Theories that model the structure of discourse at the propositional level have proven to be adequate to explain a range of semantic/pragmatic phenomena beyond the constraints of the sentence (i.e. cross-sentential anaphora, reference, VP-ellipsis, presupposition projection, etc.). For example, Mann & Thomson and Asher & Lascarides (2003) propose the existence of an underlying rhetorical structure that is key to discourse cohesion/coherence in different ways. Such rhetorical structure is instantiated via specific rhetorical relations among the propositions (i.e. continuation, narration, elaboration, etc.)

This paper deals with anaphoric ambiguity (underspecification) at the textual level. Discourse anaphoric underspecification comes in the form of a set of potential candidate referents for an anaphoric expression (i.e. a pronoun, a noun phrase, etc.) Recent research on mereological structures has proved to be fruitful in providing a suitable way to deal with pronominal underspecification involving noun phrase antecedents. For example, *The Justified Sloppiness Hypothesis* (Poesio et al., 2006) states that listeners resolve ambiguous anaphoric expressions more easily when the potential antecedents of an ambiguous expression are part of an underlying mereological structure that makes it possible for listeners to construct a ‘p-underspecified interpretation’ in which the anaphoric expression is interpreted as denoting an element  $\phi$  included in the mereological structure; i.e. part of its summmum. In addition, the existence of a ‘plan’ has been argued to be key in resolving the anaphor.

However, the mereological properties of textual ‘antecedents’ larger than noun phrases has not been explored in detail nor the contribution of discourse structure to discourse underspecification. Whereas simple mereological processes may suffice to explain cases of noun phrase underspecification, underspecification involving larger fragments of discourse needs some additional machinery due to the particular issues posed by textual antecedents such as, for example, the habitual absence of explicit grammatical clues indicating a semantic connection among utterances, or the existence of common textual disruptions in the flow of discourse (textual gaps, interruptions, discourse breaks). In this paper, I argue that the rhetorical structure of discourse provides an excellent framework to account for underspecification involving reference to abstract objects (i.e. events or propositions). My claim is that the rhetorical connections among propositions enable listeners to construct complex reference objects via thematic integration, hence facilitating pronoun interpretation. I also argue that mereological construction processes and rhetorical processes are not mutually exclusive but, on the contrary, they both are totally compatible and needed in order to explain the construction of propositional structured entities.

**References**

- Asher, Nicholas and Alex Lascarides. 2003. *Logics of Conversation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Mann, W. C. and Sandra A. Thomson. 1988. Rhetorical structure theory: toward a functional theory of text organization. *Text* 8(3): 243-281.
- Poesio, Massimo, Patrick Sturt, Ron Artstein and Ruth Filik. 2006. Underspecification and anaphora: Theoretical issues and preliminary evidence. *Discourse Processes* 42(2): 157-175.

## **Vozes Enunciativas que Inscrevem o Outro na Escrita de Relatórios de Estágio**

**Lívia Chaves de Melo**

*(Universidade Federal do Tocantins – UFT, Brasil)*

Considerando os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Sistêmico-Funcional e os estudos dialógicos da linguagem, no presente trabalho investigamos as formas linguísticas que inscrevem o Outro na enunciação e os seus acontecimentos discursivos na escrita de Relatórios de Estágio Supervisionado (RES), principalmente quando as práticas acadêmicas de citação de literaturas científicas e não científicas são divulgadas nesses documentos. Também analisamos outras vozes que perpassam os complexos oracionais nessa escrita e suas implicações para o letramento acadêmico do professor em formação inicial. Nosso interesse em investigar as referidas formas linguísticas que inscrevem o Outro nos RES se justifica pelo desejo de caracterizar a escrita desses documentos. Para isso, na LSF mobilizamos o Sistema semântico de projeção, realizado por recursos léxico-gramaticais que encapsulam vozes do Outro e de si mesmo; são tipos especiais de processos de citar e reportar que constituem-se prática bastante comum nas produções acadêmicas. Nos estudos dialógicos da linguagem na perspectiva bakhtiniana, questões como o funcionamento dos esquemas linguísticos do discurso citado servem para a transmissão das enunciações de outrem e a integração dessas enunciações. Diferentemente das abordagens gramaticais morfossintáticas, no dialogismo, o discurso citado deve ser observado numa perspectiva enunciativo-discursiva. Os RES investigados foram produzidos por professores em formação inicial de uma licenciatura em Letras, pertencente a uma universidade pública brasileira. Esses documentos são produções escritas de caráter mais narrativo, elaborados ao final das disciplinas de estágio. Essas produções são consideradas o principal instrumento avaliador da disciplina e nos permite identificar os diversos *eus-outros* que povoam as reflexões dos enunciadores, empregadas para endossar as afirmações e conclusões tecidas. Assumimos a abordagem da pesquisa qualitativa para caracterizar o tratamento dado aos documentos pesquisados. Os resultados da investigação nos mostram que as formas linguísticas que inscrevem o Outro na enunciação geralmente são mobilizados nos RES como estratégias argumentativas para assegurar a confiabilidade de informações; buscar reconhecimento acadêmico; esclarecer conceitos teóricos; formas de oferecer e sugerir métodos de ensino; fundamentar afirmações; influenciar ações pedagógicas; introduzir comentários; introduzir pontos de vista; marcar voz alheia e própria; respaldar argumentos; validar dizeres; entre outras funções. Verificamos que a escrita do RES configura-se como menos rigorosa, narrativa, com aspecto pessoal e íntimo cuja maior referência é o próprio autor – aluno-mestre, com suas percepções dos fatos, suas experiências e formas de (re)significações envolvidas nos acontecimentos do cotidiano escolar e sua apreciação. Nessa escrita, os enunciadores possuem a liberdade de expressar desabafos, sentimentos, questionamentos, compartilhar descobertas e decisões, e até mesmo realizar denúncias relacionadas as atividades do estágio; é uma escrita que contribui para o fortalecimento da profissionalização inicial do professor e o encorajamento da prática reflexiva a respeito das ações docentes.

**Palavras-chave:** Linguística Sistêmico-Funcional; Dialogismo; Escrita acadêmica.

### **Referências bibliográficas:**

- BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 10a edição. São Paulo, Editora HUCITEC, 2002.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing Experience through Meaning: a language-based Approach to Cognition**. Continuum, New York, 1999.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar**. Fourth Edition. New York, Routledge, 2014.

## Sessão Coordenada

### Estudos sobre referenciação no âmbito da Linguística Textual no Brasil

**Responsável: Mônica Magalhães Cavalcante**

**Palavras-chave:** referenciação; Linguística Textual; recategorização.

#### Comunicação 1

#### Estratégias de referenciação em textos multissemióticos

**Mônica Magalhães Cavalcante**

(UFC)

**Mariza Angélica Paiva Brito**

(UNILAB)

Não se elabora cognitivamente uma unidade de coerência sem que se recorra aos referentes envolvidos no texto (KOCH, 2004), por isso reputamos como fundamental o estudo da referenciação para a compreensão textual (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Concebemos *referente* como uma representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto, em um processo de atenção conjunta na interação (APOTHÉLOZ; PECKAREK-DOEHLER, 2003). Podendo ou não manifestar-se no cotexto como expressões referenciais, os referentes são sempre evocados por indícios da superfície verbal ou não verbal do texto (imagem, gesto, som, ou outra semiose). O objetivo deste trabalho é demonstrar, em uma amostra de 20 de cartuns postados nas redes sociais Facebook e WhatsApp, como o reconhecimento dos referentes, em estratégias de *apresentação*, *confirmação* e *acréscimo* (CUSTÓDIO FILHO, 2011), ajuda a constituir os próprios contextos das práticas sociodiscursivas. Identificadas as ocorrências, foram descritos os indícios cotextuais e contextuais que viabilizam as três estratégias referenciais de introdução e de retomada de referentes. Após a análise qualitativo-descritiva dos dados, constatamos ser possível que os traços imagéticos (conteudísticos ou formais) manifestem um referente, permitindo *apresentá-lo* ou por entidades retratadas na imagem, ou por elementos apenas evocadores de referentes. Também concluímos que as retomadas podem acontecer ou quando um participante explicitado na imagem corresponde inteiramente a um referente já introduzido, razão pela qual devem ser consideradas como anáforas (correferenciais ou não) realizadas pela própria imagem; ou quando o referente é apenas evocado por certos indícios da imagem que favorecem uma construção inferencial, razão pela qual devem ser tomados como anáforas indiretas. O referente que resulta desses movimentos sempre sofre *mudanças*; ele pode, por exemplo, ser *confirmado* por outros aspectos imagéticos ou verbais, porque as anáforas (diretas ou indiretas) não se ancoram em apenas um antecedente. Mas pode também ser refutado e transformado em outro referente dentro de outra cadeia isotópica, em um processo que Custódio Filho (2011) denominou de *correção*. Os casos de confirmação sofrem, naturalmente, sucessivas recategorizações por *acréscimos* de particularidades, o que pode também ser realizado por imagens. Os referentes vão sendo, assim, modulados ao longo do desenvolvimento textual, incorporando traços do contexto sócio-histórico em que se situam.

**Palavras-chave:** introdução referencial; anáfora; recategorização.

### Referências bibliográficas:

1. CAVALCANTE, Mônica M.; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza A. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo, Cortez, 2014
2. APOTHÉLOZ, D. ; DÖEHLER, S.P.. Nouvelles perspectives sur la référence : des approches informationnelles aux approches interactionnelles. **Verbum**, tomo XXV, n.2, 2003, p. 109-136.
3. KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, Nova York, Routledge, 2006.
4. CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação**. 331p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
5. KOCH, I.G.V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Contexto, 2014.

## Comunicação 2

### O papel da imagem na construção da referência

Suelene Silva Oliveira Nascimento  
(UECE)

Letícia Adriana Pires Ferreira dos Santos  
(UECE)

Em nosso trabalho, assumimos os pressupostos da Gramática do Design Visual – GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006), para estabelecer relações entre a semiose verbal e as não verbais, sobretudo a da imagem, na construção da referência. Para examinar essa integração de semioses, falamos a partir do lugar teórico da Linguística Textual (LT), particularmente da perspectiva sociocognitiva e discursiva da referenciação KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M, 2006), aqui concebida como uma construção colaborativa, emergente das pistas cotextuais e contextuais com interpretações autorizadas pelo texto. Os modos de referir um objeto de discurso - quer ele seja evocado pelo cotexto verbal, quer o seja pelo cotexto não verbal - são moldados pelos usos culturais e históricos dos signos. Da GDV, elegemos a metafunção composicional, que se desdobra nos critérios de Valor da Informação; de Saliência e de Enquadramento; da referenciação, escolhemos a proposta de Custódio Filho (2011) para abordar a referenciação sob os seguintes parâmetros sugeridos pelo autor: *apresentação* ou *mudança* (que se faz por *confirmação*, *acréscimo* ou *correção*). Para a realização do presente estudo, foi analisado um curta-metragem, *Vida Maria*, de Márcio Ramos (responsável por roteiro, direção e animação). *Vida Maria* foi um vídeo agraciado com o 3º Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo, em 2006, e acumula mais de 40 prêmios em festivais de cinema nacionais e internacionais. O curta-metragem mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no sertão cearense, no Nordeste do Brasil, criando uma atmosfera realista e humanizada. Em nossa análise, o processo de construção dos referentes é examinado em um nível pouco explicitamente verbal, uma vez que no curta-metragem há somente pequenos trechos de fala. A identificação dos referentes em categorias não foi dada *a priori*, mas variou segundo as atividades cognitivas dos leitores e foi construída a partir das mensagens do cotexto e de suas versões intersubjetivas do mundo, pois, conforme Mondada e Dubois (2003), a referenciação é concebida como uma construção colaborativa, emergente das pistas cotextuais e contextuais, das interpretações autorizadas pelo texto e das práticas sociais dos leitores. Uma das hipóteses que levantamos foi a de que os traços referentes à metafunção composicional por Enquadramento, que associamos às noções de plano e de encenação, colaboram de forma significativa para a (re)construção dos referentes. Sugerimos (ver

OLIVEIRA-NASCIMENTO, S. S.,2014) que, no que respeita ao Valor de Informação, os critérios de dado e novo, real e ideal sejam observados em textos de imagem dinâmica e relacionados às semioses plásticas gestuais, como as expressões faciais, e às semioses auditivas, como a sonoplastia.

**Referências bibliográficas:**

1. CAVALCANTE, Mônica M. Leitura, referenciação e coerência. In: ELIAS, V. M. (Org). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura.** São Paulo: Contexto, 2011, p. 183-195.
2. KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2006.
3. KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design.** London, Nova York: Routledge, 2006.
4. OLIVEIRA-NASCIMENTO, S. S. **A construção multimodal dos referentes em textos verbo-audiovisuais.** Tese (Doutorado em Linguística), 150p. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2014.
5. RAMOS, M. **Vida Maria.** Disponível em: <<http://www.viacg.com/vidamaria.html>>. Acesso em 12 maio 2013.

**Comunicação 3**

**A recategorização de referentes numa perspectiva cognitivo-discursiva**

**Silvana Maria Calixto de Lima**  
(UESPI)

Neste trabalho, investigamos a construção de sentidos de textos multissemióticos, particularmente do gênero charge, focalizando o processo referencial da recategorização a partir de uma perspectiva cognitivo-discursiva (LIMA, 2009; CUSTÓDIO-FILHO, 2011; CAVALCANTE, 2012; LIMA; FELTES, 2013). Para o desenvolvimento dessa proposta, dois aspectos são fundamentais: i) a concepção de referente desatrelada da condição de uma necessária materialidade por meio de uma expressão referencial; ii) a extensão do campo de estudo da metáfora conceitual para os textos não verbais (FORCEVILLE, 2009). Do primeiro aspecto, derivamos a existência de referentes homologados no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo – mas sempre sinalizados por pistas linguísticas –, bem como a existência de referentes homologados e/ou recategorizados por imagens. Do segundo, derivamos o licenciamento de ocorrências do processo de recategorização por metáforas conceituais multimodais. Nesse contexto, analisamos cinco charges que tematizam as eleições presidenciais de 2014 no Brasil. Os resultados apontam para a produtividade do processo referencial investigado no papel de mecanismo deflagrador da construção dos sentidos cômico e irônico das charges. Tal papel fica mais evidenciado pela identificação das metáforas conceituais multimodais que instanciam as ocorrências de recategorizações metafóricas constituintes das charges, configuradas por um processo que mescla as semioses verbal e visual.

**Palavras-chave:** recategorização; metáfora conceitual; multissemiose.

**Referências bibliográficas:**

1. CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.
2. CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação.** 331p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

3. FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URION-APARISI. **Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor**. New York: Mouton de Gruyter, 2009.
4. LIMA, S. M. C. **Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização**. 204f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
5. LIMA, S. M. C; FELTES, H. P M. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de (Orgs.). **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

**Eixo 2. Das formas e construções linguísticas às configurações textuais/discursivas —  
Axis 2. From linguistic forms and constructions to textual/discursive configurations**



## A corpus study of competing voices in Hong Kong's Umbrella Revolution

Janet Ho

(Lingnan University, Hong Kong)

Democratic development in Hong Kong has been a major concern since the return of sovereignty from Britain to China in 1997. According to the constitutional principle "One Country, Two Systems", Hong Kong could retain its own capitalist economic, political and judicial systems, while the People's Republic of China (PRC) adopts the socialist system. However, universal suffrage has been a contentious issue in the past 15 years. It has heated up recently after PRC issued its plan to have universal suffrage in the next Hong Kong Chief Executive Election.

On 28 September 2014, The Occupy Central movement called on thousands of protesters to block the major roads across the city. The firing of tear gas by the Hong Kong Police Force has angered tens of thousands, triggering them to join the protest. The movement (later dubbed the "Umbrella Revolution") has widely caught the world's attention and dominated the headlines for months. In this movement, it is emphasized that protesters must strictly obey the principles of peace and non-violence. However, after months of clogging traffic in the city, the movement is criticised by many citizens as destroying social order. Street clashes broke out, heightening social tension and hostility.

A corpus approach can help identify the lexico-grammatical features such as collocates and metaphors in the news discourse, providing more insights into how different voices are depicted in the movement. As Baker (2006) points out, corpus 'not only helps to uncover the possible metaphors surrounding a word or concept, but it can also be useful in revealing how that metaphor works in a range of other cases, enabling researchers to gain a greater understanding of its meaning' (p.172). In recent years, corpus linguistic techniques have been more widely used in the social analysis of discourse. According to Fairclough and Wodak (1997), critical discourse analysis views language as social practice which helps define human subjects and identify different structural relationships of dominance, discrimination, power and control. This paper, combining the approaches of corpus linguistics and critical discourse analysis, aims to investigate the discursive constructions of different social actors in the incident: students, police, government, anti-Occupy Central protesters and triad members. In particular, it examines in what ways they are linguistically described and constructed in the news discourse. The study compiled a corpus of English newspaper reports published in Hong Kong from September to December 2014 in order to capture all the highlights in the movement. By using the concordancer WordSmith tool 6.0, the concordance lines of different social actor terms were generated and the associated collocates were studied. Metaphor Identification Procedure (Pragglejaz Group, 2007) was also used to manually identify the metaphorical sense of the collocates co-occurred with the lexical terms. The corpus data shows that the connotations of different social actors in the incident are highly different. It also suggests that the research synergy of critical discourse analysis and corpus linguistics could help identify the social representation of different actors in a particular event.

**Keywords:** Hong Kong; Umbrella Movement; Collocation; Corpus Linguistics; Critical Discourse Analysis

### References

- Baker, P. (2006). *Using corpora in discourse analysis*. Bloomsbury Publishing.
- Fairclough, N. and Wodak, R. (1997). Critical discourse analysis. In T. A. van Dijk (ed.) *Introduction to Discourse Analysis*, pp. 258-284. Newbury Park: Sage.
- Pragglejaz Group. (2007). MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol* 22, 1-40.

## A Função dos Dêiticos Espaciais e Temporais no Inquérito Policial

**Maria do Socorro Oliveira**

(PPGEL, UFRN, Brasil)

Esta comunicação apresenta resultados preliminares do recorte de uma pesquisa de doutorado, em andamento, voltada para o estudo da responsabilidade enunciativa em registros escritos nos gêneros que constituem o processo de averiguação inquérito policial, documento de caráter administrativo, conduzido pela polícia judiciária. A pesquisa situa-se no campo da linguística de texto e da linguística da enunciação. Para este momento, o objetivo é divulgar os resultados parciais da investigação realizada sobre a função de uma das categorias de análise adotada na pesquisa, os dêiticos espaciais e temporais, identificados em cada um dos gêneros que constitui o inquérito policial analisado para este fim, com base, principalmente, nos pressupostos de Adam (2011). Por se tratar de uma categoria bastante ampla, apresentamos apenas os organizadores espaciais e temporais. Conforme Adam (2011), estes organizadores têm o objetivo de orientar o leitor a elaborar um todo coerente. Desse modo, o suporte teórico que sustenta esta análise está ancorado na linguística textual, Koch (2009), nos estudos linguísticos do texto, dos gêneros textuais e do discurso e da enunciação, Adam (2011), Maingueneau (2002). Inclui, também, os estudos da linguística descritiva, Perini (2006), entre outros. Quanto aos aspectos metodológicos da pesquisa, trata-se de uma abordagem documental, de base descritiva, em que se investiga um *corpus* constituído por inquéritos policiais originados a partir de denúncias realizadas em boletins de ocorrência registrados em uma Delegacia Especializada de Amparo à Mulher, em Natal, Rio Grande do Norte, Brasil. Nos procedimentos de análise metodológica do *corpus* são aplicadas as oito categorias propostas por Adam (2011), capazes de marcar o grau de responsabilidade enunciativa de uma proposição: os índices de pessoas; os dêiticos espaciais e temporais; os tempos verbais; as modalidades; os diferentes tipos de representação da fala; as indicações de quadros mediadores; os fenômenos de modalização autonímica; as indicações de um suporte de percepções e de pensamentos relatados, mas, para esta comunicação, apresentamos apenas a categoria referente aos dêiticos espaciais e temporais. Os resultados parciais do estudo apresentaram um índice elevado desses marcadores e, dessa forma, entendemos que eles contribuem para sinalizar as relações espaciais e temporais situando no tempo e no espaço a fala dos sujeitos que constituem o inquérito policial, vítima, testemunhas, acusado, escrivã (o), delegada (o), em cada um dos gêneros que constituem o inquérito policial.

**Palavras-chave:** Dêiticos espaciais e temporais; Responsabilidade enunciativa; Inquérito policial.

## Asa Que Se Enlaçou, Mas Não Voou...

**Anderson Ferreira**

(PUC-SP/UMinho-ILCH/CAPES)

**Ramon Silva Chaves**

(PUC-SP/CLUP/CAPES)

Entendemos a palavra como mensageira de valores pessoais carregada de intenções particulares com uma ética própria e uma dignidade profética, cuja eficácia intrínseca assegura a criação do universo humano. Nessa senda, este trabalho visou a examinar a unidade lexical *quase* como manifestação paratópica no discurso literário *Quase* de Mario de Sá-Carneiro. Há de se considerar um movimento teso da unidade lexical em questão. Tal atividade conflui a uma paratopia literária, que, na presente análise, foi percebida no eixo temático que discute as formas e construções linguísticas às configurações textuais/discursivas. Para tanto, privilegiamos como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso, mormente, o estudo da palavra incluído entre os planos de uma semântica global e a noção de embreagem paratópica, focalizada no âmbito desta disciplina. A palavra, no entanto, se tomada isoladamente, não constitui uma dimensão única de prestígio, pois ela constrói efeitos de sentido com outros planos da semântica global, no nível discursivo, ou seja, ela gera sentidos por meio de sua enunciação e com base no posicionamento de quem a profere. Ora, uma palavra produz efeitos de sentido e torna-se relevante somente se a inserirmos na cena que o discurso constrói para autorizar tais efeitos. Desta forma, a palavra, num quadro textual, pode produzir efeitos de sentido diversos, considerando suas condições sócio-históricas e culturais de produção e de leitura. Com isso, procurou-se verificar como os efeitos de sentido desta unidade lexical *quase* constituem um modo de manifestação literária. Em *Quase*, a opção lexical revela lugares tópicos marcados sócio-historicamente, produzindo efeitos de sentido de natureza histórica, psicológica, social e filosófica pela via linguística. A sistemática repetição da unidade lexical *quase* restringe, na criação literária, as fronteiras enunciativas ao espaço de subjetividade, os quais podem ser entendidos como uma condição de existência. A unidade lexical *quase*, portanto, revela, no discurso literário *Quase*, o impossível lugar, passando por gradações semânticas à medida que vai sendo enunciada. Nota-se que de modalizador adverbial, a unidade lexical *quase* adquire um estatuto de pertencimento. A paratopia constitui, desse modo, a face mais pungente no discurso literário: o pertencimento, o qual é inviabilizado pela recorrência da unidade lexical *quase*.

**Palavras-chave:** Unidade lexical; palavra; discurso literário; paratopia; embreagem paratópica.

### Referências Bibliográficas

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo, 1999, Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (org.) *A delimitação de unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Grypho, pp. 81-97.
- GUSDORF, Georges, 1952, *A palavra*. Trad. José Freire Colaço. Edições 70.
- MAINGUENEAU, Dominique, & COSSUTA, Frédéric (1995) *L'analyse des discours constitutants*. *Langages* 117, pp. 112-125.
- MAINGUENEAU, Dominique, 1993, *Éléments de linguistique pour le text littéraire*. Paris: Dunod.
- MAINGUENEAU, Dominique, 2006, *Discurso Literário*. Trad. Adail Sobral. – São Paulo: Contexto.

## **As Representações Discursivas de Vítima no Inquérito Policial**

**Maria de Fátima Silva dos Santos**

*(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN)*

Esta comunicação tem como principal objetivo analisar o fenômeno da representação discursiva de vítima no inquérito policial. O estudo insere-se no âmbito teórico geral da Linguística de Texto (LT) e, mais especificamente, na Análise Textual dos Discursos (ATD), elaborada pelo linguista Jean-Michel Adam (2011 [2008]). A noção de representação discursiva proposta pela ATD constitui um dos aspectos mais importantes da dimensão semântica do texto e é complementada pelos trabalhos de Grize (1990, 1996) a partir da noção de esquematização discursiva. A representação discursiva é responsável pela união, descrição e caracterização de elementos imprescindíveis no constructo textual, ou seja, o locutor/enunciador, o interlocutor/ouvinte-leitor e os temas abordados, num contexto concreto de uso da linguagem. (cf. ADAM, 2011). Na fundamentação teórica, o trabalho é orientado pelos estudos da Linguística do Texto, com Adam (2008, 2011), Koch (2011, 2004), Cavalcante (2010, 2011) e pelos estudos que abordam as representações discursivas, com Rodrigues, Passeggi e Silva Neto (2010, 2012, 2014), Lopes (2014), dentre outros. Seguindo princípios da pesquisa documental, de base qualitativa, exploramos um *corpus* constituído por inquéritos policiais originados a partir de denúncias registradas em boletins de ocorrência policial. Os inquéritos selecionados para análise foram coletados em uma Delegacia Especializada de Amparo à Mulher (DEAM), em Natal, Rio Grande do Norte. Selecionamos, para este momento, os seguintes objetivos: investigar as representações discursivas de vítima nas peças que compõem o inquérito policial; explicar a relação entre as representações discursivas e o ponto de vista do enunciador, em função da orientação argumentativa do texto, no inquérito policial. Dessa maneira, e de acordo com nossos objetivos, utilizamos como procedimentos de análise as categorias semânticas ou conceituais da representação discursiva, a saber: a referenciação, a predicação e a modificação. De modo a ampliar nossa pesquisa, pretendemos explorar, também, aspectos da argumentação, sobretudo no que se refere à construção da argumentação jurídica.

**Palavras-chave:** Análise Textual dos Discursos; Inquérito policial; Predicação; Referenciação; Representações discursivas.

## Atenuação e adverbiais de enunciação em Português europeu contemporâneo

Ana Cristina Macário Lopes  
(CELGA/FLUC)

Este estudo visa contribuir para uma futura sistematização dos mecanismos linguísticos atenuadores em Português, etapa preliminar a uma análise contrastiva entre o Português e o Espanhol no âmbito da expressão da atenuação.

Partimos da definição de atenuação proposta por Briz & Albelda (2013), segundo a qual a atenuação é “una actividad argumentativa (retórica) estratégica de minimización de la fuerza ilocutiva y del papel de los participantes en la enunciación para lograr llegar con éxito a la meta prevista, y que es utilizada en contextos situacionales de menos inmediatez o que requieren o se desea presenten menos inmediatez comunicativa.” Assim definida, a atenuação é claramente um fenómeno pragmático, e, embora mantenha afinidades com o conceito de cortesia (cf., e.o., Brown & Levinson 1978), não deve ser com ele confundida. Com efeito, a atenuação, no quadro da teoria da cortesia, é perspectivada como uma estratégia de mitigação da força ilocutória de atos ameaçadores da face do outro, ou, mais precisamente, como um mecanismo discursivo que visa proteger a face negativa do outro. Neste sentido, a atenuação corresponde à concretização linguística da cortesia deferente, “normativa-ritual”. Se é verdade que o princípio da cortesia permite explicar muitos casos de atenuação, nomeadamente na interação dialógica, não é menos verdade que certos usos atenuativos não se enquadram nessa explicação. Como assinalam Briz & Albelda (2013), há géneros discursivos/textuais (por exemplo, o discurso académico monológico) onde ocorrem muitas vezes expressões de atenuação que funcionam tipicamente como mecanismos de auto-proteção, ou seja, de salvaguarda da face do eu (e não do outro). Optando por uma estratégia de atenuação, o locutor distancia-se linguisticamente da sua mensagem para se aproximar, afetiva e socialmente, do outro. Por outras palavras, “lingüísticamente, atenuación significa distancia, socialmente, atenuación significa acercamiento”. Desta forma, acautelam-se as relações interpessoais e potencializa-se a consecução dos objetivos interacionais do falante.

Neste trabalho, focalizam-se algumas construções adverbiais de enunciação do Português europeu contemporâneo, cuja descrição e explicação envolve necessariamente a convocação da sua função discursivo-pragmática, no âmbito do quadro teórico acima delineado.

**Palavras-chave:** atenuação, cortesia, adverbiais de enunciação

### Referências bibliográficas

- Briz, A. & Albelda, M. (2013) Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR.ATENUACIÓN). *Onomazéin*, 28: 288-319.
- Lopes, A.C.M. (2012) Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no Português europeu contemporâneo”. In *Alfa. Revista de Linguística* (UNESP, São José do Rio Preto), 56. 2, 451-468.
- Lopes, A.C.M. (2012) Contributos para uma análise semântico-pragmática das concessivas de enunciação no PEC”. In *Diacrítica*, 26/1, 131-146.
- Lopes, A.C.M. (2011) Contributos para a caracterização das finais de enunciação no Português europeu contemporâneo. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, 6 (1), 125-148.
- Lopes, A.C.M. (2009) Contributos para o estudo de construções condicionais não canónicas no PEC. *Diacrítica*, 23/1, 149-170.

## Construções condicionais in subordinadas: da sintaxe para o discurso

Flávia B. M. Hirata Vale

(Universidade Federal de São Carlos)

As construções complexas são uma questão central em trabalhos de cunho funcionalista há algum tempo. Seu estatuto como um fenômeno discursivo foi estabelecido, entre outros, no estudo pioneiro de Matthiessen e Thompson (1988), que viam o processo de combinação de orações não apenas do ponto de vista da gramática, mas também do discurso. Esse novo olhar para as construções complexas também implicou que a tradicional distinção entre os processos de *subordinação* e de *coordenação* de orações fosse revista, uma vez que a separação dicotômica já não mais se adequava a uma série de fatos linguísticos que passaram a ser analisados de acordo com seu uso, em situações efetivas e reais.

Neste trabalho, analisa-se um tipo de construção que recentemente tem sido objeto de estudo em diversas línguas, as construções in subordinadas, mais especificamente, as condicionais in subordinadas (HIRATA-VALE, em preparação). De acordo com Evans (2007), trata-se do uso convencionalizado como oração principal de uma oração que, aparentemente, seria considerada como subordinada, como em:

(1)

Edgar: Você é uma pessoa muito boa

Virgínia: Obrigada.

Edgar: Se eu não fosse tão estabonado... E se eu não tivesse todo esse... Esse passado ...  
(CB)

(2) Lembro que uma vez me levaram pra: mostrar como eles faziam aqueles tipozinhos se eu não me engano - de chumbo - é chumbo né? - depois organiza aquilo tudinho - é: - já vem depois de corrigido aquilo é corrigido. (CdP)

(3) Estado - Ou seja, ficou decidido um "rodízio", se é que se pode usar essa palavra, muito empregada nesta reunião. (CB)

Tomando como base critérios formais e discursivos, e partindo de corpora de textos escritos e falados (Corpus do Português, Corpus Brasileiro, C-Oral), é possível notar que no uso dessas construções há uma extensão funcional, o que significa dizer que elas expressam relações que vão além do nível sintático, e devem ser avaliadas nos domínios semântico e pragmático (MITHUM, 2008). Nesse sentido, as funções que desempenham são também de caráter pragmático-textuais, e se relacionam aos componentes da situação discursiva (HEINE et al, no prelo), quais sejam as atitudes do falante (crenças, compromissos), a interação entre falante e ouvinte (pedidos, ofertas, ameaças) e a própria constituição do texto (funções metatextuais). Essas construções têm diferentes graus de composicionalidade, desde as mais espontâneas, e menos fixas, até as mais formulaicas, e mais fixas. Espera-se, neste trabalho, apresentar as distinções entre vários subtipos de construções in subordinadas, de acordo com o maior ou menor grau de dependência relativamente ao contexto discursivo em que essas construções ocorrem.

Ao longo do processo de in subordinação as construções marcadas com a conjunção *se* vão perdendo gradativamente seu sentido condicional/hipotético e passam a codificar outros valores, determinados pragmaticamente, o que se comprova pelo fato de que as condicionais in subordinadas já não podem ser avaliadas segundo os parâmetros de condicionalidade propostos Dancygier (2013). Conclui-se que esse tipo de construção é

bastante regular nas línguas e que seu uso não se restringe apenas a contextos dialógicos de fala, mas também constitui uma importante estratégia na elaboração de narrativas escritas.

**Palavras chave:** construções condicionais; insubordinação; extensão funcional

#### **Referências bibliográficas**

- DANCYGIER, B. Conditional reasoning and types of alternativity. Paper presented at the Symposium on Conditional Reasoning, Tokyo University, Japan, October 6-8. 2013.
- EVANS, N. Insubordination and its uses. In: NIKOLAEVA, I. (Ed.), *Finiteness. Theoretical and Empirical Foundations*. Oxford University Press, Oxford, 2007. p. 366-431.
- HEINE, B. et al. On insubordination and cooptation. In: EVANS, N., WATANABE, H., *Dynamics of Insubordination. (Typological Studies in Language)*. Amsterdam, Philadelphia: Benjamins. (no prelo)
- HIRATA-VALE, F. O processo de insubordinação nas construções condicionais do português do Brasil. Relatório de Pesquisa a ser apresentado para a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo/FAPESP/Processo n. 2013/24523-2), em preparação.
- MATTHIESSEN, C., THOMPSON, S. A. The structure of discourse and subordination. In: HAIMAN, John, THOMPSON, Sandra (Eds.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, p. 275-329, 1988.
- MITHUN, M. The extension of dependency beyond the sentence. *Language*. 84 (1), 2008, p. 69-119.

## **Cortesia Linguística e Compreensão Leitora: um olhar sobre a Literatura**

**Valéria Cavalheiro**

*(Universidade do Porto – Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP) e  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES))*

Este trabalho tem como objetivo, por um lado, verificar a influência do conhecimento do uso de normas de cortesia linguística, em especial, referentes aos pronomes de tratamento *tu* e *você*, na compreensão de narrativas literárias escritas em diferentes variantes do português. Por outro lado, pretende destacar o papel da escola como fundamental para a expansão do conhecimento de normas de cortesia linguística de diferentes culturas. Entretanto, ao utilizar um *corpus* de análise literário, busca-se destacar mais um viés do manancial de recursos que a literatura oferece ao ensino da língua.

Quanto à metodologia utilizada, o método de análise prevê a realização de revisões teóricas por meio de pesquisa em interface entre teorias das áreas da linguística, da literatura e do ensino. Para tal, privilegamos o método de raciocínio hipotético-dedutivo com recolha de dados, em um universo de pesquisa composto por portugueses sempre residentes em Portugal. A amostra é composta por estudantes do Ensino Superior. Como instrumentos de recolha de dados, optou-se pelo uso de questionários e testes de leitura. Os questionários buscam dados pessoais e de formação dos investigados, enquanto os testes de leitura buscam verificar a sua compreensão leitora sobre o uso das formas de tratamento “tu” e “você”. O *corpus* literário escolhido é composto de excertos da trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo (1951), obra escrita em Português Brasileiro, com a presença do dialeto do Estado do Rio Grande do Sul. O protocolo verbal para a obtenção dos dados de compreensão textual é o da “auto-revelação” que, conforme Cohen (1987), busca obter dados “durante a leitura”. Ou seja, o leitor descreve e verbaliza o que lê durante o processo de leitura, propiciando que os dados sejam coletados enquanto estão na memória de trabalho. Para abrandar o problema das inferências do investigador durante o processo, incluímos o “protocolo de pausa”, conforme modelo de Tomitch (2007), que inclui pontos vermelhos em diferentes locais do texto, indicando que o leitor deve lembrar de fazer uma pausa e relatar o que leu. O método de análise do material é a “análise de conteúdo” (Bardin, 1977).

O referencial teórico, no que tange às questões ligadas à importância do ensino em interface entre linguística e literatura, privilegia a visão de Silva (2008) e, no que diz respeito às questões ligadas à cortesia linguística, destaca os estudos de Brown e Levinson (1994), Carreira (1997, 2004) e Duarte (2010). Quanto às questões de ordem psicolinguística ligadas ao estudo da compreensão leitora, este estudo privilegia aos estudos de Smith (1989, 1998, 1999), e ao que toca às inferências linguísticas, destaca os conhecimentos de Brandão e Spinillo (1998).

Quanto aos resultados, o estudo comparativo sobre o uso dos pronomes de tratamento “tu e você” em diferentes variantes do português, como o PB e o PE (da região do Rio Grande do Sul), levam a crer que esses pronomes funcionam como “homônimos perfeitos” (ou falsos amigos) e que, possuindo diferentes significados, podem comprometer a compreensão de textos literários.

Cabe lembrar que este trabalho insere-se em uma pesquisa de doutorado em Linguística, na Universidade do Porto.

**Palavras-chave:** Cortesia Linguística, Compreensão Leitora, Literatura



**Referências:**

- BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- BRANDÃO, A.C.P. e SPINILLO, A.G. (1998). “Aspectos gerais e específicos na compreensão de textos”. *Psicologia: Reflexão e Crítica*. Porto Alegre. Vol. 11. nº 2. pp. 253-272.
- BROWN, P. e LEVINSON, S. (1994). *Politeness: some universals of language*. Cambridge: C.U.P Cambridge University Press.
- SILVA, V. A. (2008). “Horizontes de uma nova interdisciplinaridade entre os estudos literários e os estudos linguísticos”. In: REIS, C. (org.), *Actas, Conferência Internacional sobre o Ensino do Português*. Lisboa: Ministério da Educação, DGIDC, pp. 19-32.
- SMITH, F. (1999). *Leitura significativa*. Trad. Beatriz Affonso neves. Porto Alegre: Artmed.
- CAVALCANTI, M. C. (1989). *Interação leitor-texto: aspectos de interpretação pragmática*. Campinas: UNICAMP.
- COHEN, A. D. (1987). “Recent uses of mentalistic data in reading strategy research”. *D.E.L.T.A*, v. 3, n. 1, p. 57-84.
- CARREIRA, M. H. (1997). *Modalisation linguistique en situation d’interlocution : proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris : Peeters.
- CARREIRA, M. H. (2004). *Les formes d’allocation du portugais européen : valeurs et fonctionnements discursifs*. *Franco-British Studies*, 35-45.
- DUARTE, I . M. “Formas de tratamento : item gramatical no ensino do Português Língua Materna”. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. (pp. 133 – 146).
- TOMITCH, L. (2007) “Desvelando o processo de compreensão leitora: protocolos verbais na pesquisa em leitura”. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 32 n 53, p. 42-53.

## Da gramática ao texto: a indeterminação do sujeito como estratégia discursiva

**Lúcia Helena Peyroton da Rocha**  
(UFES)

**Micheline Mattedi Tomazi**  
(UFES/PPGEL)

**Mônica dos Santos Souza**  
(UFES/PPGEL)

**Santinho Ferreira de Souza**  
(UFES)

Tradicionalmente, a maioria dos gramáticos defende dois expedientes para se indeterminar o sujeito: (i) empregar o verbo na 3ª pessoa do plural sem referência anterior ao pronome eles ou elas, e a substantivos no plural, como em: *Quebraram a janela*; (ii) flexioná-lo na 3ª pessoa do singular acompanhado da partícula *se*, por exemplo, em: *Precisa-se de secretária*. Por observarmos que, no uso diário da língua portuguesa, a indeterminação do sujeito pode ser codificada também por meio de outros elementos, como: você, pessoas, alguém etc. sem referência definida, como atestam os exemplos a seguir: (i) "Você conhece, você confia." (*Slogan* da Campanha publicitária da Volkswagen); (ii) "Você, cliente do Banco do Brasil Estilo, é nosso convidado para conhecer o BOM DA VIDA com Dotz em: dotz.com.br/" (Informe do Banco do Brasil); (iii) *As pessoas têm o mau costume de discriminar as outras por causa da aparência, cor da pele, condição financeira, religião, opção sexual.* (Disponível em: [www.eusouquemsou.net.br](http://www.eusouquemsou.net.br)); (iv) "Se alguém fala mal dos outros para ti, falará mal de ti para os outros." (Provérbio). O objetivo deste trabalho é mostrar que o falante da língua portuguesa pode se valer da indeterminação do sujeito como estratégia discursiva em diversas situações comunicativas. Para tanto, a nossa análise terá como aporte teórico a perspectiva funcionalista da linguagem. Concordamos, assim, com os preceitos do Funcionalismo Linguístico, ancorados na visão de Givón (2001). Entre outras questões, Givón (2001) fala da origem do funcionalismo linguístico e da importância de não fazermos análises isoladas, isto é, o linguista chama a nossa atenção para a relação existente entre as estruturas gramaticais e os diferentes contextos comunicativos em que essas estruturas são usadas. Aliada a essa abordagem, elegemos também para o estudo e análise do fenômeno de indeterminação a Linguística Textual, sobretudo no que tange às noções de texto veiculadas nesse campo investigativo, mais precisamente, por não considerá-lo uma estrutura pronta e acabada, mas sim, parte de atividades mais globais da comunicação, visto como atividade verbal consciente e interacional (BENTES, 2004). Neste sentido, adotamos também o olhar de Cavalcante e Custódio Filho (2010) e de Dionísio (2008) ao destacarem a necessidade de uma investigação que leve em conta o caráter multimodal dos textos que circulam atualmente em nossa sociedade e de irmos além da materialidade linguística, considerando outras semioses não linguísticas pertencentes às estratégias textual-discursivas da atividade de produção. Partimos, pois, do princípio de que o falante dispõe de diversas formas quando deseja indeterminar o sujeito em suas interações diárias. Para a constituição de nosso *corpus*, foram eleitos vários gêneros textuais, dentre os quais estão provérbios, anúncios publicitários, entrevista, *slogan* etc., textos que circulam em nossa sociedade contemporânea, que trazem as várias formas de indeterminação do sujeito, com vistas a atender à necessidade comunicativa. A coleta dos dados se deu de forma manual e também por meio de ferramentas de pesquisa disponíveis na web.

**Palavras-chave:** *Indeterminação do sujeito. Funcionalismo. Linguística Textual*

**Referências Bibliográficas**

1. BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (orgs). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras** – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2004.
2. CAVALCANTE, M. M; CUSTÓDIO FILHO, V. **Revisitando o estatuto do texto**. Revista do GELNE, Piauí, v. 12, n.2, 2010.
3. DIONISIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A.M; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. (orgs). **Gêneros textuais: reflexão e ensino**. 3. ed. rev. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
4. GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, V. 1, 2001.

## **Das formas de construção frástica de títulos jornalísticos às formas de construção do acontecimento: formas, representações e esquematizações**

**Wander Emediato de Souza**

*(Universidade Federal de Minas Gerais)*

O objetivo principal deste trabalho é evidenciar a relação entre as formas de construção frástica de títulos jornalísticos, seus diferentes componentes linguísticos e as representações e esquematizações que resultam dessas escolhas formais (forma frástica, verbos, atualizadores, etc.). A intenção do sujeito comunicante de representar pontos de vista ou um modo de percepção do acontecimento no jornalismo através de aspectos bem sutis da configuração linguística foi analisada por Emediato (1995, 2000), mas os fatos empíricos observados não tinham ainda sido avaliados na perspectiva de uma lógica dos objetos e dos sujeitos, ou como *esquematizações* (GRIZE, 1990, 1996) que colocam em cena representações diversas. Nesse sentido, buscamos ampliar a análise da relevância no processo que parte das construções linguísticas (frasais) às configurações textuais e discursivas no tratamento da informação. Com efeito, os tipos de construção frástica revelam pontos de vista que o sujeito comunicante busca acentuar (dar relevo) nos títulos, constituindo não só uma maneira de construir o acontecimento, como também de inseri-lo em um enquadramento (*cadrage*), ou perspectiva, constituindo uma *esquematização*. Esse ponto de vista remete ora ao agente, ora ao processo, ora ao resultado do processo e cada um desses pontos de vista constrói uma maneira particular de representar o acontecimento, sendo que a esquematização possui implicações não só sobre a forma discursiva da informação jornalística como também sobre suas formas de recepção ou de interpretação (lógica dos sujeitos). O ponto de vista do agente remete às configurações acionais (títulos verbais: *Governistas recuam e querem mudar emenda da previdência* (FSP)); o ponto de vista do processo, às formas nominalizadas (títulos nominais: *O purgatório de Dilma* (Carta Capital)); e o ponto de vista do resultado às formas passivas (título na forma passiva: *República sindicalista instalada na Petrobrás* (O Globo)). Por meio das construções frásticas o título da notícia reivindica uma ou outra forma, *analítica*,  *sintética* ou *resultativa* de unidade macroestrutural da informação. Gostaríamos de mostrar que o nível de configuração linguística é, para esse gênero, indissociável de seu plano discursivo, pois coloca em evidência a própria percepção do acontecimento pelo sujeito observador e ainda a forma como ele busca (macro) estruturar o sentido no interior da construção frástica, investindo no nível das formas temporais, no semantismo dos verbos, nos efeitos de pressuposição das formas nominais e nos tipos de atualização ou determinação. Assim, por meio de alguns exemplos trazidos da imprensa brasileira (jornais O Globo e Folha de S. Paulo; revistas Veja e Carta Capital), mostraremos que a relação entre o nível linguístico-gramatical e o discursivo é de grande relevância para uma melhor compreensão dos procedimentos de representação do mundo, podendo ser analisados tanto da perspectiva do processo de produção do discurso como de sua recepção e interpretação. Para isso, associamos uma análise semiolinguística (CHARAUDEAU, 1992), que parte das categorias da língua para avaliar seus efeitos discursivos potenciais em situação, a uma problematização da lógica natural (GRIZE, 1990, 1996) que faz interagir lógica dos objetos e lógica dos sujeitos, representações de sujeitos e esquematização discursivas.

**Palavras-chave:** Formas frásticas, tipos de verbos, nominalização, atualização, informação jornalística.

**Referências:**

- ADAM, Jean-Michel. *A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. 2 ed. Revisada. Porto Alegre: Cortez Editora, 2011. [Título original: La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours]
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette, 1992.
- EMEDIATO, Wander. *Analyse des configurations Linguistiques et Discursives des Titres de Journaux Français et Brésiliens*. 2000. 558p. Tese (Doutorado em Sciences du Langage). Université de Paris XIII. Paris. França.
- GRIZE, Jean-Blaise. *Logique et langage*. Paris: Ophrys, 1990.
- GRIZE, Jean-Blaise. *Logique naturelle et communications*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

## El papel de las formas verbales en la estructura temporo-aspectual del *Relato de un naufrago* de Gabriel García Márquez

Jasmina Markič

(Universidad de Ljubljana, Eslovenia)

Según Beaugrande y Dressler (1997) los textos narrativos se utilizan para organizar discursivamente las acciones y los acontecimientos en un orden secuencial determinado. Se trata del mundo textual que se encuentra en una relación sistemáticamente alternativa en relación a la versión aceptada del mundo real. Los valores temporales y aspectuales en los textos narrativos son el resultado de la interacción de los medios lingüísticos propiamente dichos (paradigmas o tiempos verbales, perífrasis verbales, construcciones sintácticas), los medios lingüísticos de textualización (medios retóricos y estilísticos, tipos de textos, géneros lingüísticos, procedimientos narrativos) y los medios no lingüísticos (conocimiento del mundo, conocimiento de la situación comunicativa, saber enciclopédico).<sup>1</sup> En este estudio se analiza un corto texto narrativo situado entre dos géneros diferentes, el literario y el periodístico (entre novela y reportaje o crónica periodística), entre el mundo real y el ficticio. Discernir quién(es) es (son) el (los) narrador(es) y cuál es la perspectiva narrativa es importante para comprender el mundo que crea la narración y sus relaciones temporales y aspectuales. El análisis de algunas formas verbales (tiempos verbales y perífrasis verbales) que señalan valores temporales y aspectuales en el *Relato de un naufrago* de Gabriel García Márquez muestra que las formas verbales analizadas son unos potentes recursos lingüísticos para la expresión de las mencionadas relaciones y tienen un fuerte valor expresivo con el que se logran efectos estilísticos especiales. El análisis de las perspectivas del narrador, de las oposiciones aspectuales de ciertos paradigmas verbales (p.ej. el pretérito perfecto simple y el imperfecto, el pretérito perfecto simple y el pretérito perfecto compuesto), de los valores aspectuales de algunas perífrasis verbales que parecen especializarse para indicar la aspectualidad comprueban que el aspecto verbal tiene un papel muy importante, nada inferior al de la temporalidad. Algunas perífrasis verbales cobran valores contextuales y actúan como marcadores del texto (García Fernández, 2006), otras funcionan con valores estilísticos especiales. En el complejo mundo del texto un sinfín de elementos dependientes entre sí sirven para expresar los más variados significados. La literatura es, según Reyes (1990), el más discutido y sin duda el más fascinante de los usos del lenguaje. Esta comunicación pretende demostrar también cómo actúan en el texto las formas verbales, cómo reflejan el cambio de focalización (Fleischman, 1990) y el cambio de los planes narrativos. El hablante, narrador en nuestro caso, tiene a su disposición recursos muy variados para expresar los matices más rebuscados.

**Palabras clave:** perífrasis verbales, tiempos verbales, texto narrativo, tiempo, aspecto.

### Referencias bibliográficas

- Beaugrande, Robert-Alain de, Dressler, Wolfgang Ulrich (1997). *Introducción a la lingüística del texto*. Barcelona: Ariel.
- García Fernández, Luis (dir.) (2006). *Diccionario de perífrasis verbales*. Madrid: Gredos
- Fleischman, Suzanne (1990). *Tense and Narrativity*. London: Routledge.
- Markič, Jasmina et al. (2013). *Hispanistična razpotja: Rojas, Cervantes, Machado, García Márquez*. Ljubljana: Filozofska fakulteta.
- Reyes, Graciela (1990). *La pragmática lingüística. El estudio del uso del lenguaje*. Barcelona: Montesinos.

---

<sup>1</sup> Cf. Markič, 2013.

**En parlant du passé :**  
**Etude contrastive des temps du passé dans trois langues (italien, norvégien, russe)**

**Elizaveta Khachaturyan**  
(Université d'Oslo, Norvège)

On sait bien que la façon dont les temps verbaux décrivent les actions au passé varie selon la langue : différentes caractéristiques de l'action sont prises en considération et mises en évidence. Ainsi, les temps du passé dans chaque langue se caractérisent par les conditions d'emploi spécifiques qui mettent en jeu différentes propriétés de l'action et se basent sur les critères du choix diversés.

L'objectif de la présente analyse sera de définir quelles conséquences pour la construction textuelle sont comportées par les différences du fonctionnement existant entre les temps du passé dans trois langues (italien – norvégien – russe) appartenant à trois groupes linguistiques différents (romane – germanique – slave). Autrement dit : est-ce que pour décrire le passé les mêmes caractéristiques sont importantes indépendamment de la langue et malgré les propriétés sémantiques du temps passé ? ou est-ce que la description change selon la langue employée ? (p.ex. est-ce que le caractère du déroulement de l'action – propriété importante pour les langues avec l'aspect verbal - sera aussi décrit dans les langues sans aspects mais à travers d'autres moyens : Breu 2007, Dickey 2000). Si les mêmes caractéristiques sont importantes, on peut supposer qu'elles sont introduites dans le texte d'une façon différente, à travers non seulement les formes verbales, mais aussi la sémantique verbale, les adverbes et d'autres propriétés contextuelles. Si, au contraire, la description change selon la langue, cela comportera une conséquence importante: notre vision du passé change selon la langue que nous employons.

Pour répondre à ces questions je vais analyser deux types de données (Skytte et al 1999, Verhoeven&Stromquist 2001):

1) Corpus parallèle (RuN-Euro) contenant les textes en trois langues analysées. Cette analyse nous permettra de distinguer comment l'insuffisance de l'information contenue dans les formes verbales est récupérée/compensée (ou non) à travers d'autres moyens (p.ex. les adverbes) ;

2) Résultats des tests conduits avec les étudiants (Universités d'Oslo et de Moscou) de L1-norvégien et russe, apprenants L2 de l'italien (dans les deux universités) et du russe (à Oslo). Ces données nous permettront de distinguer les traits typiques des narrations construites en trois langues décrivant les événements au passé.

Les trois langues, objet de la présente recherche, représentent trois systèmes différents des temps du passé : les critères du choix pour chaque temps varient selon la langue.

Italien : quatre temps du passé à l'indicatif ; critères du choix : caractère du déroulement de l'action (*passato prossimo* vs. *imperfetto*), lien avec le présent (*passato prossimo* vs. *passato remoto*), point de référence dans le passé (*trapassato*).

Norvégien : trois temps du passé ; critères du choix : la localisation temporelle dans le passé est déterminée ou non (*preteritum* vs. *imperfectum*), point de référence dans le passé (*pluskvamperfectum*).

Russe : deux temps du passé : critères du choix : caractère du déroulement de l'action. Vu que l'aspect verbal est incorporé dans la caractéristique verbale chaque verbe ne peut avoir qu'une seule forme du passé.

Différences formelles : en italien et en norvégien les temps passés peuvent avoir la forme simple et la forme composée (avec le(s) verbe(s) auxiliaire(s)), en russe seulement la forme simple est possible.

**Mots clés:** temps verbal, aspect verbal, sémantique

### **Bibliographie**

- Breu, W. 2007. *Der Verbalaspekt im Spannungsfeld zwischen Grammatik und Lexik*. Sprachwissenschaft 32/2, 123-166.
- Dickey, S. 2000. *Parameters of Slavic Aspect: A Cognitive Approach*. Stanford.
- Skytte Gunver, Korzen Jørn, Polito Paola, Strudsholm Erling (eds.). 1999. *Tekststrukturering på italiensk og dansk. Resultater af en komparativ undersøgelse. Strutturazione testuale in italiano e in danese*. København, Museum Tusulanum Press.
- Verhoeven, L. & Stromquist, S. (eds.) 2001. *Narrative Development in a Multilingual Context*. Benjamins.



**From consequential and conclusive constructions to discursive configurations:  
*alla fine* and *im Endeffekt* at the crossroad between grammar and text.**

**Valentina Russo**

(*Università degli studi di Napoli "L'Orientale"*)

This paper aims at describing how an analysis of single items or constructions may contribute to our understanding of discourse organization, by presenting the functions of Italian *alla fine* and German *im Endeffekt* and the configurations they instantiate in spoken discourse.

*Alla fine* and *im Endeffekt* are fixed formulas entrenched as idiomatic units with non-compositional meaning, which are able to fulfil different functions (ranging from conjunctive to discursive and modal ones) depending on the construction they are used in. In particular cases, they can introduce consequential and conclusive sequences, along with expressing an inferential meaning. By looking at their uses and collocations in spoken discourse from the perspective of Construction Grammar (s. Goldberg, 2006; Fischer/Alm, 2013) – thus taking into account their position at sentence and discourse level, their informational status with respect to previously explicitly given information, background information or common ground, their co-occurrence with other selected items and their pragmatic functions in interactions – the work aims at sketching the role of these two items at the crossroad of grammar and text. Namely, it will present the results of a cross-linguistic comparison carried out on the base of a “common conceptual space” (s. Croft, 2001), showing that *alla fine* and *im Endeffekt* share a number of characteristics in particular discursive constructions (s. Östman, 2005), such as narrative, argumentative and temporal ones. At the same time, the paper will discuss some peculiarities of both expressions which, in particular conditions, seem to be grammaticalized in language-specific constructions (s. Traugott, 2008), as in the case of the German contrastive use of *im Endeffekt* introducing a personal comment or a judgment in contrast with the previous assertions as a conclusion of explicit reasoning or evaluative processes, and the one of Italian *alla fine* in cause-effect constructions, like “if/when X, then Y”.

The analysis is based on real corpus data taken from the German *Wendekorpus* and the Italian *Corpus LIP*.

**Key-words:** construction grammar, construction discourse, conclusion, German, Italian

**References**

- Croft, William (2001), *Radical Construction Grammar*, Oxford: Oxford University Press.
- Fischer, Kerstin / Alm, Maria (2013), “A radical construction grammar perspective on the modal particle-discourse particle distinction”. In: Degand/Cornillie/Pietrandrea (eds.), *Discourse Markers and Modal Particles: Categorization and description*, 47-87.
- Goldberg Adele (2006), *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*, Oxford University Press.
- Östman, Jan-Ola (2005), “Construction discourse: a prolegomenon”. In: Östman, J.-O. / Fried, M. (eds.), *Construction Grammars. Cognitive Grounding and Theoretical Extensions*, Amsterdam: John Benjamins, 121–144.
- Traugott, Elizabeth Closs (2008), “Grammatikalisierung, emergente Konstruktionen und der Begriff der ‘Neuheit’”. In: Kerstin Fischer & Anatol Stefanowitsch (eds.), *Konstruktionsgrammatik II: Von der Konstruktion zur Grammatik*. Tübingen. Stauffenburg, 5-32

## **Gramática da fala *versus* “gramática” da escrita no português brasileiro: o caso do preenchimento da posição sujeito em textos narrativos**

**Cláudia Roberta Tavares Silva**

*(Universidade Federal Rural de Pernambuco/Brasil/CAPES)*

**Marcelo Amorim Sibaldo**

*(Universidade Federal Rural de Pernambuco/Brasil/CAPES)*

Assumindo com Kato (2004, p. 1) de que “[n]o Brasil, ao contrário do que ocorre em Portugal, a gramática da fala e a “gramática” da escrita apresentam uma distância de tal ordem que a aquisição desta pela criança pode ter a natureza da aprendizagem de uma segunda língua”, este estudo centra a atenção na distribuição de sujeitos nulos (ex: Ø Comemos o bolo) e plenos (ex.: *Nós* comemos o bolo.) em dados de fala (cf. DUARTE, 1995) e de escrita (textos narrativos) do português brasileiro em diferentes séries escolares (cf. MAGALHÃES, 2000), visando discutir até que ponto o conhecimento internalizado da gramática do português brasileiro (PB) distancia-se do conhecimento aprendido durante o processo de escolarização. Ademais, conforme afirmam Kato e Roberts (1993, p. 20), “[o] Brasil apresenta [...] um caso extremo de ‘diglossia’ entre a fala do aluno que entra para a escola e o padrão de escrita que ele deve adquirir”. Nesse sentido, para a realização desta pesquisa, serão retomados resultados de estudos sobre a temática em análise, não perdendo de vista suas contribuições para o ensino de língua portuguesa. Vale referirmos que a escolha em se trabalhar com textos narrativos deve-se ao fato de possibilitarem uma maior produção de todas as pessoas do discurso na posição sujeito, ao contrário de um texto dissertativo que, em geral, quase não é produtivo nas séries iniciais. Magalhães (2000), ao comparar quantitativamente seus resultados com os de Duarte (1995), conclui que a produção linguística das crianças nas séries iniciais ainda reflete a gramática adquirida durante o processo de aquisição, isto é, elas não foram afetadas de maneira significativa pela escola, pois sujeitos plenos são frequentes. São as séries finais que começam a apresentar as modificações implantadas pela escolarização, pois sujeitos nulos são mais produtivos. Diante disso, surge uma discussão adicional voltada ao papel da escola em sua tarefa de letramento, fundamentando-se no pressuposto de que a reflexão sobre aspectos gramaticais do PB (em nosso caso, a distribuição de sujeitos nulos e plenos em textos narrativos) é necessária à formação e atuação eficaz do docente. Durante a análise, será adotado o quadro teórico da gramática gerativa, tomando por base questões norteadoras apresentadas em Magalhães (2000): a) o que a criança traz de sua gramática internalizada para a escola?; b) a escola consegue reverter quantitativamente as inovações apresentadas pela gramática do PB com o processo de mudança evidenciado pelo aumento de sujeitos plenos na fala? e c) o sujeito nulo presente nas narrações apresenta as mesmas restrições encontradas na fala? Em linhas gerais, acreditamos que professor e aluno são sujeitos no processo ensino-aprendizagem e, portanto, a partir da reflexão sobre as formas e construções linguísticas do português brasileiro, serão capazes de “*produzir* seu próprio conhecimento lingüístico, aprendendo a praticar a investigação-teorização sobre os fatos da língua [...]” (FONSECA, 2001, p. 61), exigindo do docente um trabalho embasado não só no saber-fazer, mas também na “consciencialização teórica que deve estar fundamente implicada na actuação didáctica [...]” (FONSECA, 1994 apud FONSECA, 2001, p. 16).

**Palavras-chave:** gramática; narração; português brasileiro; sujeito; aprendizagem.

**Referências Bibliográficas:**

- DUARTE, M. E. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- FONSECA, F.. *Linguística aplicada ou linguística aplicável?* In: FONSECA, F. I.; DUARTE, I. M.; FIGUEIREDO, O. (Org.). *A linguística na formação do professor de português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2001. p. 15-26.
- KATO, M. A. *A gramática do letrado*. Ms. 2004.
- KATO, M. A; ROBERTS, I. (Org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- MAGALHÃES, T. M. V. *Aprendendo o sujeito nulo na escola*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

## **Gramática e Argumentação em Textos da Área Jurídica: os efeitos de sentido das intercalações**

**Ana Lúcia Tinoco Cabral**  
(UNICSUL, Brasil)

Vinculadas ao grupo de pesquisa *Teorias e práticas discursivas e textuais*, por nós liderado, e ao projeto *Gramática, Texto e Argumentação para a Prática de Leitura e Escrita*, nossas pesquisas investigam questões teóricas e metodológicas concernentes ao desenvolvimento e aperfeiçoamento de diferentes competências textuais, como ler, compreender, analisar e escrever textos de certa complexidade, focalizando os recursos linguísticos utilizados. Temos dedicado parte de nossos estudos à investigação dos usos linguísticos pelos operadores do Direito no Brasil, focalizando as estratégias por eles utilizadas para, de um lado, apoiar o próprio discurso, e, de outro, refutar o discurso contrário. Nas trocas verbais, frequentemente acrescentamos vários elementos aos enunciados, com a finalidade de chamar a atenção do interlocutor, retificar ou reforçar uma opinião, argumentar. Esses elementos, muitas vezes dispensáveis para o conjunto da informação, mas indispensáveis para a construção argumentativa, necessitam ficar em destaque, para que não passem despercebidos; para tanto, a intercalação constitui uma estratégia bastante eficaz. Chamam-se orações intercaladas incisivas, ou incidentes, as orações parentéticas encaixadas em outra oração, sem dependência sintática (Dubois et al, 1994). Elas “normalmente, ficam separadas daquelas que elas partem por parênteses, travessões ou vírgulas” e têm função pragmática de exprimir restrição, escusa, ou ainda introduzir uma citação (Dubois et al, 1998, p. 349). Considerando que, entre os *corpora* por nós estudados, encontram-se textos da área jurídica, para a presente comunicação, nossas análises exploram, num *corpus* composto de três processos, quatro categorias de encaixamento, a saber: as orações intercaladas propriamente ditas, o aposto, as expressões de caráter adverbial, as orações relativas explicativas, verificando como esses elementos permitem reforçar a adesão ou, ao contrário, marcam o distanciamento e a não adesão. Para além da classificação meramente formal, procuramos ampliar a abordagem das orações intercaladas, buscando os efeitos de sentido pretendidos com o seu emprego, ou, como observa Kerbrat-Orecchioni (1980,1997), visando a identificar a intenção que determinou as escolhas linguísticas. Buscamos uma taxonomia para dar conta dos efeitos pretendidos. O quadro teórico que dá suporte às análises insere-se na linha teórica da Semântica Argumentativa (Ducrot, 1980 e 1984) em confluência com os teóricos dedicados aos estudos da Linguística da Enunciação (Benveniste, 1966, 1997a e 1974, 1997b; Kerbrat-Orecchioni, 1980, 1997; 1990, 1998 e 2005), a partir de uma visão enunciativa e discursiva dos fatos gramaticais. Como metodologia de análise, partimos de uma descrição do quadro enunciativo, levando em conta as relações entre as partes e delas com o juiz, considerando o conjunto dos sujeitos envolvidos na interação. Em seguida, procedemos ao levantamento das marcas linguísticas, seguindo a metodologia proposta por Kerbrat-Orecchioni (1980, 1997), que consiste em isolar os índices que instituem as relações entre os locutores e o enunciado a fim de verificar a intenção que determinou as escolhas linguísticas. O trabalho evidencia a relevância dos fenômenos gramaticais para o agenciamento global dos textos da área jurídica e mostram a importância dos estudos linguísticos para a formação dos profissionais que atuam na área em questão.

**Palavras chave:** gramática, texto, argumentação, intercalação, discurso jurídico

**Referências**

- BENVENISTE, Émile (1966, 1997a), *Problèmes de linguistique générale 1*. Paris: Gallimard.
- \_\_\_\_\_ (1974,1997b), *Problèmes de linguistique générale 2*. Paris: Gallimard.
- DUCROT, Oswald. et al. (1980), *Les mots du discours*, Paris: Minuit.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980,1997), *L'énonciation*, Paris: Armand Colin.
- NEVES, Maria Helena de Moura (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora da UNESP.

**La configuration discursive « unité prédicative– unité résomptive »  
du type *c'est vrai, il a essayé de s'évader***

**Florence Lefeuve**

*(Sorbonne Nouvelle – Paris 3, France)*

L'objet de cette communication est d'étudier le fonctionnement du couple linguistique suivant : unité résomptive-unité prédicative, du type :

« Qu'est-ce qu'il aurait fait sans moi, mon pauvre vieux ? » **C'est vrai**, il ne savait plus qu'obéir. (Groult Benoîte, Groult Flora)

L'unité prédicative — *il ne savait plus qu'obéir* — est ici autonome, en ce qu'elle est assortie d'une modalité d'énonciation (assertion) : nous y reconnaitrons une phrase que nous définirons comme un prédicat assorti d'une modalité d'énonciation (assertion, injonction, interrogation, cf. Lefeuve 2014). L'unité résomptive — *c'est vrai* — est constituée d'un pronom démonstratif résomptif *c'* dont la valeur sémantique du non catégorisé, non classifié (Kleiber 1994, Lefeuve 2012) lui permet de renvoyer à une unité prédicative, ici à *il ne savait plus qu'obéir*. En outre, elle comporte un adjectif modalisateur *vrai* qui caractérise cette unité prédicative. Elle comprend un prédicat (*est vrai*) et un sujet mais elle perd de son autonomie syntaxique : elle admet difficilement par exemple un changement de modalité d'énonciation. Elle paraît même parfois surperflue, comme le montre la possibilité de la supprimer, sans affecter la cohérence du discours :

« Qu'est-ce qu'il aurait fait sans moi, mon pauvre vieux ? » Il ne savait plus qu'obéir.

L'unité *il ne savait plus qu'obéir* est de ce point de vue première alors que l'autre est seconde, greffée sur la première. Nous suivrons le cadre théorique développé dans Le Goffic 1993 (qui parle d'« incidente » pour mettre en évidence que ce segment est intégré à l'unité phrastique auquel il fait référence), Lefeuve 2007 et Lefeuve 2012. Nous verrons qu'il existe une solidarité discursive entre ces deux unités en ce que l'une est commentée par l'autre par le biais du pronom anaphorique *c'* : à l'interface de la syntaxe et du discours, ces deux unités forment une période discursive.

Nous étudierons la position de l'unité résomptive par rapport à l'unité prédicative, selon qu'elle est en position antéphrastique (1), postphrastique (2), intraphrastique (3) :

(2) *Lorsque j'ai mené une campagne pour tenter de modifier notre politique en Algérie, j'étais minoritaire, c'est vrai. Mais, dans presque tous les partis, des gens pensaient comme moi, voulaient la négociation, la paix (Mendès-France)*

(3) *Mais il tenait à chanter dans ce qui lui paraissait être, c'est vrai señora Ninotte, le plus extraordinaire jardin de la création (Chamoiseau)*

Dans ce cas, l'unité résomptive est cataphorique (1), anaphorique (2), voire endophorique (3).

Nous étudierons également la portée de l'unité résomptive. Ainsi dans cet exemple :

(4) *J'explique : « J'ai vu Perrotti », puis : « Il paraît que Robert s'est évadé et qu'il a été rattrapé. Que sait Philippe ? » François : « C'est vrai, il a essayé de s'évader, il a été repris par des enfants... » (Duras)*

*c'est vrai* porte sur deux unités prédicatives *il a essayé de s'évader* et *il a été repris par des enfants* et en (3) sur l'attribut *le plus extraordinaire jardin de la création*.

En fonction de la position et de la portée, nous examinerons le caractère modal épistémique de *c'est vrai* et montrerons ce qu'implique la valeur de vérité induite de ce segment : effet de renforcement, de focalisation sur l'unité première, effet de concession qui peut expliquer la suite du discours amorcée par *mais* comme en (2). Des manipulations sur les exemples permettront de montrer l'impact de la position par rapport à la portée, comme ici par rapport à (3), où *c'est vrai* porte sur l'ensemble de la phrase suivante :

*C'est vrai il tenait à chanter dans ce qui lui paraissait être, señora Ninotte, le plus extraordinaire jardin de la création*

Nous verrons aussi quelles modifications apparaissent par rapport au schéma *c'est vrai que P*, ici par rapport à (4) :

*J'explique* : « *J'ai vu Perrotti* », puis : « *Il paraît que Robert s'est évadé et qu'il a été rattrapé. Que sait Philippe ?* » *François* : « ***C'est vrai qu'*** il a essayé de s'évader, ***qu'***il a été repris par des enfants... »

Dans ce cas, il n'y a pas de renforcement sur l'unité *il a essayé de s'évader* et en (4), l'unité *c'est vrai*, qui n'est pas d'emblée saturée par une complétive, met davantage l'accent sur la progression du discours.

Nous prendrons comme corpus Frantext, sur la période 1980-2010, ce qui nous permettra d'obtenir 1000 occurrences de *c'est vrai* comme unité résomptive seconde par rapport à une unité première. Cette expression est en revanche mal représentée à l'oral, ce que montre une recherche sur le Corpus de Français parlé parisien des années 2000 (Branca, Fleury, Lefevre, Pirès) : la très grande majorité des exemples s'y construit avec la complétive (*c'est vrai que P*).

Kleiber G., 1994 : *Anaphores et pronoms*, Louvain-la-Neuve, Duculot.

Le Goffic P., 1993 : *Grammaire de la phrase française*, Paris, Hachette.

Lefevre F., 2007 : « Le segment averbal comme unité syntaxique textuelle », *Parcours de la phrase, Mélanges en l'honneur de Pierre Le Goffic* (Charolles M., Fournier N., Fuchs C., Lefevre F. eds), p. 143-158, Ophrys.

Lefevre F., 2012 : « Les anaphores résomptives en *c'*, *cela*, *ça* et *ceci* dans l'œuvre de Jean-Luc Lagarce », *Les Représentations de l'oral chez Lagarce* (Richard et Doquet eds), L'Harmattan, p. 111-133.

Lefevre F., 2014 : *Etude grammaticale du français classique dans les textes*, Paris : PU de la Sorbonne Nouvelle (collection Les Fondamentaux).

## Modal and informational contributions of BE -EN to passive constructions to media discourse: A corpus-based enunciative approach

Anne-Laure Besnard

(LLING - EA3827, Univ. Nantes, França)

Passive constructions in *BE -EN to* are often considered characteristic of media discourse, especially when they involve reference to speech or opinions, such as in the following utterance:

*Other potential candidates include Felipe Gonzalez, the veteran former Spanish prime minister. He is said to be favoured by the French President, Nicolas Sarkozy, who initially championed Mr Blair. Angela Merkel, the German Chancellor, is thought to be lukewarm about the idea of “President Blair”.* (The Independent, 2009)

Indeed, structures like *BE said to* or *BE thought to* are described by C. Delesse (2006) as ambiguous expressions of reported speech and epistemic modality which are often used in media discourse as strategic tools allowing the journalist-speaker to emphasize the facts of a statement or opinion as opposed to its source, while remaining non-committed as to the veracity of those ‘facts’.

Yet, these types of passives are only part of the numerous *BE -EN to* passive constructions encountered in journalistic texts. As an illustration of this diversity, the table below provides data extracted from a full year of publication of the British newspaper *The Independent* (2009) by means of the concordancer *CasualConc*. Only the most frequent constructions are represented here, but as the relatively small total percentage suggests, there are many more structures of this kind within the wider paradigm of BE X TO structures — which is a necessary reference point given the level of ambiguity that remains as far as the categorization of past participles vs adjectives is concerned<sup>1</sup>. If we focus on the constructions listed on the right,

however, we can see that they all carry modal undertones pertaining either to epistemic modality/evidentiality, e.g. *thought, believed*, or root/deontic modality, e.g. *forced, allowed* — or both, e.g. *expected, supposed*; and as a result, we might say that the syntactic characteristics of those structures are mirrored in their semantics, and perhaps even more so in their pragmatics, as they seem to be revealing of the speaker’s attitude towards the propositional content of his/her utterance.

*Table representing the number of occurrences of the most frequent BE -EN to structures in The Independent (2009), a 40-million-word corpus*

<i>BE [-EN] TO-infinitive structures (&gt; 1000 occurrences)</i>	<b>Number of tokens</b>	<b>Frequency / Total number of BE X to structures (119 432 occurrences)</b>
<b>1. <i>expected</i> [?]</b>	4318	0.04%
<b>2. <i>forced</i></b>	2619	0.02%
<b>3. <i>allowed</i></b>	1769	0.01%
<b>4. <i>set</i> [?]</b>	1556	0.01%
<b>5. <i>said</i></b>	1536	0.01%
<b>6. <i>believed</i></b>	1142	0.01%
<b>7. <i>asked</i></b>	1109	0.01%
<b>8. <i>supposed</i></b>	1017	0.01%
<b>9. <i>thought</i></b>	1000	0.01%
<b>TOTAL</b>	<b>16066</b>	<b>0.13%</b>

<sup>1</sup> Ambiguous lexemes in terms of part of speech are indicated by [?] in the table.



Starting from those observations, we intend to investigate the exact nature of the relation between the form and meaning of *BE -EN to* structures, along with their contributions to information structure in journalistic texts, drawing in particular on the Theory of Enunciative Operations' concept of *repérage*, i.e. 'location'. We will show that, because of their composite character, *BE -EN to* structures are markers of complex locating operations taking place at the predicative and enunciative levels which serve not so much to maintain thematic coherence as to indicate the speaker's modal positioning regarding the propositional content of the utterance — and this whatever the semantics of the central verb. Yet, we shall also see that speaker's choice is informed by local contextual constraints and wider discursive considerations, which provides said structures with a crucial and rather unique function in media discourse.

**Keywords:** passive; modality; (operation of) location; enunciation; media discourse.

### References

- BIBER, Douglas, Stig JOHANSSON, Geoffrey LEECH, Susan CONRAD, and Edward FINEGAN. 1999. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. New York: Longman.
- DELESSE, Catherine. 2006. "Les Structures du type 'X Is Said To/reported to V...' □: discours rapporté ou modalité épistémique □?" In *Discours rapporté(s) - Approche(s) linguistique(s) et/ou traductologique(s)*, 53–73. Arras: Artois Presses Université.
- MARÍN-ARRESE, Juana I., Laura HIDALGO DOWNING, and Silvia MOLINA PLAZA. 2004. "Evidential, Epistemic and Deontic Modality in English and Spanish: The Expression of Writer Stance in Newspaper Discourse." In *English Modality in Perspective: Genre Analysis and Contrastive Studies*, edited by Roberta FACCHINETTI and Frank R. PALMER. Frankfurt am Main: Peter Lang.
- NOËL, Dirk. 1998. "Infinitival Copular Complement Clauses in English: Explaining the Predominance of Passive Matrix Verbs." *Linguistics* 36 (6): 1045–63.
- RICHARDSON, John E. 2007. *Analysing Newspapers: An Approach from Critical Discourse Analysis*. Basingstoke - New York: Palgrave Macmillan.

## Modality and rhetorical modes

Grégory Furmaniak

(Université Sorbonne Nouvelle, Paris)

Studies of modality in English are innumerable. Yet, the focus has generally been on the semantic – and occasionally pragmatic – properties of modal expressions. Although there is growing awareness that the use of modal forms is related to text-types, the bulk of the research in that field has been based on genres (cf. Biber *et al.* 1999), especially academic ones. However, the relation between grammar and genres is notoriously problematic (cf. Adam 1992) owing to the formal and functional heterogeneity of genres.

The solution envisaged in this study is to resort to an intermediate level of analysis, namely, rhetorical modes – defined here following two traditions: French Textual Linguistics (cf. Adam 1992, *inter alia*) and the American tradition (cf. Smith 2003). Rhetorical modes are conceived as homogeneous discursive units which serve as the building blocks of genres, and which are defined by prototypical functional and linguistic (including grammatical) properties.

To carry out our investigation of the discursive properties of modal forms, we have built a corpus of contemporary English (both British and American) made up of 350,000 words and containing both written and spoken discourse. This corpus is divided into seven rhetorical modes: Argument, Description, Information, Instruction, Narration, Report, and Dialogue. Most texts in the corpus are extracts from larger texts, since very few texts consist of just one rhetorical mode.

In this paper, we will show how this corpus can be used for a quantitative and qualitative analysis of expressions of root and epistemic possibility with a view to highlighting the discursive functions of the markers under scrutiny. This investigation, which is still under way, has so far shown (i) that the frequency of certain modal expressions is highly restricted to certain rhetorical modes (for instance, *might* – unlike *may* – is almost absent from descriptive passages), and (ii) that some uses of certain forms are specific to certain rhetorical modes (e.g. concessive *may* in argumentative passages or *can* followed by a perception verb in descriptions).

The main theoretical contention in this paper is therefore that rhetorical modes are the correct interface to study the link between grammar and text. By investigating the distribution of modal expressions and of their different uses within each of the seven rhetorical modes – which, unlike genres, accomplish relatively clear communicative functions – we aim to show, through this case-study, that the semantics of grammatical words should include discourse-oriented specifications.

**Keywords:** Rhetorical modes, modality, corpus linguistics.

### References

- ADAM, Jean-Michel. 1992. *Les textes types et prototypes*. Paris: Nathan.
- BIBER, Douglas, Stig JOHANSSON, Geoffrey LEECH, Susan CONRAD & Edward FINEGAN. 1999. *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Pearson Education Limited.
- SMITH, Carlota. 2003. *Modes of Discourse. The Local Structure of Texts*. Cambridge: Cambridge University Press.

## O futuro e o condicional no texto jornalístico: das formas e construções linguísticas às configurações textuais

Teresa Oliveira

(*Instituto Politécnico de Portalegre, Portugal /  
Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa*)

As formas verbais de futuro (do indicativo) e de condicional são amplamente estudadas no domínio do texto jornalístico, especialmente no que diz respeito à marcação da enunciação mediatizada (cf. Guentchéva, ed. 1996). O condicional, em particular, é, na generalidade das línguas românicas, um marcador privilegiado de factos relatados, ou seja, da atribuição da informação a outra fonte enunciativa, o que permite a desresponsabilização do sujeito enunciador (no caso, o jornalista) em relação às afirmações produzidas. Uma das designações mais comuns para este uso do condicional é, exatamente, a de “condicional jornalístico”.

No português europeu, as formas de futuro concorrem com as de condicional na marcação de factos relatados, através de um quadro distribucional claro, dependente de categorias gramaticais como o tempo, o aspeto e a modalidade. Este uso do futuro é, aparentemente, único entre as línguas românicas (cf. Squartini, 2001), estando, inclusivamente, ausente do português brasileiro.

No entanto, a designação de “uso jornalístico” é redutora, por várias razões. Por um lado, as formas de futuro e de condicional são utilizadas no domínio jornalístico em todo o seu leque de valores, que vai do temporal ao modal, tanto epistémico como não epistémico, frequentemente hipotético. Por outro lado, no que diz respeito à enunciação mediatizada, as ditas formas podem ser usadas como marcadores de factos relatados, mas também de factos inferidos. Finalmente, a distribuição dos diferentes valores do futuro e do condicional no domínio jornalístico interage com a construção do género textual em causa (cf. Bronckart, 2008).

O trabalho que se pretende apresentar vem dar continuidade ao nosso estudo da distribuição das formas de futuro e condicional em texto jornalístico real, pelo que se apoia na análise das formas em *corpora* de diferentes tipos. Uma coleção como o CETEMPúblico, por exemplo, permite aferir a frequência das formas, mas diz muito pouco sobre a sua distribuição em géneros concretos.

A investigação conduzida anteriormente tinha já mostrado claramente uma relação muito próxima entre determinados valores das formas em causa e géneros específicos, como a notícia e o artigo de opinião. Assim, para este trabalho, foram constituídos dois *corpora* distintos: por um lado, uma coleção de artigos de opinião, recolhidos em diferentes publicações *online* recentes, num período de 15 dias; por outro lado, um conjunto de notícias variadas, igualmente da imprensa portuguesa *online*, recolhidas num único desses dias.

A análise das ocorrências mostra a relação íntima entre os valores linguísticos construídos e a construção dos géneros textuais. Nomeadamente, torna evidente que a distinção entre opinião e notícia é insuficiente para dar conta da multiplicidade de interações dinâmicas entre formas e textos, e que o futuro e/ou o condicional não têm, por exemplo, os mesmos valores numa notícia desportiva ou numa de âmbito criminal.

Pretende-se, assim, dar conta do modo como o futuro e o condicional contribuem para a construção dos géneros textuais, e como os géneros ajudam a definir os valores das ocorrências das formas.

**Palavras-chave:** enunciação mediatizada, tempo/aspeto, modalidade, géneros textuais, *corpora*.

**Referências bibliográficas:**

- Azzopardi, S. (2011). *Le futur et le conditionnel : valeur en langue et effets de sens en discours. Analyse contrastive espagnol / français*. Thèse de doctorat. Université Paul Valéry-Montpellier III.
- Bronckart, J.-P. (2008). Genre de textes, types de discours et degrés de langue. *Revue Texto!*, vol. XIII, n.º 1. Disponível em: <[http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf)>
- Guentchéva, Z. (éd.) (1996). *L'énonciation médiatisée*. Louvain/Paris: Éditions Peeters.
- Saussure, L. de (2012). Modalité épistémique, évidentialité et dépendance contextuelle. *Langue française* 173, 131-143.
- Squartini, M. (2001). The internal structure of evidentiality in Romance. *Studies in Language* 25(2), 297-334.

## O Processo de Referenciação enquanto Construção Discursiva

Graziela Kronka

(Universidade Carolina de Praga)

O objetivo principal desta comunicação é discutir como os conceitos ligados à referência – ou, mais precisamente, à referenciação - (*designação/denominação, anáfora*), à atividade de enunciação (*operações de base, dialogismo*) e a categorias cognitivo-discursivas (*objeto de discurso, memória discursiva*) atuam no (ou são parte do) processo de construção de sentidos discursivos. Minha orientação teórica parte especialmente de discussões propostas por Mondada e Dubois (1995) e Koch & Marcuschi (1998), sobre a atividade linguística de referenciação; e por Maingueneau (1984 e 1999), sobre discurso e prática discursiva. O material analisado sob a luz dessas reflexões é um texto publicado em 1996 pela revista *SuiGeneris* (uma publicação voltada para o público homossexual – a primeira no Brasil desvinculada do movimento organizado), sobre aspectos da vida de Roberta Close, uma das primeiras pessoas do Brasil a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo. Pretendo observar em que medida formulações linguísticas como « o homem Luiz Roberto Gambine Moreira », « a mulher Roberta Close », « o transexual mais conhecido do Brasil », - utilizadas para se referir a Roberta Close -, e « o parto », « a delicada plástica », « uma espécie de ritual de passagem », « a operação para mudança de sexo », - utilizadas para se referir à cirurgia a que ela se submeteu -, designam um mesmo referente ou criam novos objetos de discurso. Mais do que isso, pretendo discutir quais os efeitos de sentido resultantes dessa atividade que é, ao mesmo tempo, referencial, cognitiva, enunciativa e discursiva. Trata-se, sobretudo, de refletir sobre a impossibilidade de separar atividade linguística, atividade textual e atividade discursiva, uma vez que todas se constroem juntas e ao mesmo tempo.

**Palavras Chaves:** referenciação, atividade discursiva, sentido.

### Referências Bibliográficas:

- KOCH, I. V. & MARCUSCHI, L. A. (1998) « Processos de referenciação na produção discursiva ». In : *DELTA*, vol. 14, no especial, 1998, p. 169-190.
- MAINGUENEAU, D. (1999) « Ethos, scénographie et incorporation », In : AMOSSY, Ruth (Dir.) *Images de soi dans le discours : la construction de l'ethos*. Lausanne, Delachaux et Niestlé, 1999, p. 75-100.
- MAINGUENEAU, D. (1984) *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba (PR): Criar Edições, 2005. (Título original: *Genèses du discours*)
- MONDADA, L. & DUBOIS, D. (1995). « Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référénciation ». In: *TRANEL* (Travaux neuchâtelois de linguistique), 1995, 23, p. 273-302.

**O Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade:  
os recursos linguísticos utilizados por estudantes para a construção textual**

**Milena Moretto**  
(USF)

**Luzia Bueno**  
(USF)

É crescente o número de pesquisas relacionadas à produção escrita nas universidades, visto que uma grande parte dos estudantes têm demonstrado dificuldades de se apropriar da linguagem científica para desenvolver trabalhos no meio acadêmico. Nota-se que a cada ano, os estudantes têm chegado sem a devida formação básica em Língua Portuguesa, o que de certa forma tem comprometido os trabalhos desenvolvidos por professores nessa esfera. Parte dos estudantes tem demonstrado dificuldades relacionadas à escrita acadêmica até mesmo em final de curso, quando precisam produzir o Trabalho de Conclusão de Curso. Na universidade, as exigências acadêmicas são totalmente opacas ao aluno que está em processo de aprendizagem das práticas de letramento dessa esfera. Soma-se a isso o fato de que, embora as regras sejam exigidas, raramente são ensinadas, ancorada na ideia de que o aluno do ensino superior já tenha aprendido, na Educação Básica, as capacidades de leitura e escrita que lhe permitam se inserir no discurso acadêmico, bem como apropriar-se dos gêneros que circulam nessa esfera. Diante desse contexto, o presente trabalho, resultado de uma pesquisa de Doutorado, tem como objetivo analisar que recursos linguísticos - mecanismos de textualização (conexão, coesão nominal e verbal), bem como mecanismos enunciativos (citações, vozes sociais etc.) - são utilizados nos Trabalhos de Conclusão de Curso pelos alunos de graduação para a construção da argumentação, isto é, para a tentativa de convencer seus interlocutores mais imediatos: a banca examinadora. Para alcançar tal objetivo, o trabalho foi norteado pelas seguintes questões de investigação: Quais as características do gênero quanto ao contexto de produção e arquitetura interna (infraestrutura textual, mecanismos de textualização e enunciativos)? Que recursos linguísticos são utilizados pelos alunos para a construção textual que contribuem para a argumentação? Para responder a essas questões, foram analisados dois trabalhos de conclusão desenvolvidos por alunos do curso de graduação em Pedagogia e Engenharia de uma universidade particular no Brasil a partir dos pressupostos teórico-metodológicos do interacionismo sociodiscursivo (BRONCKART, 2006; SCHNEUWLY, DOLZ E NOVERRAZ, 2010; MACHADO, 2009; CRISTÓVÃO, 2009; LOUSADA (2010) entre outros). O corpus foi escolhido a partir de alguns critérios. Primeiramente, a escolha do gênero textual se deu a partir dos seguintes aspectos: 1) era preciso que fosse um gênero específico da esfera acadêmica; que fosse um gênero que estivesse relacionado à pesquisa; que fosse um gênero legitimado no meio acadêmico. Como a pesquisa se deu na universidade onde as pesquisadoras atuam como docente, obteve-se um corpus de 15 textos – Trabalhos de Conclusão de Curso. Para esta análise, foram selecionados aqueles que atendiam as Normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e que obtiveram nota máxima da banca examinadora. Os procedimentos de análise utilizados enfocaram o contexto de produção e sua arquitetura interna (infraestrutura textual, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos). Com o resultado das análises, pôde-se observar que são várias as estratégias linguísticas utilizadas pelos estudantes, mesmo que inconscientemente, que servem como recurso argumentativo na produção desse gênero textual.

**Palavras-chave:** Linguagem acadêmica; Ensino Superior; Graduação; Trabalho de Conclusão de Curso; Recursos Linguísticos.

**Referências bibliográficas**

- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos:** por um interacionismo sociodiscursivo. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. 2ª. ed. São Paulo: EDUC, 2007.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. Interacionismo Sociodiscursivo (ISD): quadro teórico-metodológico para estudos da linguagem. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (org.). **Estudos da Linguagem à luz do Interacionismo Sociodiscursivo.** Londrina: UEL, 2008.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; NOVERRAZ, Michèle. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2010.
- LOUSADA, Eliane Gouvêa. A abordagem do interacionismo sociodiscursivo para a análise de textos. In: **Abordagens metodológicas em estudos discursivos.** São Paulo: Paulistana, 2010. Disponível em <http://www.epedusp.org/IIepedlivro/01.pdf>. Acesso em 20 de jun. de 2012.
- MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva sociointeracionista de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. **Gêneros:** teorias, métodos, debates. São Paulo: Ed. Parábola, 2005.

## **PARCE QUE, ou la cause perdue de Bouvard et Pécuchet**

**Lionel Dufaye**

(Université Paris Est, LISAA, UPEM)

**Lucie Gournay**

(Université Paris Est, IMAGER, UPEC)

Les marqueurs *Parce que*, *puisque*, *car*, *comme* en français sont à nouveau largement discutés dans la littérature récente (Hengel & al (2012), Wüest (2013), Zufferey, (2012) entre autres).

Ces marqueurs de causalité ont des propriétés distributionnelles qui permettent de déduire, pour chacun, un fonctionnement sémantique et pragmatique propre.

Par exemple, le fait que seul *parce que* soit attesté dans les propositions clivées, comme cela est représenté en (1) permet d'inférer qu'il signale un acte énonciatif à part entière dans lequel on prédique la cause explicative d'une conséquence :

(1) *C'est parce qu'il faisait une chaleur de 33 degrés que le boulevard Bourdon se trouvait absolument désert.*

(1') *\*C'est car / puisque / comme il faisait une chaleur de 33 degrés que le boulevard Bourdon se trouvait absolument désert.*

A partir d'un ensemble de propriétés distributionnelles déjà discutées dans la littérature (cf. bibliographie indicative ci-dessous), la spécificité énonciative de chacun des marqueurs étudiés sera reformulée, en mettant en avant entre autres :

- le caractère inter-subjectif de *parce que* et *puisque* par rapport à *car* et *comme*,
- le caractère déictique de *puisque*,
- le caractère thématique ou rhématique des contenus propositionnels.

En vue d'expliquer le micro-système des marqueurs de causalité, cette nouvelle proposition fait appel aux concepts énonciatifs de la Théorie des Opérations Prédicatives et Énonciatives. A la suite d'Engel & al. (2012), Jadir (2005), Wüest (2013) qui expliquent l'émergence des marqueurs de causalité dans plusieurs types de discours, notre étude vise à montrer comment se déploie ce micro-système de marqueurs à travers les textes en considérant deux échelles : celle d'un texte précis, et celle d'un genre de texte.

Dans une première partie, c'est une œuvre de Flaubert qui servira de terrain d'analyse. En effet, il est apparu que dans son roman *Bouvard et Pécuchet* qualifiée d'« encyclopédie en farce » (Dord-Crouslé 2000), il n'y avait aucune occurrence de *parce que* alors même que les *car* sont dominants. Cette observation s'inverse lorsque l'on considère les autres romans de l'auteur. L'explication qui sera apportée associera les spécificités des marqueurs de causalités en question avec l'intention narrative déployée dans le roman. L'analyse quantitative sera assurée via le dispositif Codext (UPEC).

Pour faire le lien avec le discours sur les savoirs représenté dans *Bouvard et Pécuchet*, seront considérés dans la seconde partie le discours scientifique non fictionnel. A partir d'un corpus large accessible via <http://scientext.msh-alpes.fr/scientext-site/> et des données sur la distribution des marqueurs de l'étude, une hypothèse sera avancée sur les modalités énonciatives de l'expression de la cause dans le discours académique scientifique, dans lequel *parce que* est très minoritaire (si ce n'est absent), en raison du fait que l'intersubjectivité et la mise en plan de discours n'ont pas de pertinence dans un cadre d'argumentation à visée objective.

Pour finir, une opposition sera faite entre ces textes vus dans lesquels *parce que* est minoritaire voire absent, et le discours publicitaire qui réserve une part belle aux slogans en *parce que* :

(2) *Parce que vous le valez bien. (L'Oréal)*



(3) *Parce que le monde bouge.* (CIC)

(4) *Parce que rien n'est plus essentiel que l'habitat* (3F)

On défendra l'idée que la relation inter-subjective sous-jacente à la fonction même du slogan neutralise ici la possibilité d'autres marqueurs de causalité comme *puisque* et *comme*, en induisant un préconstruit conatif implicite : l'adhésion du prospect à la marque et/ou au produit.

**Mots clés :** causalité, thématicité, rhématicité, intersubjectivité, cadres discursifs.

#### **Bibliographie indicative**

- Adam Jean-Michel. (1996) « L'argumentation dans le dialogue ». Langue française. N°112,, pp. 31-49.  
doi : 10.3406/lfr.1996.5359  
[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr\\_0023-8368\\_1996\\_num\\_112\\_1\\_5359](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/lfr_0023-8368_1996_num_112_1_5359)
- Dord-Crouslé Stéphanie (2000) « Bouvard et Pécuchet de Flaubert, une « encyclopédie critique en farce » ». Belin, pp.139, 2000, Lettres Belin Sup, Marie-Christine Bellosta.
- Ducrot Oswald (1983) " *Puisque*, essai de description polyphonique ", Mélanges C. Vikner,  
Revue Romane, no. spécial 24, p. 166-185.
- Hengel, Hugues & al (2012) « Un classique revisité : *car, parce que, puisque*. Entre théorisation et observations sur données authentiques ». Eva Ahlstedt, Ken Benson, Elisabeth Bladh, Ingmar Söhrman, Ulla Åkerström (éditeurs) *Actes du XVIIIe congrès des romanistes scandinaves Romanica Gothoburgensia 69*, Acta universitatis Gothoburgensis. Göteborg, p.191-213.
- Jadir, Mohammed (2005), « Marqueurs de discours et cohérence du discours: le cas de *car, parce que* et *puisque* », *Hermes, Journal of Linguistics* n° 34, p. 169-197.
- Simon, Anne Catherine, Degand, Liesbeth, (2007). Connecteurs de causalité, implication du locuteur et profils prosodiques: le cas de *car* et de *parce que*. *French Language Studies* 17 (3), p. 323- 341.
- Wüest, Jakob (2013) « Argumentation et causalité. À propos des *connecteurs parce que, car* et *puisque* ». *Vox Romanica*, Nordamerika, 71, Verfügbar unter: [http://periodicals.narr.de/index.php/vox\\_romanica/article/view/1546](http://periodicals.narr.de/index.php/vox_romanica/article/view/1546).  
Zugriffsdatum: 08 Feb.
- Zufferey, Sandrine (2012) "Car, Parce que, Puisque" Revisited: Three Empirical Studies on French Causal Connectives, *Journal of Pragmatics*, Volume 44, Issue 2, p. 138–153.

## Unités polylexicales spécifiques dans deux sous-genres littéraires: le roman policier et la science fiction

**Iva Novakova**

(Université Grenoble Alpes – LIDILEM)

**Julie Sorba**

(Université Grenoble Alpes – LIDILEM)

**Olivier Kraif**

(Université Grenoble Alpes – LIDILEM)

Notre principal objectif est de proposer, dans une approche *corpus-driven*, une étude linguistique fonctionnelle de quelques constructions lexico-syntaxiques (CLS) spécifiques de deux sous-genres littéraires : le roman policier (POL) et la science fiction (SF). Nous partons de l'hypothèse que certaines de ces expressions récurrentes permettent d'identifier des motifs de mots co-occurents (Longrée & Mellet 2013), prototypiques d'un genre textuel. L'étude est fondée sur le corpus littéraire de l'EmoBase (<http://emolex.u-grenoble3.fr/emoBase/>), comportant 16 millions de mots d'œuvres littéraires contemporaines réparties en sous-genres (POL, SF, AUT, SENT, HIST). Ce corpus syntaxiquement annoté permet d'extraire des expressions phraséologiques sous forme d'arbres de dépendance étiquetés (Kraif et al. 2014). Ainsi, deux listes d'expressions fréquentes et spécifiques (seuil de spécificité fixé à 3.84) ont été extraites : 3186 constructions pour le POL et 3496 pour la SF. Un premier examen des données montre que les deux sous-corpus privilégient les constructions à pivot nominal (POL : *scène de crime* ; SF : *chef de horde*). Par ailleurs, les pivots nominaux les plus représentés dans le sous-corpus SF relèvent des champs lexicaux de la guerre (*horde, combat, adversaire*) et des êtres (*frère, ange, elfe, fée*), tandis que dans le sous corpus POL, ce sont les éléments du scénario criminel qui apparaissent surreprésentés (*crime, meurtre, sang, lieutenant, corps*). Après une analyse des spécificités globales des deux sous-corpus POL et SF, nous proposerons une analyse linguistique de quelques constructions autour de pivots nominaux ayant les logs (indice de spécificité) les plus élevés (respectivement *crime* et *meurtre* pour POL et *horde* et *combat* pour SF). Selon une méthodologie inspirée des modèles fonctionnels et contextualistes (Sinclair 2004), ainsi que du *Lexical Priming* de Hoey (2005) et appliquée au lexique des émotions (Novakova & Melnikova 2013, Novakova & Sorba 2014), les deux synonymes *crime* et *meurtre* sont distingués à travers leurs associations lexicales. Celles-ci sont analysées sur le plan sémantique, syntaxique et discursif. Par exemple, sur le plan lexical, *crime* (528 occ.) privilégie des associations liées à la prosodie sémantique de la localisation : *sur le(s) lieu(x) (maison, villa, appartement, environnement) du crime*, tandis que *meurtre* (435 occ.) montre une préférence sémantique pour des items liés aux acteurs du meurtre *coupable, complice, témoin* ou au *soupçon, à l'accusation*. Sur le plan syntaxique, *crime* apparaît de manière préférentielle dans des patrons syntaxiques récurrents du type *V mouvement ou d'existence + PREP (vers, sur) + le (s) lieu(x) du crime (marcher vers, revenir sur, être sur, se trouver sur le(s) lieu(x) du crime)*. *Meurtre*, quant à lui, est souvent employé dans des tournures passives : *être accusé, soupçonné, inculpé de meurtre par*. Enfin, sur le plan discursif, nous étudierons au niveau phrastique et transphrastique, la position des expressions au sein de la phrase, du paragraphe et du texte (« colligations textuelles », Hoey 2005) ainsi que les isotopies, révélatrices des scénarios discursifs plus ou moins prévisibles autour de ces deux pivots (*crime* et *meurtre*) pour dégager leur spécificité. Par exemple, l'expression *scène de crime* que l'on retrouve plus souvent en position sujet dans la phrase, comparée aux associations lexicales avec *meurtre*, semble aussi tisser des

réseaux isotopiques plus denses que ceux générés par les expressions autour de *meurtre*. Nous réfléchissons, plus généralement, sur l'articulation entre critères *locaux* relevant du lexique et de la syntaxe et critères *globaux* relatifs au genre du texte (Rastier 2011). Nous apporterons, ainsi, des éléments de réponse aux interrogations, formulées dans l'appel à Communication du Colloque GRATO, portant sur la pertinence des phénomènes lexico-grammaticaux pour une meilleure identification des sous-genres littéraires.

**Mots-clés** : constructions lexico-syntaxiques spécifiques, genres littéraires, linguistique de corpus, romans policiers, science fiction

### **Références**

- Hoey, M. (2005). *Lexical Priming: A new theory of words and language*, London/New York: Routledge.
- Kraif O., Tutin A., Diwersy S. (2014a) Extraction de pivots complexes pour l'exploration de la combinatoire du lexique : une étude dans le champ des noms d'affect, *Actes du Congrès Mondial de Linguistique Française 2014*, 19-23 juillet 2014, Berlin.
- Longrée, D. & Mellet, S. (2013). « Le motif : une unité phraséologique englobante? Étendre le champ de la phraséologie de la langue au discours », *Langages* n°189 : 68-80.
- Novakova I., E. Melnikova (2013a) Vers un modèle fonctionnel pour l'analyse du lexique des émotions dans cinq langues européennes in le *Bulletin de la Société de linguistique de Paris*, t. CVIII (2013), fasc. 1, p. 131-160.
- Novakova I., Sorba J. (2014b). L'émotion dans le discours. A la recherche du profil discursif de *stupeur* et de *jalousie* in Blumenthal P., Novakova I., Siepmann D. (eds), *Les émotions dans le discours. Emotions in Discourse*. Peter Lang, p. 161-175.
- Rastier F. (2011) *La mesure et le grain. Sémantique de corpus*. Paris, H. Champion.
- Sinclair J.-M. (2004). *Trust the Text: Language, Corpus and Discourse*. London: Routledge.

## **Subjetividade e Ordem de Palavras no Português do Brasil: a ordem objeto-verbo em questão**

**Jussara Abraçado**

*(Univ. Fed. Fluminense, Brasil)*

Em pesquisas realizadas em diversas línguas, verificou-se haver relação entre ordem de palavras e subjetividade (cf. Traugott & Dasher, 2002; Traugott, 2010). Neste trabalho, pautado teoricamente na vertente norte-americana da Linguística Funcional, pretendemos discorrer sobre o emprego da ordem objeto-verbo (OV), no português do Brasil (PB), como um mecanismo de expressão de subjetividade. Em análise de dados extraídos da fala de 12 participantes da cidade do Rio de Janeiro cujas entrevistas integram a Amostra Censo, banco de dados constituído pelo Projeto Censo da Variação Linguística no Rio de Janeiro (PEUL/ Universidade Federal do Rio de Janeiro), constatamos que, no entorno das ocorrências da ordem OV, há pistas linguísticas, como a presença da primeira pessoa do singular, de verbos como gostar, querer, saber, achar (este empregado como verbo de cognição), que confirmam estarmos diante de porções do discurso em que, nos termos de Lyons (1982) e Traugott (2010), o falante expressa a si mesmo, suas atitudes e crenças. Constatamos ainda, conforme pretendemos demonstrar: (i) que a principal função da ordem OV no PB é a de retomar um tópico ou aspecto de um tópico para se predicar sobre ele; (ii) que tal função se subdivide em outras três: a de estabelecer contraste, a de atenuar uma afirmação precedente, e a de reforçar um tópico sob consideração; (iii) que cada uma das subfunções referidas está correlacionada a características linguístico-discursivas próprias; (iv) que a função principal e suas subfunções constituem mecanismos de expressão de subjetividade no PB.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Ordem de palavras. Ordem OV. Português Brasileiro.

### **Referências**

- LYONS J. Deixis and subjectivity: Loquor, ergo sum? In : JARVELLA, R. J. ; KLEIN, W. (eds.) : *Speech, Place, and Action: Studies in Deixis and Related Topics*. New York: Wiley, 101-124, 1982.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: CUYCKENS, H., DAVIDSE, K., VANDELANOTTE, L. (eds.). *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. (Topics in English Linguistics.). Berlin and New York, Mouton de Gruyter, p. 1-23, 2010.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

## Sessões coordenadas

### Grammaire, dialogisme et liens textuels externes

**Responsável: Aleksandra Nowakowska**  
(Univ. Montpellier III - UMR 5267 Praxiling)

La linguistique textuelle aborde traditionnellement le texte dans ses *liens internes*, et décrit sa cohésion à partir de marqueurs grammaticaux comme l'anaphore, la thématization, les circonstants cadratifs, les isotopies, etc.

La présente proposition de session entend travailler sur un autre type de liens, tout aussi importants mais qui ont fait l'objet de moins d'attention : les *liens externes* de tout texte, à partir de la notion de *dialogisme*, empruntée aux travaux du cercle de Bakhtine, qui pose que tout texte est orienté vers d'autres textes, auxquels il répond, sur lesquels il anticipe, qu'il reformule, etc. : avec lesquels, de différentes façons, il *interagit*.

Les 3 communications proposées développeront la façon dont l'orientation dialogique du texte se note dans la structure de certains tours syntaxiques, ainsi que dans le fonctionnement de certains morphèmes grammaticaux.

**Mots-clés:** Texte, syntaxe, endophore, dialogisme, dialogisme interlocutif

#### Comunicação 1

##### Dialogisme du texte et dualité syntaxique

**Aleksandra Nowakowska**  
(Univ. Montpellier III - UMR 5267 Praxiling)

On s'intéressera dans cette communication à un certain nombre de tours construits sur une dualité syntaxique, comme la *comparaison métalinguistique* (1) ou le *renchérissenent* (2), qui procède des liens que le texte pose avec du texte extérieur (/antérieur):

(1) Il m'a toujours semblé que l'extrême droite était moins *un rameau de la droite* qu'un *surgeon inavoué de l'extrême gauche* (*Le Figaro*, D. Tillinac, 23. 03. 2011)

(2) [dans la question du possible rattachement de la Crimée à la Russie] y a le fait qu'une partie de la Crimée est pas seulement *russophone*, mais *se sent russe*. (E. Morin, interview, LCI, 4. 03.2014)

Ces tours mettent en relation un premier rhème *x* (*un rameau de la droite* en (1), *russophone* en (2)) avec un second rhème *y* (*un surgeon inavoué de l'extrême gauche* en (1), *se sent russe* en (2)). On relève ce même type de binarité rhématique dans le clivage et le pseudo-clivage complexes, ou dans la négation suivie d'une rectification.

Notre hypothèse est que cette binarité syntaxique est la trace de l'interaction dialogique de l'énonciateur principal  $E_1$  (qui prend en charge le rhème *y*) avec le texte d'un autre énonciateur ( $e_1$ ), à qui est attribué la prise en charge du rhème *x*.

Les deuxième et troisième communications abordent l'interaction du texte avec le discours prêté à l'allocutaire (dialogisme *interlocutif*). Le texte est toujours adressé à un allocutaire, il lui répond et ne cesse d'anticiper sur sa réponse. Le fonctionnement de certains marqueurs/phénomènes grammaticaux dans un texte gagne à être décrit en articulation avec le discours réponse de l'allocutaire.

## **Comunicação 2**

### **Endophore pronominale et dialogisme interlocutif**

**Geneviève Salvan**

*(Université Nice Sophia Antipolis - UMR 7320 Bases, Corpus, Langage)*

Cette communication abordera des phénomènes endophoriques impliquant le pronom personnel *il* :

(1) « ... mais le spectacle était si pitoyable qu'au final on s'efforçait d'applaudir de toutes nos forces pour qu'*ils, les gens du cirque*, partent sur une bonne impression et ne nous accusent pas d'être prétentieux. » (Jean Rouaud, *Pour vos cadeaux*, p. 60)

(2) « [Le petit homme à lunettes cerclées de métal] pourrait, prétend-il, grâce à un appareil de sa conception, aider à la recherche du trésor. Comme le capitaine du Cargo est Haddock, et que même sobre il convient de ne pas trop l'énerver, *il, le petit homme*, est vertement repoussé par la brute marine, qui ne veut pas entendre parler de l'invention. » (Jean Rouaud, *Manifestation de notre désintérêt*, p. 12)

(3) Et puis cet art de la reprise, ce tissage savant au-dessus du vide, tel *ce mouchoir déchiré* ou mité, raccommode par ses soins, en tout point comparable à une tapisserie d'Aubusson, qu'il eût fallu encadrer, tant *il* méritait, *ce chef-d'œuvre inconnu*, de figurer aux côtés des plus hauts sommets de la modernité. (Jean Rouaud, *Pour vos cadeaux*, p. 32.)

Ces formes pronominales, qu'elles soient rappel thématique nécessaire (1), superflu (2), ou ana-cataphore (3), sont moins prédictibles à partir des normes textuelles qu'elles ne sont justifiées par l'orientation dialogique du texte : elles anticipent une incompréhension du lecteur, qui n'a pas encore enregistré le thème dans sa mémoire (1), qui pourrait avoir perdu de vue le thème (2), ou enfin qui serait « en retard » par rapport à la pensée du scripteur (3). Ces formes relèvent d'un dialogisme *interlocutif responsif*, par lequel le scripteur anticipe la réponse à une question sur le référent de *il* qu'il impute à son lecteur.

## **Comunicação 3**

### **De quelques marqueurs de l'interaction dialogique avec l'allocutaire.** **Leur typologie est-elle possible ?**

**Jacques Bres**

*(Univ. Montpellier III - UMR 5267 Praxiling)*

Dans la même perspective, la troisième communication aborde l'interaction du texte avec le discours prêté à l'allocutaire (dialogisme *interlocutif*), en étudiant quelques marqueurs grammaticaux, tels que le clivage, le pseudo-clivage, certaines formes de dislocation, les points de suspension, les deux points, les tirets, etc. Soit l'occurrence de dislocation :

(1) Quand un animateur vedette est confronté à l'antisémitisme (titre de l'article)

Après Vals-le-Bains et Lille, alors que je suis dans ma loge, on m'annonce que, pour la troisième fois cette semaine, des manifestants propalestiniens sont devant le théâtre où je dois me produire. Encore. Muni d'une banderole un groupe scande : « Arthur sioniste, Arthur complice ! » D'autres encore brandissent des photos d'enfants palestiniens ensanglantés avec écrit : "Arthur finance la colonisation" (...) Par la fenêtre, je les regarde.

Ils sont moins nombreux qu'à Lille. Mais calmes. Organisés. Déterminés. *Le plus effrayant*, c'est qu'ils semblent sincèrement convaincus de ce qu'ils disent... (*Le Monde*, 8-9/02/2009).

Le syntagme adjectival au superlatif relatif de supériorité disloqué *le plus effrayant* ne reprend aucun terme du cotexte antérieur. On analysera ce type de dislocation comme un tour comparatif avec le discours évaluatif attribué au lecteur. L'énoncé évaluatif correspond à l'inférence tirée du cotexte antérieur immédiat (*cela/c'est effrayant/ce qu'ils font/disent est effrayant*). Le syntagme disloqué est donc en relation de comparaison de supériorité avec l'évaluation imputée en discours-réponse au lecteur. L'interaction dialogique est de l'ordre du dialogisme *interlocutif anticipatif*.

Quel est le cadre méthodologique à mettre en place, afin d'analyser l'orientation d'un texte vers l'allocutaire ? Est-il possible de proposer une typologie des marqueurs grammaticaux qui permette de décrire ce type de liens textuels ? Telles sont les questions auxquelles tentera de répondre cette troisième communication.

**Linguística Textual no Brasil**  
– Estudos sobre estratégias argumentativas e articuladores textuais/discursivos.

**Responsável: Antenor Teixeira de Almeida Júnior**  
(FGF/ESTÁCIO-FIC)

**Palavras-chave:** Linguística Textual; argumentação; articuladores argumentativos.

**Comunicação 1**  
**Elementos retóricos no discurso jurídico: as estratégias de Nietzsche na exordial**

**Antenor Teixeira de Almeida Júnior**  
(FGF/ESTÁCIO-FIC)

O objetivo deste trabalho é avaliar as estratégias argumentativas propostas na obra nietzschiana presentes no discurso jurídico. Para tanto, escolhemos como gênero de análise os fatos da petição inicial envolvendo a relação entre linguagem, retórica, percepção, conhecimento e verdade (LOPES, 2006, p.37). Buscamos identificar na forma das construções linguísticas como as estratégias na dimensão expressiva e na dimensão argumentativa são trabalhadas na construção do percurso argumentativo na elaboração da exordial pelo advogado. Consideramos que a argumentação é uma tentativa de influenciar, dialogar, justificar, explicitar e, assim, contribuir para a constituição dos próprios contextos presentes nas práticas sociodiscursivas textuais, entre elas as dos gêneros jurídicos. Postulamos que a argumentação não é só retórica na definição clássica do termo, pois, como afirmam Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), entre a demonstração rigorosa, racional e impessoal (noção de estilo em Nietzsche), temos a persuasão – irracional, passional e manipuladora – que pode existir na estrutura argumentativa através das formas e construções linguísticas. Com essa categoria, pretendemos sair da prova ética e do paradigma indiciário, identificado pelo filósofo como fundamental para a confiabilidade moral pelo magistrado e passamos a tratar a dimensão argumentativa que traz, para compreensão do juiz, aspectos da subjetividade dos fatos da inicial. Por essa razão, concluímos que as estratégias dentro dessas dimensões são fator importante para configurações textuais e discursivas e para análise da argumentação no processo de compreensão textual.

**Palavras-chave:** Retórica; argumentação; estratégias de argumentação; forma de exposição.

**Referências bibliográficas:**

- LOPES, Antonio Lopes. **Elementos de Retórica em Nietzsche**. São Paulo: Loyola, 2006.
- ANDLER. C. **Nietzsche, as vie et as pensée**. Paris Gallimard, 1958.
- KOCH, I.G.V. **Introdução à Linguística Textual**. São Paulo: Contexto, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2006.
- MEYER, Bernard. **A arte de argumentar**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.



## **Comunicação 2**

### **A função argumentativa dos articuladores textuais/discursivos**

**Valney Veras da Silva**  
(UFC)

O estudo dos articuladores textuais/discursivos no âmbito da argumentação, a partir da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), como proposta por Ducrot e Anscombe (1988[1983]), revela a relação entre as palavras da gramática de uma língua, entendidas como articuladores, e o texto/discurso à qual estão inseridas. Os articuladores ao promoverem a coesão e coerência de um texto, também sinalizam a orientação argumentativa que o locutor deseja apresentar (CABRAL, 2010). Koch (2011) destaca a função discursivo-argumentativa dos articuladores, a partir da relação entre dois ou mais atos de fala. A investigação pretendida focaliza esta categoria de articuladores textuais/discursivo que, em sua argumentatividade, promove a orientação argumentativa dada pelo locutor em um texto/discurso que se apresenta como ideologicamente marcado, como é o caso do discurso político veiculado na mídia. Neste sentido, entende-se que o estudo da função argumentativa dos articuladores serve de modelo para a convergência entre gramática e texto/discurso, de modo a contribuir para o perscrutar desta relação.

**Palavras chave:** Articuladores; Argumentação; Texto; Discurso.

#### **Bibliografia**

- ASCOMBRE, J. C.; DUCROT, Oswald. **La argumentación em la lengua**. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid: Gredos, 1988[1983].
- CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Les echelles argumentatives**. Paris: Minuit, 1980.
- KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- \_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 2006.

## **Comunicação 3**

### **O discurso argumentativo de Heidegger na obra *A caminho da linguagem***

**Maria de Fátima Medina Lucena**  
(UNIFOR/FIC)

**Claudiana Nogueira de Alencar**  
(UECE)

Defendemos em nosso trabalho de pesquisa que a argumentação discursiva não tem nenhum caráter racional, que ela não fornece justificação, nem mesmo tênues esboços lacunares. Pretendemos, dessa forma, buscar articuladores e marcadores textuais discursivos que mostrem as ocorrências desse caráter. Buscamos identificar esses marcadores com base na teoria da argumentação na língua (TAL) de Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe que considera a argumentação linguística o meio pelo qual a argumentação retórica atingiria a comunicação sem ter que convencer, já que ela precisa do auxílio do *ethos* para esse convencimento. É nesse ponto que utilizamos o pensamento de Heidegger, pois este apresenta encadeamentos argumentativos na medida em que, para ele, a linguagem, sendo expressão dela mesmo, tem um discurso persuasivo, pois descreve o que o “ser” sente. E sentir não é raciocinar. Eis outro ponto basilar do

trabalho, além da relação entre elementos gramaticais e articuladores textuais. Ducrot recusa o caráter racional da argumentação discursiva, embora, ela tenha um papel persuasivo e “não está ligado a um caráter racional”. Para ele toda fala, “tenha ela ou não objetivos persuasivos, faz necessariamente alusão a argumentações”. Assim nossa pesquisa procura fazer uma ponte entre a linguística textual através da TAL e o pensamento heideggiano sobre a argumentação.

**Palavras chave:** Linguagem. Discurso. Argumentação. Retórica.

### **Bibliografia**

- ANSCOMBRE, J. C; DUCROT, O. **La Argumentación en la lengua**. Madrid: Gredos, 1994.
- DUCROT, Oswald. **Argumentação Retórica e Argumentação Linguística**. Texto apresentado em forma de comunicação oral no evento Positionnements théoriques dans le champ des études d’argumentation em março de 2003 na Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Disponível em:  
[http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02t\\_od.php](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02t_od.php)
- HEIDEGGER, Martin. **A caminho da linguagem**. 4ª ed. Tradução de Marcia Sá Cavalcanti Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008
- PERELMAN, Chaïm. **Retórica**. Tradução de Maria Ermantina de A. P. Galvão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

## O Sintagma Nominal Complexo e a Configuração Textual/Discursiva de Gêneros de Diferentes Domínios

Responsável: Vera Lúcia Paredes Silva  
(UFRJ/ CNPq)

**Palavras chave:** sintagmas nominais complexos, gêneros discursivos, abstracts, blogs, twitter.

### Comunicação 1

#### Sintagmas Nominais Complexos: Critérios Formais e Funcionais de Identificação, com Reflexos na Construção do Gênero Acadêmico *Abstract*

Vera Lúcia Paredes Silva  
(UFRJ/CNPq)

O nome tem um papel fundamental no texto,carreando as informações: através dele , os referentes se constroem e evoluem, no processo de referenciação. Os aqui chamados Sintagmas Nominais Complexos ( SNC) realizam essa função,com maior ou menor “peso”. Entende-se um SNC como minimamente constituído por três elementos, dois deles itens lexicais. A complexidade do SN pode ser aferida a partir de critérios morfossintáticos (extensão, número de encaixes, presença de nominalizações, com/sem projeção de argumentos). Também critérios discursivo-pragmáticos \_ estatuto informacional (cf. Prince 1981, 1992; Chafe 1994) e distribuição do peso da informação(cf. ponto de partida leve (Chafe, op.cit)e princípio do peso final (Wasow 1997)\_ com implicações na ordenação da sentença, permitem estabelecer uma gradiência de complexidade no SN, refletida na configuração do gênero em questão.

Esta sessão coordenada traz resultados de análises que correlacionam aspectos da construção lingüística supracitados à *construção composicional* (cf. Bakhtin 2003) de gêneros discursivos de diferentes domínios (acadêmico, jornalístico, publicitário) ,aqui representados pelos gêneros *abstract, blog e twitter*. O quadro teórico de referência é o da linguística funcional norte-americana, que valoriza a mútua relação discurso-gramática. Os resultados aqui apresentados, fruto de análises empíricas da língua em uso,em corpora atuais, confirmam a convergência entre os estudos de gramática e a configuração dos gêneros.

#### Referências:

- BAKHTIN,M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 2003  
CHAFE,W. *Discourse, consciousness and time*. Chicago, Univ. of Chicago Press 1994  
PRINCE,E. Towards a taxonomy of given/new information.In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*, p. 223-255. New York: Academic Press, 1981.  
----- . The ZPG letter: Subjects, definiteness, and information-status. In: *Discourse description: diverse analyses of a fund raising text* (1992): 295-32.  
PAREDES SILVA,V.L. An approach to analyzing written genres through Complex Noun Phrases. Paper presented in: Rethinking Genre — 20 years later. Univ. of Carleton, june 2012.mimeo  
WASOW,T. Remarks on grammatical weight. In: *Language Variation and Change* 9:81-105,1997.

## Comunicação 2

### O Papel dos Sintagmas Nominais Complexos na Construção do Gênero Blog de Esportes

**Felipe Diogo de Oliveira**  
(UFRJ)

Estudos anteriores (cf. OLIVEIRA, 2013; PAREDES SILVA, 2011) mostram que os Sintagmas Nominais complexos (SNCs) podem servir de parâmetro para a caracterização de gêneros do domínio jornalístico. Cabe-nos questionar, entretanto, se gêneros jornalísticos digitais tendem a seguir ou não os mesmos padrões de gêneros da mídia impressa. Esta apresentação investiga a correspondência entre a configuração dos SNCs e o gênero *blog* de opinião esportiva em português e espanhol à luz dos pressupostos teóricos da Linguística Funcionalista e dos estudos sobre os gêneros textuais (cf. BAKHTIN, 2003; MARCUSCHI, 2008). Foram considerados SNCs aqueles com três ou mais constituintes (cf. OLIVEIRA, 2014). Formou-se um *corpus* com SNCs de *blogs* esportivos vinculados a dois grupos jornalísticos: **SporTV** (Brasil) e **Olé** (Argentina). Entre os aspectos dos SNCs investigados e submetidos a um tratamento de distribuição e frequência de uso, destacam-se a quantidade de itens lexicais, o número de encaixes, sua função sintática e seu estatuto informacional (cf. PRINCE, 1981). Confirmaram-se os Princípios do **Ponto de Partida Leve** de Chafe (1984) e do Maior peso à direita da oração (cf. NIV, 1992; WASOW, 1997). A análise evidenciou que o gênero *blog* de opinião esportiva pode ser caracterizado pelo uso de SNs pouco complexos, independente do idioma.

#### **Referências:**

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- OLIVEIRA, F.D. de. *O uso de Sintagmas Nominais complexos em blogs de opinião esportiva brasileiros e argentinos*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2014. Dissertação de Mestrado em Linguística.
- PAREDES SILVA, V. L. *O uso de Sintagmas Nominais complexos em gêneros Jornalísticos e Acadêmicos*. Palestra proferida na Universidade do Minho, Braga, junho de 2011. 17 pág. Mimeo
- PRINCE, E. F. Towards a taxonomy of given/new information. Em: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatic*, p. 223-255. New York: Academic Press, 1981.

## Comunicação 3

### Sintagmas Nominais Complexos no Twitter: Aspectos Argumentativos do Processo de Referenciação Discursiva

**Jaqueline Barreto Lé**  
(FSBA, Faculdade Social da Bahia)

Na perspectiva bakhtiniana, os gêneros do discurso são concebidos como tipos relativamente estáveis de enunciado, marcados por sua *composição*, *conteúdo temático* e *estilo*. Quanto à estrutura composicional do gênero digital Twitter, Lé (2012) destaca como uma das suas principais características o tamanho reduzido do *tweet*, que não deve ultrapassar o limite de 140 caracteres. Levando-se em consideração esse aspecto, o presente trabalho pretende investigar a complexidade dos sintagmas nominais, a partir do

peso que esses constituintes assumem na organização oracional do Twitter, observando-se, ainda, o modo pelo qual as construções lingüísticas assumem relevância nas configurações textuais/discursivas. Alguns fatores relacionados ao peso dos SNs – o problema de extensão, a complexidade de estrutura sintagmática, as escolhas lexicais e o seu estatuto informacional - são aqui indicadores de características de composição de gênero e também de estratégias argumentativas envolvidas no processo de referenciação discursiva. O *corpus* deste estudo é composto por textos dos candidatos brasileiros presidenciais de 2014 na sua página oficial no Twitter, em domínio publicitário, no período de agosto a outubro, sendo analisado um total de 200 tweets. A pesquisa se insere na perspectiva teórica da linguística funcional, com especial interesse na relação entre gênero discursivo, complexidade dos constituintes e referenciação.

### **Referências**

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. [1979]
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. Org. por Ângela Paiva Dionísio e Judith Hoffnagel. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- KEIZER, E. *The English Noun Phrase: The Nature of Linguistic Categorization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- LÉ, J. B. *Referenciação e gêneros jornalísticos: sistemas cognitivos em jornal impresso e jornal eletrônico*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Rio de Janeiro-RJ, 2012. 192 p.
- PAREDES SILVA, V. L. *O uso de sintagmas nominais complexos em gêneros jornalísticos e acadêmicos*. Palestra na Pós-Graduação em Educação – Universidade do Minho, Braga, Portugal. Junho de 2011. 17 p. mimeo.

## Responsabilidade Enunciativa em Diferentes Gêneros do Discurso Jurídico

**Responsável: Maria das Graças Soares Rodrigues**

*(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN / Brasil)*

**Palavras-chave:** Responsabilidade enunciativa; Ponto de vista; Plano de texto; Petição inicial; Sentença Judicial

### Comunicação 1

#### **Relação entre Planos de Texto, Vozes e Responsabilidade em Sentenças Judiciais Condenatórias**

**Maria das Graças Soares Rodrigues**

*(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN / Brasil)*

Na sessão coordenada “Responsabilidade enunciativa em diferentes gêneros do discurso jurídico”, buscaremos responder às seguintes questões: (1) em que sessão do plano de texto de uma sentença judicial, pode-se identificar a ocorrência de vozes citadas ou inferidas? (2) Em que medida essas vozes impactam na decisão do Juiz? (3) Quando o Juiz assume a responsabilidade enunciativa, ao condenar o réu, como podemos articular seu ato de discurso às vozes citadas ou inferidas e ao plano de texto? Para responder a essas perguntas estabelecemos como objetivos descrever, analisar e interpretar a ocorrência de vozes (testemunhas, réu, autores do Direito e do juiz) em Sentenças Judiciais condenatórias. Para realização da pesquisa, consideramos as marcas da língua e ancoramo-nos em autores da Linguística do Texto, de Linguísticas Enunciativas e da Análise Textual dos Discursos, no que diz respeito às noções de (não) assunção da responsabilidade enunciativa (Rabatel, 2008, 2008a) ponto de vista (Rabatel, 2008; Adam, 2011), quadro mediativo (Guentchéva, 1994, 2011).

**Palavras-chave:** Sentença Judicial condenatória; Plano de texto; Responsabilidade enunciativa; quadro mediativo.

#### **Referências bibliográficas**

- ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, [2008] 2011.
- GUENTCHÉVA, Zlatka. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps français. **Langue Française**, n. 102, 1994, p. 8-23.
- GUENTCHÉVA, Slatka. L'opération de prise en charge et la notion de médiativité. In. DENDALE, Patrick COLTIER, Danielle. **La prise en charge énonciative**: études théoriques et empiriques. Bruxelles: De Boeck, 2011, p. 117-142.
- RABATEL, Alain. **Homo narrans** : pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Le point de vue et la logique de la narration. Limoges: Lambert-Lucas, 2008a. (Tome 1)
- RABATEL, Alain. **Homo narrans** : pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Dialogisme e polyphonie dans le récit. Limoges: Lambert-Lucas, 2008b. (Tome 2)

## **Comunicação 2**

### **Análise Textual Discursiva dos Modalizadores na Sentença Condenatória**

**Alexandro Teixeira Gomes**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil)

A Análise Textual dos Discursos (ADAM, 2011), doravante ATD, tem sua origem no âmbito da Linguística Textual e se propõe a estudar a produção co(n)textual de sentido(s) fundamentada na análise de textos concretos. Assim, este trabalho tem por escopo descrever, analisar e interpretar marcas linguísticas como mecanismos de assunção da responsabilidade enunciativa no âmbito do discurso jurídico, na esfera penal, tomando como objeto de análise a sentença judicial condenatória. Como suporte teórico, seguimos os aportes da ATD (ADAM, 2011) e da Linguística Enunciativa, com base, sobretudo, em Rabatel (2008, 2009). No que concerne à abordagem jurídica, nossa ancoragem teórica segue Montolío (2013), entre outros autores. Pela análise dos dados, percebemos que o produtor do texto usa, de forma abundante, modalizadores avaliativos, emitindo, assim, um juízo de valor, o que faz com que ele se comprometa com o dizer e assuma a responsabilidade enunciativa. Dessa forma, entendemos que este trabalho contribui para a compreensão do discurso a partir dos elementos formais, mostrando como algumas marcas linguísticas influenciam diretamente nas configurações textuais/discursivas.

**Palavras-chave:** Sentença Judicial condenatória; Responsabilidade enunciativa; Modalizadores.

#### **Referências bibliográficas:**

- ADAM, J.-M. **A linguística textual:** uma introdução à análise textual dos discursos. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo: Cortez, 2011.
- MONTOLÍO, E. (Ed.). **Hacia la modernización del discurso jurídico.** Barcelona: Publicacions i Edicions de la Universitat de Barcelona, 2013.
- RABATEL. **Homo narrans:** pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit: les points de vue et la logique de la narration. Limoges: Lambert-Lucas, 2008. (Tome 1)
- \_\_\_\_\_. **Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée.** *Langue Française*, Paris, n. 162, p. 71-87, 2009.

## **Comunicação 3**

### **Responsabilidade Enunciativa no Texto Jurídico**

**Maria das Vitórias Nunes Silva Lourenço**  
(Faculdade do Seridó, Brasil)

**Mário Lourenço de Medeiros**  
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil)

Esta investigação analisa a Responsabilidade Enunciativa (RE) em Petições Iniciais, gênero discursivo circunscrito ao domínio jurídico. Ancoramos a discussão no campo da Análise Textual dos Discursos (ATD). Baseamo-nos em pesquisas acerca da responsabilidade enunciativa, conforme Rabatel (2005, 2008, 2009). Da mesma forma, tencionando estudar as indicações de quadros mediadores, observamos os postulados de Guentchéva (1994, 1996), que desenvolve a noção de categoria gramatical do mediativo

(MED). No que concerne à metodologia, adotamos a pesquisa de base qualitativa, de natureza interpretativista e introspectiva. Nosso *corpus* é constituído por Petições Iniciais, que ensejaram ações oriundas na Vara Cível da Comarca de Currais Novos-RN. A análise dos dados mostra que um objeto de discurso é sempre perspectivado, que o produtor do texto, ao utilizar-se dos PDV de outros enunciadores, estabelece a orientação argumentativa do texto. Evidencia a relevância do uso das construções mediatizadas no texto jurídico, funcionando como estratégias atenuantes da responsabilidade do produtor do texto com o que é dito, assim como visa discurso de autoridade.

**Palavras-chave:** Discurso jurídico; Petição Inicial; Responsabilidade Enunciativa.

**Referências bibliográficas:**

- GUENTCHÉVA, Zlatka. Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français. **Langue Française**, Paris, v. 102, n. 1, p. 8-23, 1994.
- GUENTCHÉVA, Zlatka (Ed.). **L'énonciation médiatisée**. Louvain/Paris: Peeters, 1996.
- RABATEL, Alain. Le point de vue, une catégorie transversale. **Le Français aujourd'hui**, n. 151, p. 57-68, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Homo narrans**: pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 2. Dialogisme et polyphonie dans le récit. Limoges: Lambert-Lucas, 2008.
- \_\_\_\_\_. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée. **Langue Française**, Paris, n. 162, p. 71-87, 2009.





**Eixo 3. Perspetivas didáticas em Gramática e Texto —  
Axis 3. Didactic perspectives on Grammar and Text**

## **Abordagem das variações linguísticas interculturais da língua portuguesa no livro didático: do texto à gramática**

**José Batista de Barros**  
(UFAL)

**Adriana Letícia Torres da Rosa**  
(UFPE)

**Madson Góis Diniz**  
(UFPE)

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) responde pela difusão, promoção e projeção da Língua Portuguesa através de políticas e planejamentos linguísticos inscritos em práticas discursivas, a exemplo do Acordo Ortográfico vigente (1990/2009). Muito tem se debatido sobre as relações entre identidade, poder e sujeito no âmbito dos PALOP<sup>1</sup>, entretanto, poucos têm sido os estudos sobre a construção da textualidade e discursividade entre os falantes da língua portuguesa, sobretudo no livro didático destinado aos ciclos iniciais do ensino básico.

O objetivo do trabalho em tela é investigar a proposta de ensino da variação linguística, quando intercultural, nos respectivos livros didáticos, para identificar se a análise de recursos linguísticos tipicamente culturais - particularidades fonéticas, vocabulares, gramaticais - realiza-se na congruência com o estudo de gêneros textuais/textos e suas formas de uso em diferentes países de língua portuguesa, e como os níveis de discursividade operacionalizam conceitos-base como: silenciamento, gramatização, língua fluída, língua imaginária e formação discursiva.

O quadro teórico desta investigação abarca o Interacionismo Sociodiscursivo, Bronckart (1999), Dolz & Schneuwly (2011); além da Análise do Discurso, a partir de Aroux (2009) e da Pedagogia Cultural, Giroux (2011).

A análise de base qualitativa tem como universo livros didáticos de língua portuguesa para educação Básica do Brasil. Como amostra, 4 coleções do 5º ao 9º ano do Ensino Fundamental, circulação em 2014, aprovadas pelo Programa Nacional do Livro Didático brasileiro, totalizando 12 exemplares. Como *corpus*, selecionamos as seções dos livros que abordam o estudo da variação linguística numa perspectiva intercultural. Dentre as categorias de análise, estão: tratamento do tema variação linguística; abordagem do estudo de textos e recursos linguísticos realizados em diferentes países de língua portuguesa, bem como as estratégias de abordagem do discurso gramatical e lexicográfico.

Os resultados indicam o total desconhecimento do estudante brasileiro no que diz respeito à CPLP e da sutil presença da glotofagia cultural (Calvet, 2006) em tais livros didáticos ao deixar compreender uma pretensa superioridade cultural, lexical e gramatical da variante brasileira em detrimento às demais variantes da língua portuguesa. A quase inexistência de textos, gêneros textuais e comparações gramaticais entre as diversas variantes sinalizam uma assíncronia didático-pedagógica e reafirmam o isolamento linguístico-cultural ao qual o Brasil tem optado historicamente frente aos demais PALOP, incorrendo na cristalização de uma visão eviesada do "outro".

**Palavras-chave:** Livro Didático, Texto, Gramática, CPLP, Variantes

---

<sup>1</sup> Países de Língua Portuguesa (PALOP)

**Referências bibliográficas:**

- AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Campinas-SP: Unicamp, 2009.
- BRONCKART, J.P. Atividade da linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sóciodiscursivo. São Paulo: Edutec, 1999.
- CALVET, Jean-Louis. Linguística y Glotofagia. Breve Tratado de glotofagia. FCE: 2006.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro (trads.). **Gêneros orais e escritos na escola**. 3. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011a, p. 61-80.
- GIROUX, H. Cultura, política e prática educativa. Barcelona: Grao, 2001.

## **A constituição linguística dos textos produzidos em seminários da esfera universitária**

**Regina L. Péret Dell'Isola**  
(UFMG / Pesquisadora CAPES/CLUNL)

**Ana Virgínia L. da Silva Rocha**  
(UFRN)

Esta comunicação é um recorte de pesquisa em que foram analisados seminários produzidos por estudantes universitários de cursos de graduação da área de Ciências Exatas e Ciências Humanas, de uma instituição brasileira. Para esta comunicação foram selecionados sete (7) seminários gravados em vídeo e transcritos conforme normas específicas delineadas por Pretti (1999). O conceito de Seminário que adotamos restringe-se ao gênero oral de caráter formal, produzido em diferentes esferas (escolar, política, mundo dos negócios, etc.), a partir de um conteúdo previamente escolhido e apresentado por um indivíduo ou grupo que ocupa o papel de especialista em relação aos seus ouvintes. Em nossa investigação, analisamos as configurações textuais e os elementos linguísticos constituintes dos seminários; comparamos a construção linguística e textual dos seminários com os textos-fonte utilizados para sua produção e discutimos os possíveis efeitos dos exemplares produzidos para o ensino-aprendizagem. Assumindo com Coutinho (2003) o texto como objeto de investigação, considerado em sua relação com o gênero e o discurso, nossa pesquisa fundamenta-se na perspectiva sociointerativa e sociocomunicativa, especialmente nos trabalhos de Dolz *et al.* (2004), Marcuschi (2001), Dell'Isola (2007) e de Schneuwly (2004) que defende o seminário como um instrumento para o desenvolvimento de habilidades individuais, tais como: relacionar ideias de modo a discutir novos conteúdos; empregar a variedade padrão da língua; mobilizar recursos linguísticos necessários à descrição de um conceito ou convencimento do público. Essas habilidades devem ser mobilizadas para outras situações em que o estudante poderá estar envolvido não apenas como profissional, mas sobretudo como cidadão em seu agir em sociedade. Além disso, o seminário é um meio que propicia, através da interação, a formação e aprendizagem ativas, o que gera a construção de conhecimentos. Como destacam Dolz *et al.* (2004), o gênero-alvo pode ser ensinado, de acordo com características pontuadas pelos autores quanto a sua dimensão funcional e formal. Nesse contexto, é importante destacar que os seminários são produtos de uma ou mais retextualizações, isto é, de uma tradução de textos-fonte cuja base informacional é *traduzida* para uma nova produção em uma mesma língua (TRAVAGLIA, 1993; MARCUSCHI, 2001; DELL'ISOLA, 2007). Face aos objetivos e quadro teórico apresentados, verificam-se no *corpus* analisado aspectos relevantes relativos à constituição linguística dos textos, tais como: 1) a justaposição de enunciados, em detrimento do uso adequado de elementos de coesão temática; a ausência de mecanismos enunciativos de gerenciamento de vozes (dos textos-fonte e dos expositores). No que concerne à configuração textual adequada a seminários, verificam-se aspectos como o desenvolvimento do conteúdo sem abertura prévia que defina a situação comunicativa e os objetivos da exposição; bem como contextualização sobre o que será apresentado. Essas são razões que justificam a urgente necessidade de ensino-aprendizagem de gêneros orais formais como o seminário. Os resultados obtidos neste estudo podem servir para orientar os estudantes quanto a configuração textual e a constituição linguística, considerando-se a delimitação e o reconhecimento das condições de produção do gênero em causa. Desse modo, acredita-se favorecer produções textuais que sejam compreendidas não apenas como uma atividade avaliativa, mas sobretudo que atendam aos objetivos estabelecidos e às funções sócio-comunicativas.

**Palavras-chave:** Texto – Seminários – Oralidade – Análise textual – Retextualização

### **Referências bibliográficas**

- COUTINHO, M. A. 2003. *Texto e competência textual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian.
- DELL'ISOLA, R. L. P. 2007. *Retextualização de Gêneros Escritos*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de e ZAHND, Gabrielle. 2004. A exposição oral. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- MARCUSCHI, L. A. 2001. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez.
- PRETI, Dino - Org. 1999. O discurso oral culto 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, – (Projetos Paralelos. V.2) 224 p.
- SCHNEUWLY, Bernard. 2004. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e Organização de Roxane Rojo & Gláís de Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras.
- TRAVAGLIA, N. 1993. *A tradução numa perspectiva textual*. São Paulo: USP (Tese).

## A contribuição da estilística lexical no processo de ensino e aprendizagem

**Darcilia Simões**  
(UERJ/Brasil)

**Paulo Osório**  
(UBI/Covilhã-Portugal)

Objetivando contribuir para a prática de ensino da língua portuguesa no eixo temático “Perspetivas didáticas em Gramática e Texto” e orientando-nos pela questão “que quadros teóricos e que metodologias viabilizam a convergência entre gramática e texto/discurso”, focalizamos nesta comunicação a contribuição da estilística lexical para o processo de ensino e aprendizagem.

Apesar de o domínio verbal não se restringir ao léxico, entendemos que quanto maior o repertório, maior será a potencialidade expressional do falante. Embora o advento da rede mundial de computadores (internet) venha modificando o cenário em relação ao contato com a comunicação escrita, há uma contraparte negativa: o clipping (encurtamento vocabular com manutenção do significado, assim como em professor>fessô; responsabilidade>responsa; chinês>china; bateria>batera) e a abreviação (apagamento de parte da palavra como em cyber<cybernetics; e-<eletrônico; micro<microcomputador; wiki<Wikipedia). Ainda que esses processos demonstrem a dinâmica da língua, eles só se mostram produtivos de facto quando enriquecem (ampliam) a possibilidade da expressão verbal. No entanto, o desconhecimento do léxico manifesta-se nas sessões de leitura. O estudante, em geral, sem hábito de ler, quando instado a ler um texto mais longo que o usual (a escola privilegia hoje charges, letras de música, manchetes, notícias etc.), mostra-se desanimado (ou desencorajado). A primeira barreira a enfrentar é o gênero, a segunda, o tema, a terceira é o vocabulário do texto. Por isso, é preciso promover o desbloqueio do estudante, mostrando-lhe, inicialmente, a importância do domínio vocabular. Para tanto, o viés estilístico-semiótico vem-se mostrando muito produtivo. A base teórica utilizada aqui é produto da articulação entre a estilística semiótico-funcional (SIMÕES, 2005; SIMÕES e REI - manuscrito) e a iconicidade verbal (SIMÕES, 2009). Com essa matriz, vimos desenvolvendo em classe um trabalho de leitura e anotações de modo a orientar os estudantes sobre a importância do amplo repertório, da habilidade para escolher e empregar a forma mais apropriada e atingir maior expressividade ou impressividade (categorias estilístico-semiótico-funcionais).

A abordagem estilístico-funcional reúne dois focos: (a) no estilo e (b) na lexicogramática (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY/MATTHIESSEN, 2004). Essa combinação de abordagens se deve ao facto de vermos a língua como um sistema que opera no eixo social e que, por isso, se ajusta a cada interlocução, considerando o cenário em que esta ocorre. Assim sendo, o enunciador, os recursos linguísticos e as intenções comunicativas vão constituir traços estilísticos observáveis que se mostrarão distintos e moldados a cada situação comunicativa. Para esta comunicação, elegemos como mostra um miniconto e duas notícias (de periódicos distintos) sobre um mesmo facto. Neste *corpus* demonstraremos o trabalho de discussão do léxico, apontando a adequação (ou inadequação) estilístico-funcional ao gênero, ao tema e aos interlocutores, segundo o projeto comunicativo perseguido.

O *corpus* de estudo será constituído, então, por um miniconto de Marina Colasanti (*Conto em letras garrafais*) e por duas notícias (de um jornal de 3/1/2015) acerca de um afogamento em praia do Rio Grande do Sul. Estas escolhas pretendem demonstrar (i) como a colocação estratégica das palavras na superfície textual pode exercitar a cognição; (ii) de que forma o exercício da leitura amplia o vocabulário e o

domínio da estruturação linguística; (iii) como a seleção vocabular representa a perspectiva do enunciador sobre o tema; (iv) de que modo um mesmo tema pode estimular a ativação de itens léxicos distintos.

A opção pelo funcionalismo permite-nos alertar o estudante acerca do compromisso comunicativo que deve subjazer à produção de seus textos e a opção pela estilística visa demonstrar ao estudante a relevância das escolhas lexicais, sintáticas e semânticas como qualidades específicas dos textos.

No *Conto em letras garrafais*, perceber-se-á a possibilidade de associação do texto, por um lado, à situação de um naufrago à moda de Robinson Crusoe e, por outro, à de uma personagem que se entrega ao alcoolismo como pedido de socorro para seu desespero. Nas duas notícias comparadas, observar-se-á a opção jornalística (que representa a ideologia da empresa de comunicação) por um dado tema, deslocando a ênfase para o acidente (G1) e para a vítima (Zero Hora), o que é corroborado pelas escolhas vocabulares que serão objeto de análise.

**Palavras-chave:** estilística lexical; ensino e aprendizagem; matriz estilístico-semiótico-funcional; semioestilística.

**Referências:**

- SIMÕES, D. & REI, Cláudio Artur de O. (manuscrito). *Estilística: uma nova proposta para o ensino*.
- HALLIDAY, M. A. (1985). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A. (1994). *An Introduction to Functional Grammar* (2ª ed.). London: Edward Arnold.
- HALLIDAY, M. A., & MATTHIESSEN, C. (2004). *An Introduction to Functional Grammar* (3ª ed.). London: Edward Arnold.
- SIMÕES, D. (2005). *Novos Estudos Estilísticos de I-Juca-Pirama. Incursões semióticas*. Rio de Janeiro: Dialogarts.



## **Aplicação didática dos gêneros do discurso: análise de dois manuais escolares**

**Wesley Luis Carvalhaes**

(Universidade Estadual de Goiás — UEG, Brasil; Universidade Federal de Goiás — UFG, Brasil; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — CAPES; Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa — CEAUL)

**Eliane Marquez da Fonseca Fernandes**

(Universidade Federal de Goiás, Brasil;  
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG)

**Madalena Teixeira**

(Instituto Politécnico de Santarém IPSantarém; Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa — CEAUL)

No Brasil e em Portugal, os documentos oficiais para o ensino de língua portuguesa na educação básica dão destaque aos gêneros do discurso como noção fundamental para o desenvolvimento de atividades de produção de texto. Desse modo, a maioria dos livros didáticos de português (LDP) utilizados no ensino fundamental e no ensino médio apresentam propostas didáticas elaboradas com base na teoria dos gêneros do discurso. O presente trabalho objetiva analisar propostas de produção de texto em um LDP brasileiro, as quais, segundo os autores do material, são elaboradas com base na noção de gêneros do discurso formulada por Bakhtin (2011). Como contraponto, propõe-se a análise de um LDP português, observando como esse manual trata da produção de texto. Esta investigação tem como base conceitual formulações teóricas cunhadas no interior dos estudos do discurso e do texto e se apropria de contribuições de estudiosos cujo objeto envolve a interface entre gêneros do discurso e ensino de línguas, entre os quais se podem citar Marchuschi (2002, 2008), Motta-Roth (2011), Paula (2011), Rojo (2005, 2008) e Schneuwly e Dolz (2004). Para o estudo, selecionamos um LDP brasileiro destinado ao 9º ano do ensino fundamental e um LDP português destinado ao 9º ano, analisando atividades propostas para a produção de texto com base nos construtos teóricos mencionados. Como principais conclusões, podemos citar o fato de as atividades dos LDP centrarem-se nos aspectos composicionais do gênero e a redução dessa noção a uma perspectiva instrumental.

**Palavras-chave:** Livro didático de português, Ensino, Gêneros do discurso

### **Referências bibliográficas:**

- Bakhtin, M. (2006). *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (12ª Ed.). São Paulo: Hucitec.
- Bakhtin, M. (2011). Os gêneros do discurso. In M. Bakhtin, *Estética da criação verbal* (6ª Ed.). (pp.261-306). São Paulo: Martins Fontes.
- Marcuschi, L. A. (2002). Compreensão de texto: algumas reflexões. In A. Dionísio, M. A. Bezerra (Orgs.), *O livro didático de português: múltiplos olhares* (2ª Ed.). (pp. 48-61). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Marchuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- Schneuwly, B.; Dolz, J. (2004). Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In B. Schneuwly; J. Dolz et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. (pp. 41-70). Campinas: Mercado de Letras.

## **Articulações entre metodologias e conhecimentos gramaticais da língua materna: o ensino de análise linguística no contexto brasileiro**

**Andréia de Fátima Rutiquewiski Gomes**  
(UTFPR, Brasil)

**Luciana Pereira da Silva**  
(UTFPR, Brasil)

De acordo com os documentos oficiais de ensino no Brasil (PCNs, 1999), o trabalho com a gramática (descritiva e normativa) da língua materna em sala de aula deve ser englobado pelas práticas de análise linguística. Estudiosos que embasam essa abordagem (como GERALDI, 1984; ANTUNES, 2007; BEZERRA E REINALDO, 2013) defendem que o ensino da gramática não deve ser isolado, mas articulado às atividades linguísticas reais (ou seja, relacionado a usos textuais, que se moldam conforme suas funções, em gêneros) de leitura, escrita e oralidade e resultar de reflexões entre os diferentes níveis linguísticos. Entretanto, a prática pedagógica no contexto brasileiro, nessa perspectiva, ainda apresenta uma série de desafios, devido, entre outros fatores, à complexidade de relações de conhecimentos (fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, textuais, discursivos, além de pressupostos teórico-metodológicos) que o professor precisa dominar para elaborar práticas de análise linguística entremeadas aos demais eixos. No caso da licenciatura em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR/Câmpus Curitiba), tem-se trabalhado no sentido de embasar os futuros professores com sólidas fundamentações para que viabilizem práxis pedagógicas com plena convergência entre a análise linguística e o texto. Em vista disso, este estudo tem como objetivo analisar qualitativamente as atividades produzidas pelos discentes (*corpus*) em uma disciplina do curso (Análise Linguística) cujo objetivo é congrega todos os conhecimentos adquiridos ao longo de seu processo formativo tanto em relação aos elementos linguísticos (gramática descritiva e normativa) quanto aos discursivos (texto) e sua eficácia em situações didáticas reais. Os resultados parciais, obtidos pelo cotejamento do *corpus* com princípios teórico-metodológicos do ensino de língua no Brasil, sugerem que o conjunto de produções pode ser dividido em três grandes grupos: aqueles que alcançaram plenamente a proposta; a saber, produzem atividades de análise linguística que partem de texto e chegam aos recursos linguísticos (numa abordagem descendente); os que intercalam atividades ora de cunho sócio-discursivo ora de notação meramente metalinguística (gramática conceitual); e, finalmente, os que não conseguiram se desprender da tradição escolar brasileira de produzir atividades escolares de vertente apenas gramatical (leia-se: conceituação de classes e funções gramaticais, metalinguagem e classificação). Compreende-se que a análise e a discussão de tais agrupamentos contribui para uma melhor compreensão desse fenômeno, bem como possibilitar uma reformulação metodológica que convirja para uma articulação efetiva (e profícua) entre gramática e texto.

**Palavras-chave:** língua materna, metodologias e práticas de ensino, texto, análise linguística, gramáticas descritiva e normativa.

### **Referências**

- ANTUNES, I. *Muito Além da Gramática*: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. G. M. *Análise linguística*: afinal, a que se refere? São Paulo: Cortez, 2013.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Ensino Médio/Secretaria de Ensino Médio. Brasília: MEC/SEMTEC, 1999.

FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: POSSENTI, S. (Org.). *Mas o que é mesmo “gramática”?*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1988]. p. 34-101.

GERALDI, W. (Org.) *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

## **Contribuições do PIBID para o ensino de gramática e texto**

**Fabrcio Oliveira da Silva**

*(Universidade do Estado da Bahia – UNEB)*

**André Luiz Gaspari Madureira**

*(Universidade do Estado da Bahia – UNEB)*

Diante da emergência em se integrar conhecimentos oriundos das discussões universitárias à prática de ensino de língua portuguesa na Educação Básica, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID – surge como um eixo em potencial dessa articulação. Pela viabilidade proficiente de integração dos saberes materializados pelas práticas docentes no âmbito do PIBID, neste artigo se propõe tratar da formação docente de licenciandos do curso de Letras, no que tange ao ensino de gramática e texto, considerando-se a prática pedagógica reflexiva no PIBID, de modo a sinalizar caminhos possíveis para o aumento da qualidade do ensino de língua portuguesa. Para tanto, discorre-se sobre a forma como se estabelece um processo de formação inicial de professores da Educação Básica a partir do acompanhamento da dinâmica de se compreender o PIBID como um tempo e um espaço de desenvolvimento de estratégias pedagógicas para o ensino de língua portuguesa. Metodologicamente, parte-se da descrição do referido programa para, depois, se sinalizar como o conhecimento linguístico acerca do ensino contextualizado de gramática e texto passa a fazer parte do cotidiano do Ensino Médio. Esse procedimento de abordagem permite situar o papel de gerenciador de informações do Coordenador do PIBID, bem como o de Supervisores e bolsistas ID, cuja função é transformar, junto ao Coordenador, as discussões acerca de procedimentos linguísticos e didático-pedagógicos em ações práticas de intervenção em sala de aula. A fundamentação teórica deste trabalho é constituída pelo entremeio teórico entre perspectivas linguísticas e didático-pedagógicas. Pelo viés científico da língua, o qual tende a auxiliar na potencialização da postura crítica do sujeito, institui-se a concepção sociolinguística do ensino de gramática e texto, cristalizada nas reflexões de Possenti (2006) e de Neves (2011). Tal posição leva a conceber a relação entre gramática e texto pelo aspecto funcional, reflexivo, considerando certas relações que lhe são externas. A percepção dialógica sobre a linguagem, no entanto, requer uma organização didático-pedagógica para ser inserida no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, emerge o plano de entremeio, na medida em que fundamentos didático-pedagógicos e epistemológicos voltados à escola, oriundos de estudos realizados por pesquisadores na linha de Nóvoa (1995), Gadotti (2004) e de Cortella e Freire (2011), auxiliam no processo de transposição de resultados científicos sobre a linguagem para a sala de aula. Desse modo, pela relação entre esses conhecimentos passível de se instaurar nas ações do programa em tela, é possível compreender como o PIBID se constitui enquanto um espaço e um tempo para a potencialização do ensino de gramática e texto, instituindo um cenário de formação inicial de professores da Educação Básica, aliado à potencialização da formação docente no curso de Letras.

**Palavras-chave:** Ensino; Gramática; PIBID; Sociolinguística; Texto

### **Referências bibliográficas**

- CORTELLA, Mário Sérgio. **A escola e o conhecimento:** fundamentos epistemológicos e políticos. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro.** 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola?** Norma e uso na Língua Portuguesa. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente.** In: NÓVOA, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- POSSENTI, Sirio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

## Compreensão de dependências referenciais durante a leitura – uma perspectiva didática

**Joana Batalha**  
(CLUNL, Portugal)

A compreensão da leitura é um fenómeno complexo, que envolve diferentes capacidades e processos, desde o acesso ao significado de cada palavra até à construção de uma representação do texto, passando pelo processamento das frases e da sua integração em unidades de sentido, assim como pela interação com o conhecimento do mundo e a experiência do leitor (Costa 1992). Para que se atinja um bom nível de compreensão, é necessário processar de forma automática os níveis mais baixos do texto, o que pode requerer, quando estão envolvidas estruturas linguísticas de aquisição tardia e/ou estruturas linguísticas complexas, um conhecimento que tem de ser explícito (Duarte 2008, Costa *et. al.* 2011).

É o que parece ocorrer com a compreensão de algumas estruturas que envolvem relações de dependência referencial, nomeadamente com alguns tipos de pronomes. Por exemplo, Cain & Oakhill (2009) identifica a capacidade de identificar o antecedente de um pronome como um dos aspetos que, ao nível da compreensão de frases e da sua integração, permite distinguir leitores com bons e maus níveis de compreensão, mostrando que os leitores que não compreendem bem cometem mais erros em perguntas que só podem ser corretamente respondidas quando o antecedente do pronome foi estabelecido e, por outro lado, estão menos aptos a usar informação de expressões anafóricas durante a leitura. Para além disso, sabe-se que no final do ensino básico os alunos ainda evidenciam dificuldades em identificar antecedentes com alguns tipos de pronomes, o que pode comprometer o acesso ao significado do texto, em especial quando se estabelecem cadeias referenciais (Duarte 2002).

Em investigação que temos vindo a desenvolver, no domínio da linguística e do ensino de língua, centramo-nos precisamente sobre a compreensão de dependências referenciais, procurando testar-se benefícios de um trabalho de consciencialização e explicitação sobre estas estruturas na leitura, em particular na compreensão. Para tal, desenvolvemos um estudo experimental, que envolveu 76 alunos do ensino básico, a frequentar os 4.º, 6.º e 8.º anos de escolaridade. O estudo, que decorreu em três fases (diagnóstico, intervenção e avaliação) e em contexto de aula de língua materna, permitiu não só obter dados sobre a capacidade de identificar antecedentes de pronomes em situação de leitura de textos em três momentos distintos do ensino básico, como avaliar efeitos do ensino explícito na leitura em uma das turmas, que foi sujeita a uma intervenção didática.

Assim, nesta comunicação, pretendemos não só problematizar a hipótese de que existe uma relação positiva entre conhecimento explícito da língua – ou, pelo menos, entre um certo grau de consciência sobre as propriedades formais da língua, designado de consciência linguística – e a compreensão da leitura, examinando resultados obtidos no estudo experimental, como discutir algumas implicações didáticas desta relação, nomeadamente ao nível da conceção de materiais didáticos para o ensino da compreensão da leitura.

**Palavras-chave:** leitura, compreensão, conhecimento explícito, dependências referenciais

**Referências bibliográficas:**

- Cain, K. & Oakhill, J. (2009). Reading Comprehension Development from 8 to 14 years. The contribution of component skills and processes. In R.K. Wagner, C. Schatschneider & C. Phythian-Sence (eds.). *Biological Foundations of Reading Comprehension*. New York: The Guildford Press.
- Costa, A. (1992). Leitura: conhecimento linguístico e compreensão. In M.R. Delgado-Martins et al. (orgs.) *Para a Didática do Português . Seis Estudos de Linguística*. Lisboa: Edições Colibri.
- Costa, J. et. al. (2011). *Conhecimento Explícito da Língua. Guião de Implementação do Programa*. Lisboa: DGIDC-ME.
- Duarte, I. (2002). Complexidade sintática: implicações no ensino da língua materna. In C. Mello et al. (coord.) *II Jornadas científico-pedagógicas de Português*. Coimbra: Almedina.
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: DGIDC-ME.

## **Cuando los estudiantes bilingües producen el mismo género de texto en dos lenguas diferentes: transferencias discursivas entre euskera y castellano**

*Luis M<sup>a</sup> Larringan*

(Euskal Herriko Unibertsitatea/Universidad del Pays Vasco, España)

*Itziar Idiazabal*

(Euskal Herriko Unibertsitatea/Universidad del Pays Vasco, España)

*Ines Garcia Azkoaga*

(Euskal Herriko Unibertsitatea/Universidad del Pays Vasco, España)

Bronckart & Bulea (en prensa) recuerdan la existencia de rasgos invariables o universales entre las lenguas refiriéndose a los géneros de textos y a los tipos discursivos así como en parte, a los mecanismos relativos a la organización textual. En el marco de la morfología, la sintaxis oracional, la fonética o el léxico sin embargo, la especificidad de cada lengua es manifiesta. La didáctica de las lenguas se ha fundado, tradicionalmente, en la enseñanza de los rasgos específicos: el léxico y la gramática. Sin embargo, en la medida en que los estudios textuales, discursivos y pragmáticos han ido profundizando en el conocimiento del funcionamiento de las lenguas, estos aspectos cobran cada vez mayor relieve tanto en la didáctica de lenguas primeras como de lenguas segundas.

Del mismo modo, la enseñanza bilingüe y plurilingüe tiene que enfrentarse a ambas tendencias. La sensación de riesgo debido a las posibles interferencias o errores léxicos o gramaticales empieza a matizarse a superarse asumiendo la posibilidad de enriquecimiento mutuo. Cummins (1979, 2005) plantea la hipótesis de la interdependencia lingüística e identifica varios rasgos (de conceptualización semántica, de conciencia fonológica, metalingüística de la lengua escrita, etc.) transferibles tanto de la L1 a la L2 como de la L2 a la L1 y que por tanto deben ser tenidos en cuenta como aprendizajes generados por la enseñanza bi-plurilingüe. En varios estudios previos (Idiazabal & Larringan, 1996 pudimos demostrar la transferencia de destrezas discursivas relativas fundamentalmente a la estructura textual.

En esta aportación profundizamos en el análisis de los rasgos relativos a la arquitectura textual (Bronckart, 1996) con el objeto de mostrar si son transferibles al usar el mismo género de texto en euskera y castellano.

Analizamos 20 cartas de opinión escritas en euskera y 20 escritas en castellano por los mismos estudiantes. Son alumnos bilingües de Educación Secundaria (15-16 años). Abordamos el estudio de la estructura organizativa del texto, el establecimiento del tema y de la progresión temática, de la conexión-organización del texto y de mecanismos de ilocución, modalización y cortesía. Los resultados muestran gran permeabilidad en los aspectos de la organización textual y temática, si bien los mecanismos de conexión resultan menos transferibles. En los aspectos relacionados con la responsabilidad enunciativa, se constata que las estrategias ilocutivas, de cortesía y modalización, en general, están presentes en las dos versiones si bien, al exigir recursos lingüísticos específicos (léxicos, por ejemplo) no siempre se logran producciones con arreglo a cada uno de los códigos.

Desde el punto de vista didáctico no se puede obviar que los conocimientos en la L1 pueden ayudar al aprendizaje de destrezas comunicativas menos desarrolladas en la L2, por lo que los dispositivos didácticos deberían incluir tareas enfocadas a facilitar la transferencia positiva de destrezas de una lengua a otra.

**Palabras clave:** Carta de opinión, género de texto, transferencia, bilingüismo.



**Referencias bibliográficas:**

- Bronckart, J.-P. (1996). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interaccionisme socio-discoursif*. Lausanne: Delachaux & Niestlé.
- Bronckart, J.-P. & Bulea, E. (en prensa) ¿Hay algo más natural que el multilingüismo? in Garcia-azkoaga, I. & Idiazabal I. (Ed.) *La educación plurilingüe. Una aproximación desde el interaccionismo socio-discursivo*. Bilbao: Servicio de publicaciones de la UPV/EHU.
- Cummins, J. (1979/1983) interdependencia lingüística y desarrollo educativo de los niños bilingües. *Infancia y aprendizaje*, 21, 37-61.
- Cummins, J. (2005). “La hipótesis de la interdependencia 25 años después: La investigación actual y sus implicaciones para la educación bilingüe. En D. Lasagabaster y J.M. Sierra (eds.). *Multilingüismo y multiculturalismo en la escuela*. Barcelona: Horsori, 113-132.
- Idiazabal, I. & Larringan, L.M. (1996). Transfert de maîtrises discursives dans un programme d’enseignement bilingue basque-espagnol. *Acquisition et interaction en langue étrangère*, 10, 107-125.

## **De la grammaire de la phrase à celle du texte, et vice versa, en toute transparence et continuité**

**Lionel Meinertzhagen**

*(Université libre de Bruxelles – Vrije Universiteit Brussel,  
Plateforme internationale de recherche Gramm-R, Centre de recherche LaDisco)*

**Dan Van Raemdonck**

*(Université libre de Bruxelles – Vrije Universiteit Brussel,  
Plateforme internationale de recherche Gramm-R, Centre de recherche LaDisco)*

Jusqu'au dernier quart du 20<sup>e</sup> siècle, en raison des préoccupations essentiellement orthographiques de l'enseignement, la grammaire de phrase exerçait son hégémonie sur la description de la langue. Elle est alors rejointe, sous l'instigation de Charolles (1976) et Combettes (1983 ; 2011) pour ce qui concerne le français, par une grammaire textuelle plus soucieuse de modéliser la cohérence et la progression de l'information au-delà des limites conventionnelles de la phrase (prosodiques, sémantiques ou graphiques). De fait, toute communication verbale procède par le véhicule d'une intention par un message baignant dans un contexte énonciatif. Ce message ne se laisse que très rarement réduire à la dimension d'une phrase, quelle que soit la définition que l'on donne de celle-ci. Toutefois, dès lors qu'il s'agit de construire, ou déconstruire, ce message, les notions convoquées ne sont plus les mêmes que celles qui sont utilisées en classe pour décrire la combinaison des mots en phrases, dans le cadre de la grammaire phrastique sous-jacente, orthocentrée.

Si le scripteur/locuteur formate et décode sans éprouver la nécessité d'une formalisation préalable, l'apprenant scolaire, lui, fait face à deux systèmes à empiler plutôt qu'à combiner. Il se voit donc dans l'obligation de déroger à certaines recommandations de l'un pour répondre aux exigences de l'autre, faute de continuité ; il doit, de surcroît, mobiliser deux terminologies ésotériques non compatibles.

Par notre contribution, nous tâcherons de montrer, dans quelle mesure le texte, indépendamment des autres paramètres, est vecteur de sens de la même manière que les énoncés les plus basiques, c'est-à-dire par la combinaison récursive entre un apport de sens et un support de sens. Nous retrouverons jusqu'au niveau textuel – et à tous les stades intermédiaires – les mécanismes qui agissent dans les structures syntaxiques simples et y régissent la construction du sens pour illustrer ensuite comment des activités d'enseignement-apprentissage, en classe, peuvent profiter de cette économie théorique.

D'inspiration guillaumienne, le cadre théorique (Van Raemdonck, 2011 ; 2014) dans lequel nous nous inscrivons s'attache à faire correspondre, dans leur appréhension par la mise en relation d'un apport et d'un support de signification, les différentes structures langagières : nous définissons les classes de mots, identifions les fonctions, montrons la structure logique de la phrase, y décrivons la répartition sémantique, aussi bien que celle du discours, ou texte. Cet outillage nous permet également de figurer la progression thématique sans cout théorique supplémentaire.

Le bénéfice d'une telle approche est aussi didactique. Elle est, en effet, moins couteuse cognitivement, se veut plus cohérente et crée des ponts entre analyse de phrase et grammaire de texte. Nous l'illustrerons par quelques pistes d'exploitations en classe, lesquelles sont possibles dès le plus jeune âge – avant même que l'enfant sache écrire –, se complexifiant, mais gardant toujours les mêmes outils, tout au long de la scolarité obligatoire.

### **Bibliographie sélective**

- Charolles, M. (1976). Grammaire de texte, théorie du discours, narrativité. *Pratiques*, 11/12, 133-155.
- Combettes, B. (1983). *Pour une grammaire textuelle: la progression thématique*. Bruxelles: De Boeck.
- Combettes, B. (2011). Phrase et proposition: histoire et évolution de deux notions grammaticales. *Le Français Aujourd'hui*, 173, 11–20.
- Van Raemdonck, D., avec Detaille, M., & la collaboration de Meinertzhagen, L. (2011). *Le sens grammatical. Référentiel à l'usage des enseignants*. Bruxelles: P.I.E. Peter Lang.
- Van Raemdonck, D., Meinertzhagen, L. (2014). *Cadre théorique pour l'enseignant : système grammatical*. Bruxelles: Université libre de Bruxelles.

## **Gêneros textuais em livros didáticos para ensino de português como língua estrangeira**

**Natália Moreira Tosatti**  
(CEFET-MG)

Nesta comunicação será apresentado resultado de pesquisa cujo propósito foi investigar a funcionalidade de gêneros textuais presentes em cinco livros didáticos de português para estrangeiros (PLE), publicados no Brasil. À luz dos estudos de Miller (1994), Bazerman (2005) e de Marcuschi (2008) que abordam os gêneros como formas de ação, como modo de agir sobre o mundo na interação entre indivíduos dentro de uma cultura e uma sociedade e cientes do importante papel que livros didático ainda assume em aulas de Língua estrangeira, nos propusemos a investigar como os gêneros textuais são explorados nos livros de PLE. Observamos se os autores de nosso *corpus* criaram situações de práticas de linguagem que propiciassem o desenvolvimento da competência comunicativa vista como um conjunto de componentes linguísticos e pragmáticos relacionados não só ao conhecimento e habilidades necessários ao processamento da comunicação, mas também relacionados à organização e uso da língua em situações socioculturais mais próximas do real, facilitando, assim, a interação com o outro. Os resultados obtidos foram alcançados por meio do levantamento da ocorrência de gêneros em cada uma das obras. Concluímos que os atuais livros didáticos de português para estrangeiros, compreendidos em nosso *corpus*, apresentaram diversidade de gêneros textuais em suas lições, embora nem sempre a ênfase na exploração do gênero recaísse sobre o processo de comunicação. Este estudo, a partir da exposição e análise de dados e atividades presentes nas obras didáticas, demonstra a forma como os gêneros têm sido explorados nos livros didáticos de PLE publicados no Brasil nos últimos anos e apresenta propostas para elaboração de atividades com foco no trabalho com gêneros textuais.

**Palavras chaves:** Gêneros textuais, ensino, livro didático, português língua estrangeira.

### **Referências bibliográficas**

- BAZERMAN, C. (2005). *Gêneros textuais, tipificação e interação*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial.
- MILLER, C. R. (1994). Rhetorical community: The cultural basis of genre. In: A. Freedman & P. Medway (Eds.) *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis, p.67-78.

## **La presentación oral como objeto de enseñanza en el aula de español como lengua extranjera (ELE). Un estudio de caso en el contexto escolar portugués**

**Selene Vázquez Ruiz**  
(*CLUNL, Portugal*)

La presentación oral es un género vivo en contextos sociales y situaciones de comunicación diversos; cuenta con una presencia y tradición importantes en el ámbito educativo, pero también en el ámbito profesional. La realización de actividades didácticas orientadas a la apropiación de este género en el aula de lengua extranjera (en contexto escolar) cuenta con innúmeras ventajas desde el punto de vista de las finalidades sociales y lingüísticas de la enseñanza. Sin embargo, este género se encuentra en una situación de cierta negligencia didáctica: cuando se practica, los aspectos lingüísticos del mismo no son abordados de manera sistemática.

Combinando un enfoque cualitativo (entrevistas semi-estructuradas) con uno de carácter cuantitativo (cuestionarios online) recogí información facilitada por docentes de E/LE de las escuelas públicas portuguesas a fin de confirmar la hipótesis expuesta en el párrafo anterior. De manera más específica, quise responder a las siguientes cuestiones acerca del tratamiento didáctico que reciben las presentaciones orales en este contexto: ¿se abordan cuestiones relativas a la organización textual interna? ¿Se prepara a los alumnos para realizar operaciones lingüísticas fundamentales en la configuración de este género como la reformulación, la introducción de nuevos temas o de ejemplos? ¿Se tratan las cuestiones relacionadas con la situación de comunicación y el uso del lenguaje corporal? ¿Cómo se abordan –o no- estas cuestiones?

Para complementar la información facilitada por los docentes, así como para definir con mayor claridad las características del género en este contexto particular, consideré necesario observar una serie de presentaciones orales producidas por alumnos de E/LE en el contexto ya referido.

Asistí a la prueba de evaluación de la expresión oral de alumnos de 7º y 9º de la enseñanza básica en la escuela Ibn Mucana de Alcabideche, que consistía en la realización de una presentación oral. Los textos fueron grabados en audio y transcritos ortográficamente. A partir de la transcripción se analizó la organización textual interna de las presentaciones y la presencia de operaciones lingüísticas típicas del género. Dicho análisis partió de una serie de categorías operativas identificadas en modelos didácticos del género diseñados para otros contextos (Schneuwly y Dolz) así como en un trabajo de descripción lingüístico-textual de presentaciones orales académicas realizadas por estudiantes universitarios de E/LE (Villar, 2011)

El análisis de la situación de comunicación se basó en conversaciones informales con la profesora responsable de los cursos y en la observación y toma de notas. Puesto que se excluyó la posibilidad de usar la grabación en vídeo por considerarse excesivamente intrusiva, el registro de cuestiones relativas a la intervención de los elementos no verbales de la comunicación se realizó por escrito, mediante la observación directa.

Los resultados del análisis de este conjunto de datos serán presentados en este Congreso a fin de establecer un punto de partida para la comprensión de la naturaleza del trabajo didáctico que se realiza con este género en el aula de ELE en contexto escolar. Ello permitirá, además, tender puentes hacia la enseñanza sistemática de los aspectos lingüísticos de un género tan rico.

**Palabras clave:** ELE, contexto escolar, género textual, presentación oral.

**Bibliografía:**

- Bronckart, J.P.** (2007). *Desarrollo del lenguaje y didáctica de las lenguas*. Buenos Aires, Miño y Dávila. Cap. 5 y cap. 6 en coautoría con Plazaola Giger, Itziar.
- Dey, I.** (1993). *Qualitative Data Analysis*. Routledge: London.
- Mason, J.** (1996). *Qualitative Researching*. London: Sage
- Schneuwly, J. & Dolz, B.** (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras.
- Villar, C.M.** (2011). *Las presentaciones académicas orales de estudiantes alemanes de E/LE. Del discurso monológico al dialógico*. Revista Nebrija de Lingüística Aplicada a la Enseñanza de Lenguas. <http://www.nebrija.com/revista-linguistica/las-presentaciones-academicas-oralesde-los-estudiantes-alemanes-de-e-le>

## **Le discours rapporté comme élément de la configuration textuelle/discursive: une approche didactique**

**Leyre Ruiz de Zarobe**

*(Universidad del País Vasco UPV/EHU, Espagne)*

Un des éléments clés dans la configuration des textes et des discours est, depuis les travaux de Bakhtine, mais surtout ceux de Ducrot (1984), la “polyphonie”, qui rend compte des diverses voix présentes dans le discours et imputables à diverses instances énonciatives. À l’intérieur de la problématique polyphonique, le phénomène du “discours rapporté” se pose comme une des manifestations linguistiques principales de la polyphonie. Dans une matière universitaire comme l’ “Analyse du Discours” le discours rapporté s’avère comme une entrée principale à l’enseignement de la problématique polyphonique, et donc utile pour que les étudiants envisagent et comprennent ce phénomène présent et configurateur des textes et des discours.

Le phénomène du discours rapporté traite des divers modes de représentation dans une énonciation d’une autre énonciation. Ce phénomène a souvent été conçu et traité en termes de ses manifestations linguistiques (répartition traditionnelle discours direct, discours indirect, discours indirect libre) ou autres oppositions plus profondes et fines comme celles de Authier-Revuz (1992). Mais ce phénomène est beaucoup plus que ses manifestations linguistiques et doit être conçu à l’intérieur de la globalité de la construction textuelle/discursive. Ici, la perspective ne peut pas être singulière. La nôtre met l’accent dans le discours rapporté comme phénomène discursif tributaire d’un positionnement énonciatif de la part d’un énonciateur qui construit, organise et dirige les discours présents dans le sien, dans un établissement de frontières visibles et invisibles. Ce positionnement est à la base d’une configuration textuelle/discursive responsable de la construction linguistique du discours rapporté.

L’objet de notre communication est de présenter une approche didactique à l’analyse du discours conçu pour les étudiants de la matière “Analyse du Discours”. On proposera une méthodologie d’analyse du discours rapporté dans les textes au moyen de laquelle les étudiants sont sensibilisés au discours rapporté comme une des stratégies principales de la manipulation discursive et apprennent à dévoiler le masque polyphonique des textes/discours. C’est dans une analyse descendante-ascendante, du positionnement au linguistique et viceversa, que se révèle le fonctionnement du discours rapporté dans les textes.

**Mots-clés:** polyphonie- discours rapporté- approche didactique- stratégie discursive- configuration textuelle/discursive

### **Bibliographie**

- De Arruda Carneiro da Cunha, D. (1992) *Discours rapporté et circulation de la parole: contribution à une approche dialogique du discours d’autrui*. Louvain, Peeters.
- Desoutter, C. et Mellet, C. dir. (2013) *Le discours rapporté: approches linguistiques et perspectives didactiques*. Peter Lang, Bern
- López Muñoz, J.M, Marnette, S. et Rosier, L. (2004) *Le discours rapporté dans tous ses états*. Paris, L’Harmattan
- Rosier, L. (2002) *Le discours rapporté*. Paris, Orphys
- Ruiz de Zarobe, L. (2001) “Presupuestos lingüísticos para una enseñanza/aprendizaje del “discours rapporté” francés, *Linguística*, Universidad de Ljubljana, n° XLI, pp. 93-102.

**Les collocations verbo-nominales dans les textes académiques :  
perspectives didactiques en Français sur Objectifs Universitaires (FOU)**

**Catherine Fuchs**  
(CNRS/ENS, Paris)

**Sylvie Garnier**  
(Université de Chicago à Paris)

L'étude ici présentée porte sur le *lexique verbal français* référant aux différentes phases de l'existence (apparition, continuation, disparition) d'un événement, d'un état de choses ou d'un phénomène abstrait désigné par un nom. Exemples d'expression de l'apparition : *L'histoire de l'art commence avec les sources visuelles* ; *Les OGM sont une technologie qui démarre* ; *Un changement s'amorce* ; *L'économie mondiale entame une reprise, après des années de récession* ; *Le développement de la scolarisation prolongée débute vers 1880* ; *Un échange s'engage entre les partenaires*.

L'objectif est de dégager les différents paramètres constitutifs du réseau sémantique unissant chacun des verbes considérés et les types de noms auxquels il s'applique.

L'étude est menée dans le cadre de l'enseignement du *français langue étrangère sur objectifs universitaires* (cf. Garnier & Savage, 2011), où la question de l'apprentissage du lexique "abstrait" est encore peu explorée. Les verbes étudiés sont pour la plupart connus des apprenants, mais leurs distributions restent mal maîtrisées. La démarche consiste en constants allers-retours entre l'analyse des emplois des verbes dans des écrits universitaires authentiques d'apprenants étrangers inscrits en France dans des établissements du supérieur (Sciences Po Paris, Université Paris Diderot, etc.) et la description de chaque verbe sous forme d'un « mode d'emploi » présentant les paramètres à prendre en compte pour gérer leurs cooccurrences, c'est-à-dire pour comprendre ce qui rend possible ou bloque l'emploi d'un verbe avec tel ou tel type de nom.

La *perspective théorique* retenue est celle de la construction dynamique du sens en contexte (cf. Victorri & Fuchs, 1996). On procède d'abord au relevé des co-occurrences les plus fréquentes et significatives entre verbes et noms, sur des *textes authentiques* (textes académiques, rapports institutionnels, articles de presse) et dans diverses *bases de données* (notamment la base lexicale distributionnelle « Les Voisins de Le Monde »). On catégorise ensuite les types de verbes et les types de noms et l'on épingle les traits qui leur sont prototypiquement associés. En repartant des différentes constructions syntaxiques des verbes (cf. Florea & Fuchs, 2010) et du réseau de (para-)synonymes qu'elles engendrent (cf. les dictionnaires de synonymes de l'ISC et du CRISCO), on s'inspire de la démarche lexicographique de la « synonymie distinctive » (Girard, Beauzée, ...) pour caractériser les différences d'emploi entre verbes (para-)synonymes ; par exemple, pour distinguer *demeurer* vs. *rester*, *(se) continuer* vs. *(se) poursuivre*, *survivre* vs. *subsister*, etc. On indique également les types de nominalisations possibles des verbes étudiés : *commencement*, *démarrage*, *début*, *émergence*, *continuation*, *persistance*, *survie*, etc.

**Mots clés :** lexique ; contexte ; synonymie ; collocations ; texte académique

**Références**

- Florea, L-S. & C. Fuchs. 2010. *Dictionnaire des verbes du français actuel : constructions, emplois, synonymes*. Paris : Ophrys.
- Garnier, S. & A. Savage. 2011. *Rédiger un texte académique en français*. Paris : Ophrys.
- Victorri, B. & C. Fuchs. 1996. *La Polysémie : construction dynamique du sens*. Paris : Hermès.



**Sources :**

- Base « Les voisins de Le Monde », université de Toulouse2. <http://redac.univ-tlse2.fr/voisinsdelemonde/>
- Dictionnaire des synonymes de l'ISC, université de Lyon. <http://dico.isc.cnrs.fr/dico/fr/chercher>
- Dictionnaire des synonymes du CRISCO, université de Caen. <http://www.crisco.unicaen.fr/des/synonymes/>

## **Modelo didático do gênero *exposição escrita*: identificação e avaliação dos resultados da sua implementação na qualidade dos textos que os alunos produzem**

**Mariana Oliveira Pinto**  
(CIDTFF – Protexos)

O pressuposto de que o agir do professor deve estar consubstanciado numa “teia” de conhecimentos em que “os dados estão articulados entre si” remete para a necessidade de, por um lado, o professor estar na posse de tais conhecimentos, das relações que uns estabelecem com os outros e, por outro lado, das ferramentas que lhe permitem, de forma efetiva, dar aos alunos a possibilidade de, eles próprios, construir tais redes de conhecimentos essenciais à aprendizagem. Nesta linha de pensamento, e no que à escrita diz respeito, qualquer ação didática implica, desde logo, a adoção do princípio da sequencialidade, ancorado na planificação e implementação de “um conjunto de atividades organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual” (Pietro & Schneuwly, 2003; Schneuwly & Dolz, 2004, p. 82).

A adoção de tal princípio implica, no entanto, que as atividades a desenvolver estejam ancoradas numa premissa: o princípio da sequencialidade implica um conhecimento aprofundado do objecto a ensinar para que seja possível discernir as opções tomadas e a tomar. É neste sentido que qualquer sequência desenhada para o ensino da escrita deverá estar ancorada num “modelo didático do gênero” (doravante, MDG), ou seja, preside a qualquer sequência uma descrição das principais características de um gênero textual. Embora esta “descrição” seja sempre provisória, este modelo constitui, no dizer de diferentes autores da Escola de Genève, “um objeto descritivo e operacional, construído para apreender o fenómeno complexo da aprendizagem de um gênero” (Pietro, Erard, & Kaneman-Pougatch, 1996; Pietro & Schneuwly, 2003). A elaboração do MDG permitirá, por um lado, fazer emergir as diferentes dimensões que o constituem e, por outro lado, possibilitar a identificação de quais as que devem ser ensinadas num determinado ano da escolaridade e para determinados alunos (Dolz & Gagnon, 2010)

É com base nestes pressupostos que se pretende, nesta comunicação, apresentar os dados relativos a um estudo que teve como objetivo avaliar se um dispositivo didático, o Modelo Didático do Gênero *Exposição Escrita*, construído com base nos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo, implementado de forma explícita e intencional pelos professores, pode refletir-se, e a que níveis, na qualidade dos textos que os alunos produzem no ensino básico.

O estudo foi realizado no contexto de um programa de formação que envolveu 14 professores dos três ciclos do ensino básico, para o qual foram definidas três fases distintas, das quais se apresentam apenas duas nesta comunicação: i) caracterização das práticas de escrita dos alunos de uma turma do 4.º ano de escolaridade antes da implementação do MDG, e (ii) avaliação das práticas de escrita dos alunos depois de implementado o MDG pelos professores.

**Palavras-chave:** exposição escrita; gêneros textuais; modelo didático do gênero

- Bronckart, J.-P. (1999). Atividades de linguagem, textos e discurso. Por um interacionismo sociodiscursivo (A. R. Machado, Trans. 2.ª edição ed.). São Paulo: EDUC.
- Dolz, J., & Gagnon, R. (2010). El género textual, una herramienta didáctica para desarrollar el lenguaje oral y escrito. *Lenguaje*, 38(2), 497-527.
- Pietro, J.-F. D., Erard, S., & Kaneman-Pougatch, M. (1996). Un modèle didactique du débat: de l'objet social à la pratique scolaire. *Enjeux*, 39, 100-129.
- Pietro, J.-F. D., & Schneuwly, B. (2003). Le modèle didactique du genre: un concept de l'ingénierie didactique. *Les cahiers Théodile*, 3, 27-52.
- Schneuwly, B., & Dolz, J. (Eds.). (2004). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Editora Mercado de Letras.

## O ensino dos géneros através de sequências didáticas: impacto na qualidade dos textos

**Maria Encarnação Silva**  
(ESE Lisboa, CLUNL)

Nesta comunicação pretende-se dar conta dos resultados de um estudo sobre o impacto de uma sequência didática, visando trabalhar o género artigo de enciclopédia ilustrada numa turma de 3.º ano de escolaridade, na qualidade dos textos, enquanto exemplares do género, produzidos pelos alunos.

O estudo obedeceu às seguintes fases:

- 1) Construção de uma proposta de modelo didático do género artigo de enciclopédia, tendo em conta a perspectiva de Prieto & Schneuwly (2003), entre outros;
- 2) Construção de uma sequência didática, segundo o modelo preconizado por Schneuwly & Dolz (2004) e Dolz, Noverraz & Schneuwly (2001) e tendo como base o modelo didático referido em (1);
- 3) Implementação da sequência didática;
- 4) Análise dos textos produzidos na produção inicial e final para avaliar do impacto do trabalho desenvolvido na qualidade dos textos.

Serão apresentados os dados relativos à análise referida em (4) no que respeita a: (i) estrutura sequencial que configura o plano do texto, tendo como referência a tipologia proposta por Adam (2001); (ii) conteúdos; (iii) mancha gráfica, considerando aqui a disposição na página, a presença da imagem e os recursos de destaque gráfico utilizados; e (iv) mecanismos enunciativos privilegiados.

**Palavras-chave:** escrita; géneros textuais; sequência didática; modelo didático do género.

### Referências bibliográficas:

- Adam, J.-M. (2001). *Les textes types et prototypes: réct, description, argumentation, explication et dialogue* (4.ª ed.). Paris: Nathan.
- Dolz, J., Noverraz, M., & Schneuwly, B. (2001). *S'exprimer en français: Séquences didactiques pour l'oral et l'écrit*, (Vol. I-III). Bruxelles: De Boeck & Larcier.
- Pietro, J-F. D., & Schneuwly, B. (2003). Le modele didactique du genre: un concept de l'ingénierie didactique. *Les cahiers Théodile*, 3, 27-52.
- Schneuwly, B., & Dolz, J. (Eds.). (2004). *Géneros orais e escritos na escola*. Campinas: Editora Mercado de Letras.

## Pédagogie inversée, traduction et grammaire (con)textualisée

Sílvia Araújo

(Universidade do Minho)

Aucun enseignant n'ignore la difficulté que la grammaire constitue pour les apprenants du FLE. L'incapacité à gérer les aspects linguistiques d'une rédaction en langue étrangère s'accompagne d'une forte surcharge mentale qui impose le contrôle prioritaire des problèmes de surface du texte (tels que l'orthographe, le lexique ou la syntaxe) au détriment de l'organisation et de la pertinence des idées (Barbier *et al.*, 1998). Il est donc important d'aider les apprenants à surmonter progressivement leurs lacunes grammaticales si l'on tient à ce qu'ils libèrent des ressources attentionnelles pour la gestion des autres niveaux linguistiques, notamment en ce qui concerne la richesse et la structuration du contenu. C'est précisément dans cette perspective que s'inscrit l'expérience pédagogique dont nous tenons à rendre compte dans le cadre de cette communication.

Nous menons actuellement, auprès d'apprenants lusophones de français, un projet de pédagogie inversée (Bergmann & Sams, 2014) en contexte universitaire qui propose une pratique de la langue fondée sur le raisonnement grammatical à travers un recours à la traduction (Courron, 2012). En alliant à la fois cours en présentiel et recours à une plateforme d'apprentissage collaborative (au travers d'un wiki), nous avons mis en place un parcours pédagogique qui s'actualise pleinement dans un environnement d'apprentissage hybride:

- avant le cours (à distance), les étudiants sont tout d'abord amenés à visionner de petites capsules vidéo sur un fait de langue précis, mises en ligne dans un espace numérique partagé de la classe; ils essaient alors de restituer le contenu de chacune de ces capsules grammaticales en construisant une carte heuristique numérique (Chatiron, 2010) qui est une représentation visuelle simplifiée et synthétique d'un cheminement réflexif.
- en classe (en mode présentiel), les étudiants sont ensuite confrontés à des tâches plus complexes qui leur demandent un raisonnement construit. Après une phase d'interaction qui permet de résumer très simplement le contenu de la capsule et de mettre en commun les cartes mentales réalisées en amont du cours, le professeur se charge de mettre les apprenants en activité autour d'exercices de traduction qui leur permettent de réinvestir et de s'appropriier en contexte les faits de langue abordés dans chacune des capsules.

Comme le souligne à juste titre Bitar *et al.* (2012: 74), avec l'instauration des méthodes directes, le rôle de la traduction a été marginalisé en classe de langue pour émerger à nouveau ces dernières années, notamment comme moyen de mise en regard de deux systèmes linguistiques, moyen qui favorise l'enrichissement et le perfectionnement linguistique. Dans le cadre de notre démarche pédagogique, nous tâcherons de montrer que la traduction en classe de FLE permet, en effet, un réinvestissement direct de tout le travail de grammaire et d'étude du fonctionnement de la langue entamé à la maison lors du visionnement des capsules. Nous faisons donc appel à la traduction comme un instrument de consolidation et d'évaluation des connaissances grammaticales.

Au long d'un semestre, nous avons amené 25 étudiants de A2+ à traduire régulièrement en français des textes courts produits en portugais de manière à les faire activer progressivement chacun des points de langue traités (pronoms *en/y*, pronoms relatifs *qui/que/où*, négation, entre autres), puis à en mobiliser plusieurs dans une même traduction. Il importe bien évidemment de déterminer si, dans le cadre de cette pratique raisonnée de la langue qui vise la constitution d'une conscience bigrammaticale (portugais-français), les étudiants parviennent à se prémunir graduellement contre les interférences de leur langue

maternelle et à transférer les connaissances grammaticales acquises lorsqu'ils se trouvent en situation de rédiger eux-mêmes des textes.

### **Références bibliographiques**

- Barbier, M.-L., Piolat, A.; Roussey, J.-Y. (1998). Effets du traitement de texte et des correcteurs sur la maîtrise de l'orthographe et de la grammaire en langue seconde. *Revue française de pédagogie*, n° 122, pp. 83-98.
- Bergmann, J., Sams, A. (2014). *La classe inversée*. Les Éditions Reynald Goulet.
- Bitar, M.; Kaddouri, M.; Azizi, M. (2012) Enseigner la traduction par les TIC: Cas d'un cours hybride en contexte universitaire. *Frantice*, numéro 5, pp. 73-93.
- Chatiron, D. (2010). Apprendre à apprendre avec les cartes heuristiques. [document pdf téléchargé le 14/04/2015]. Disponible sur le Web: <[http://www.ac-orleans-tours.fr/fileadmin/user\\_upload/common/ash36/DOC/Formation/carte\\_heuristique\\_cole.pdf](http://www.ac-orleans-tours.fr/fileadmin/user_upload/common/ash36/DOC/Formation/carte_heuristique_cole.pdf)>.
- Courron. D. (2012). Traduction et contextualisation de l'enseignement de la grammaire. Autonomisation vers une conscientisation bigrammaticale des apprenants japonais. *Synergies Corée* n° 3, pp. 91-101.

## **Produção de texto oral na escola: uma análise dos entraves no gênero debate**

**Elaine Cristina Forte Ferreira**  
(UFERSA, Brasil)

A produção textual da língua oral na escola é o objeto desta pesquisa. Nossa concepção de língua fundamenta-se na interação entre sujeitos sociais, pois acreditamos que a língua se deduz da necessidade do homem de expressar-se, de exteriorizar-se (BAKHTIN, 1997). Além disso, ainda de acordo com Bakhtin (1997), a dificuldade de comunicação oral ou escrita, em alguns eventos de interação, pauta-se na ausência de domínio de gêneros do discurso, por isso consideramos fundamental a prática da língua, seja oral ou escrita, a partir de um estudo com base em gêneros. Sendo assim, este trabalho, como recorte de nossa tese de doutoramento, tem o objetivo de investigar os entraves existentes nas produções textuais orais do gênero debate de alunos do 6º e do 7º ano. Para fundamentar esta pesquisa, apoiamos-nos nos conceitos de gênero do discurso (BAKHTIN, 1997), no de gêneros escolarizados (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004), nos estudos da modalidade oral da língua (ANTUNES, 2003; MARCUSCHI, 2003) e no de marcadores conversacionais (URBANO, 1999). A pesquisa de intervenção, de natureza qualitativa, conta com a participação de uma turma do 6º e uma turma do 7º ano do ensino fundamental. O processo de coleta de dados foi realizado a partir de visitas à escola, as quais nos propiciaram interação com os alunos que participaram de atividades de produção textual do gênero debate. Os dados coletados nesses encontros foram registrados em áudio e vídeo. As produções são constituídas de textos orais a partir da apresentação de temáticas que suscitam discussão por terem a característica de serem polêmicas, o que, no nosso entender, pode ser um estímulo para dar início à produção textual dos alunos. A partir desses procedimentos, construímos um *corpus* em 30 aulas que aconteceram durante o segundo semestre de 2012. Para este trabalho, contudo, recortamos apenas duas aulas do *corpus* para demonstrar como aconteceram as interações. Os resultados a que chegamos, no que diz respeito aos elementos da oralidade, demonstram que alguns dos entraves enfrentados pelos alunos na produção de um debate são falta de planejamento e manifestação de incerteza, hesitação e dúvida quando usam alguns marcadores conversacionais.

**Palavras-chave:** produção textual, oralidade, gênero debate.

### **Referências**

- ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. [Tradução de Paulo Bezerra]. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2004, p. 81-108.
- MARCUSCHI, L. A. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In: DIONISIO, A. P. e BEZERRA, M. A. **O livro didático de Português**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999, p. 81-102.

## Uma transposição didática do género memórias em sala de aula

Isabel Maria Matos Ramos Castilho  
(CLUNL)

A transposição didática, em sala de aula, é um processo indispensável para que professor possa fazer chegar aos alunos o conhecimento científico transformado em saber ensinável.

Didatizar um género textual tem a finalidade de levar o aluno a dominá-lo, para melhor o conhecer, para melhor saber compreendê-lo e produzi-lo na escola ou fora dela. Na atividade escolar, o género funciona num lugar social diferente daquele que está na sua origem, e sofre necessariamente uma transformação, passando a género a aprender, ainda que permaneça género para comunicar.

No quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997) e tendo como referentes os desenvolvimentos de Dolz, Noverraz, & Scheneuwly (2004, 82; 2001), Coutinho (2013), Pereira & Cardoso (2013), e Jorge (2014), planificámos e desenvolvemos uma *Sequência Didática* (SD) que se consubstanciou num conjunto de atividades escolares organizadas, de forma sistemática, em torno do género textual de tradição literária memórias. O objectivo da SD foi ensinar a ler e a escrever textos do género que cada aluno teve de adequar. Foram lidos e analisados cinco textos exemplares, modelares ou *mentores* (Pereira, & Cardoso, 2013: 43); os alunos planificaram os seus textos, textualizaram-nos e, na(s) – várias - etapa(s) de revisão, procederam à sua reformulação. Publicaram os textos nos blogues. Apreciaram-nos criticamente.

Sucintamente, a SD concretizou-se em quatro fases: (1) diagnóstico de competências de escrita, (2) ensino explícito do género, (3) planificação e textualização de episódios de memórias, (4) revisão e publicação em blogue. Com o objetivo de testar a eficácia deste processo de transformação do conhecimento, analisaremos, em primeiro lugar, os traços genéricos comuns a todos os textos usados na fase de ensino explícito do género. Seguidamente, analisaremos as produções dos alunos sob a mesma perspetiva. Finalmente, contrastaremos os traços encontrados nas duas amostras, avaliando se o processo de didatização foi eficaz, i.e., verificando se os parâmetros genéricos encontrados nos textos de ensino explícito foram empregues nos textos produzidos pelos alunos.

**Palavras chave:** Transposição didática, género memórias, texto, escrita, blogue.

### Referências bibliográficas:

- BRONCKART, Jean-Paul (1997), *Atividade de Linguagem, Textos e Discursos*. Por um Interacionismo Sociodiscursivo / Jean- Paul Bronckart (1997); trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. – 2ª ed., EDUC, São Paulo (2012).
- COUTINHO, Maria Antónia...[et al.] (2013); coord. Luísa Álvares Pereira, Inês Cardoso, *Reflexão sobre a escrita. O ensino de diferentes géneros de textos*, U.A editora, Aveiro.
- DOLZ, J., NOVERRAZ, M. & SCHNEUWLY, B. (2004) “Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento” (R. Rojo & G. Cordeiro, Trans.), in B. Schneuwly & J. Dolz (Eds), *Gêneros orais e escritos na escola* (pp.81-108), Ed.Mercado de Letras, Campinas.
- GUSTDORF, Georges (1991), *les écritures du moi - lignes de vie 1*, Ed. Odile Jacob, Paris.
- JORGE, Noémia (2014), *O género memórias - Análise linguística e perspetiva didática*, Tese de Doutoramento em Linguística, Especialidade de Linguística do Texto e do Discurso, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, março de 2014.

## Un enseignement textuel de la grammaire est-il possible ?

**Ecaterina Bulea Bronckart**  
(Université de Genève)

Cette communication s'inscrit dans l'axe 3 du colloque, « Perspectives didactiques en grammaire et texte ». Notre objectif est de discuter la problématique de *l'interaction / articulation* entre grammaire et texte dans une perspective didactique ; plus précisément, d'interroger les conditions et les moyens de réalisation effective de ce qu'est devenu une prescription officielle de plus en plus marquée, à savoir l'enseignement de la grammaire à partir, au travers et en vue de la production / compréhension de textes.

En restreignant l'analyse à la situation de l'enseignement du français en Suisse romande, au niveau primaire, nous situerons notre propos dans le cadre théorique et notionnel promu par « la rénovation de l'enseignement grammatical » (voir Besson, Genoud, Lipp & Nussbaum, 1979 ; Bronckart & Sznicer, 1990 ; Bronckart, 2001 ; David, 1990 ; Dolz & Simard, 2009 ; Chartrand, 2012) et procéderons à une réflexion en trois temps :

- Nous rappellerons d'abord brièvement les principes didactiques préconisés par cette rénovation : - envisager l'enseignement grammatical comme un outil au service du développement, chez les élèves, de capacités d'expression et de compréhension de (genres de) textes diversifiés ; - partir d'énoncés concrets, si possible produits par les élèves, et mettre en place des démarches inductives et des manipulations syntaxiques pour l'analyse des objets grammaticaux qu'ils contiennent ; - se doter de notions et de définitions affranchies des critères référentiels et logiques de la grammaire dite « traditionnelle ».

- Nous expliciterons ensuite la teneur des prescriptions officielles actuelles, sur la base de l'analyse des principaux documents en vigueur (le *Plan d'études romand*, 2010, et le document *Enseignement / apprentissage du français en Suisse romande – Orientations*, 2006). Les résultats de cette analyse montreront notamment la perspective utilitariste associée à la grammaire, ainsi que le déplacement sémantique qui l'affecte : l'enseignement de la grammaire est subordonné à l'apprentissage de la production et de la compréhension de textes, le décloisonnement (en soi salubre) entre grammaire et texte se traduisant, d'une part, par une hiérarchisation entre les deux domaines ; d'autre part, par l'extension du champ de la grammaire à la « grammaire de texte ».

- Nous nous centrerons enfin sur les manuels officiellement promus, *Mon Manuel de français* et *L'île aux mots*. Ceux-ci peuvent être interrogés à plusieurs niveaux (celui des caractéristiques des activités grammaticales qu'ils contiennent ; celui des conséquences sur les objets d'enseignement de l'extension du domaine grammatical à la « grammaire de texte » ; celui des savoirs grammaticaux que les élèves peuvent construire ; etc.), mais nous nous limiterons à l'analyse de la manière dont les textes sont mobilisés ou non dans le traitement des objets grammaticaux relevant de la grammaire de la phrase. Nous illustrerons notre propos avec des exemples concrets d'exercices et d'activités proposés par ces manuels.

Les résultats de ces analyses nous conduiront alors à clairement distinguer plan théorique et plan didactique de la problématique de l'interaction entre grammaire et texte, pour soutenir, au plan théorique, et dans la perspective sémiologique héritée de Saussure (1916 ; 2002, voir Bulea, 2010, pour une analyse), l'interdépendance et le co-fonctionnement de ces deux versants du langage ; mais au plan didactique, la nécessité d'envisager leur articulation comme un va-et-vient entre activités circonscrites, conduites selon des temporalités distinctes, sous peine de substituer à cette articulation une dommageable confusion.

**Mots-clés :** grammaire, texte, interaction, didactique



**Références bibliographiques :**

- Besson, M.-J., Genoud, M.-R., Lipp, B. et Nussbaum, R. (1979). *Maitrise du français. Méthodologie pour l'enseignement primaire*. Lausanne : Office romand des éditions et du matériel scolaires.
- Bronckart, J.-P. (2001). *Enseigner la grammaire dans le cadre de l'enseignement rénové de la langue*. Genève : DIP, Cahier du secteur des langues, N°75, 85 pp.
- Bulea, E. (2010). La langue au service du texte ? *Estudos Linguísticos / Linguistics Studies*, 5, Edições Colibri/CLUNL Lisboa, 55-76.
- Chartrand, S.-G. (2012). Quelles finalités pour l'enseignement grammatical à l'école ? Une analyse des points de vue des didacticiens du français depuis 25 ans. *Formation et professions*, 20(3), 48-59.
- Dolz J. & Simard, Cl. (Ed.) (2009). *Pratiques d'enseignement grammatical*. Québec : PUL.

## **Vers une démarche didactique pour construire des savoirs et viser l'intégration des connaissances sur la langue et les textes dans le développement des pratiques textuelles des élèves**

**Véronique Marmy Cusin**  
(HEP-Fribourg, Suisse)

Cette proposition de communication prend appui sur les résultats d'une thèse de doctorat (Marmy Cusin, 2012), recherche ayant permis de mieux saisir, par la mise en oeuvre d'un dispositif d'ingénierie auprès d'élèves de 9-12 ans (4 groupes-classes), les possibilités d'articulation entre l'écriture d'un récit et des apprentissages plus ciblés sur la cohésion des chaînes référentielles des personnages du récit.

Le dispositif didactique proposé aux enseignants articule un enseignement de la production textuelle basé sur le modèle didactique du genre (Schneuwly & Dolz, 1997) et un enseignement grammatical et textuel permettant une meilleure connaissance du système des reprises anaphoriques dans un récit. Enfin, la perspective d'une action transformatrice du savoir sur le développement de l'élève (Vygotski, 1997) est au cœur du dispositif proposé.

Cette communication s'insère pleinement dans l'axe 3 du colloque, « Perspectives didactiques en grammaire et texte ». Nous présenterons en premier lieu des activités favorisant les liens entre grammaire et texte, activités proposées aux enseignants observés dans le dispositif didactique. L'analyse conjointe de l'action enseignante et de leurs discours sur l'action a permis de collecter des informations précieuses pour mieux décrire, comprendre et développer le travail enseignant et ses logiques d'action dans des pratiques articulant texte et grammaire. Cette analyse sera synthétisée sous la forme de quelques constats :

- L'importance des textes (analyses de textes d'auteurs et de productions initiales) dans les pratiques observées articulant grammaire et texte.
- La difficulté des enseignants observés à utiliser un métalangage textuel pour parler l'objet enseigné, ici les chaînes référentielles désignant les personnages du récit, et l'importante référence à un métalangage syntaxique connu des élèves. Cette difficulté, qui rejoint les observations de Bain et Canelas-Trevisi (2009), souligne la nécessité d'une bonne maîtrise de la langue et du métalangage pour intervenir adéquatement dans l'action, nécessité nommée par les enseignants eux-mêmes dans leurs discours sur l'action.
- Le constat que, en raison du caractère praxéologique du travail didactique avec les élèves sur leur récit, les enseignants centrent leurs actions (de régulation, d'institutionnalisation) sur cette finalité première au détriment de la construction de connaissances explicites sur le fonctionnement textuel et la contribution de certaines classes grammaticales ou relations lexicales à la production textuelle elle-même.

Ces constats nous permettront de faire des propositions pour envisager un enseignement articulé du français, dans le domaine grammatical et textuel, qui fasse sens autant pour l'enseignant que pour l'élève. Nous défendrons ainsi l'idée maintenir deux didactiques avec des démarches bien distinctes (Bronckart, 2008) et d'envisager leurs spécificités et leurs interactions :

- des démarches d'enseignement grammatical avec pour objectif le développement de connaissances du système de la langue ;
- des démarches textuelles, telles que celle proposée dans le cadre de la recherche doctorale présentée ici, avec un double objectif : construire des connaissances sur les textes et les discours et viser l'intégration de connaissances sur la langue et les textes dans le développement des pratiques textuelles des élèves.

**Mots-clés:** articulation entre grammaire et texte, dispositif didactique, modèle didactique du genre, cohésion nominale.

**Références bibliographiques :**

- Bronckart, J.-P. (2008). Du texte à la langue, et retour : notes pour une « re-configuration » de la didactique du français. *Pratiques*, 137, 97-116.
- Bain, D. et Canelas-Trevisi, S. (2009). «L'utilisation de la grammaire pour le texte argumentatif: circulation entre deux domaines de la discipline français », in : B. Schneuwly & J. Dolz (éds), *Des objets enseignés en classe de français : le travail de l'enseignant sur la rédaction de textes argumentatifs et sur la subordonnée relative*, Rennes, PUR, p. XX.
- Marmy Cusin, V. (2012). *Développer et comprendre des pratiques d'enseignement de la grammaire, intégrées à la production textuelle : entre les dire et les faire*, thèse de doctorat en sciences de l'éducation, Université de Genève (en ligne <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:20294>, consulté le 30/11/14).
- Schneuwly, B., & Dolz, J. (1997). Les genres scolaires: des pratiques langagières aux objets d'enseignement, *Repères*, 15, 27-41.
- Vygotski, L. (1997). *Pensée et langage*. Paris: La Dispute.

## Pósteres

### A habilidade de inferência em questões de leitura de provas de língua portuguesa

**Silvia Pires Volpini**  
(UFMG)

Esta pesquisa propõe-se a analisar 37 questões de língua portuguesa de exames vestibulares brasileiros que avaliam a habilidade de inferir sentido de palavra ou expressão em textos propostos para leitura. Para tanto, tomamos como base o conceito de inferência de Dell'Isola (2014): “inferência é o resultado de um processo cognitivo por meio do qual uma assertiva é feita a respeito de algo desconhecido, tendo como base uma observação”. As questões foram retiradas das provas de seis instituições federais de ensino superior (IFES) brasileiras, aplicadas entre 2006 e 2010: UFPA, UFPE, UFG, UFMG, UNIFESP e UFRGS. A escolha dessa habilidade se deve ao fato de que ela está entre as cinco mais frequentes no total de questões de um corpus mais extenso que engloba os exames analisados pelo grupo de pesquisa “Avaliação dos enunciados das provas de Língua Portuguesa e de Redação de Vestibulares nacionais: o que provam as provas?”, ao longo dos últimos quatro anos. Apresenta-se, portanto, o resultado parcial de uma investigação que integra uma pesquisa mais ampla sobre o perfil das provas de vestibular de 14 IFES brasileiras. Este trabalho tem por objetivo categorizar os enunciados das provas que avaliam a habilidade em foco e verificar se há algum padrão no formato dessas questões. O levantamento foi realizado com base em uma tabela de 56 competências que balizou a análise minuciosa das avaliações de língua portuguesa de cada instituição de ensino superior. Para a categorização dos enunciados, fundamentamo-nos nos estudos de Amâncio Costa Pinto (2001) sobre questões de escolha múltipla e de Dell'Isola (2009) sobre avaliação de provas. Os resultados obtidos mostram que a habilidade de inferência de sentido de palavra ou expressão a partir de determinado contexto ocorre, na maioria das vezes, em questões de múltipla escolha tradicionais - também observamos a ocorrência de questões em formato V ou F, proposições diversas e associação de colunas. Constatamos ainda que a inferência do sentido de palavras é superior à inferência em relação às expressões, sendo que, em geral, as palavras são utilizadas no texto em sentido conotativo.

**Palavras-chave:** inferência, leitura, vestibular, língua portuguesa, provas

#### **Bibliografia:**

- DELL'ISOLA, Regina L. P. Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. 2014. Disponível em:  
<<http://www.glossarioceale.com.br/verbetes/inferenciana-leitura>>.
- DELL'ISOLA, Regina L. P. *Provas de seleção: um gênero necessário na esfera acadêmica*. In: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – SIGET, 2009, Caxias do Sul, s.p.
- COSTA PINTO, A. Factores relevantes na avaliação escolar por perguntas de escolha múltipla. In: *Psicologia, Educação e Cultura*, 5 (1), 23-44. Lisboa, 2001.

## **Categorias da habilidade de inferência em provas de Língua Portuguesa**

**Bruna Amarante de Mendonça Cohen**

*(Universidade Federal de Minas Gerais — UFMG)*

Nossa pesquisa consiste na análise de provas de Língua Portuguesa de concursos vestibulares de cinco Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) brasileiras, realizadas ao longo de cinco anos. As provas analisadas são todas de múltipla escolha com quatro ou cinco alternativas. Os objetivos de nossa investigação foram descrever e comparar as habilidades avaliadas nas provas de concurso da UFPA (Universidade Federal do Pará), UFC (Universidade Federal do Ceará), UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) e UFPR (Universidade Federal do Paraná) – uma de cada região do Brasil: norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul, respectivamente – quanto à abordagem feita em cada uma e, além disso, buscamos contribuir para avaliar o que provam essas provas. A metodologia baseou-se na definição de descritores previamente aferidos – com base em fontes como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), a Prova Brasil, dentre outros – que descrevem um total de cinquenta e nove habilidades, reunidas em doze grupos, de acordo com a natureza da competência medida. São os grupos: “Procedimentos de leitura”; “Características dos gêneros”; “Características do suporte e/ou do enunciador na construção de valores e sentidos”; “Intertextualidade”; “Coerência e coesão no processamento do texto”; “Progressão temática”; “Relações entre recursos expressivos e efeitos de sentido”; “Construção da imagem de locutor e interlocutor”; “Variação linguística”; “Texto como objeto sócio-histórico”; “Conhecimentos gramaticais” e “Tecnologia da informação e comunicação”. Definido o perfil das provas, fizemos um levantamento de todas as habilidades avaliadas, e os dados analisados apontaram para o fato de a habilidade de inferência ser a mais frequente do grupo “Procedimentos de Leitura”. Avaliamos o modo pelo qual essa habilidade de leitura é aferida nas provas e, de acordo com os estudos de Costa Pinto (2001) sobre a estruturas de Perguntas de Escolha Múltipla (PEMs), estabelecemos categorias de abordagens da inferência – o que retoma o estudo de Dell’Isola (2001) –, em cada uma das questões que avaliam essa habilidade. Este estudo contribui para orientar elaboradores de prova, professores e estudantes quanto aos modos de exploração da inferência em exames e concursos.

**Palavras-chave:** Inferência, Língua Portuguesa, exame seletivo

### **Bibliografia básica:**

- CASTILLO ARREDONDO & CABRERIZO DIAGO. Avaliação educacional e promoção escolar. Madri: Pretice Hall, 2002.
- COSTA PINTO, A. "Factores relevantes na avaliação escolar por perguntas de escolha múltipla". *Psicologia, Educação e Cultura*, 5 (1), 23-44. Lisboa, 2001.
- DELL’ISOLA, Regina. Leitura: inferência e contexto sociocultural. Belo Horizonte: Formato, 2001.
- DEMO, Pedro. Educação, Avaliação Qualitativa e Inovação I. Textos para discussão. Brasília: Inep/MEC, 2012. Disponível em PDF.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. Educação, Avaliação Qualitativa e Inovação II. Textos para discussão. Brasília: Inep/MEC, 2013. Disponível em PDF.

## Sessões Coordenadas

### Texto e gramática em contextos de avaliação

**Responsável: Regina L. Péret Dell'Isola**  
(UFMG/ CAPES /CLUNL, Brasil & Portugal)

Nesta seção coordenada serão apresentados trabalhos cujo foco é a avaliação dos conhecimentos gramaticais e textuais em livros didáticos para ensino da Língua Portuguesa, em textos publicitários e em exames de proficiência de português-língua estrangeira. O ponto de interseção dos trabalhos apresentados nesta sessão são as concepções de língua e de texto pautadas no interacionismo sociodiscursivo.

### Comunicação 1 Gramática e Texto em Livros Didáticos de Língua Portuguesa

**Janice Helena Chaves Marinho**  
(UFMG, Brasil)

Neste trabalho, apresento uma avaliação de atividades relativas aos conhecimentos gramaticais presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental aprovados em edição do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2014 e adotados nas escolas brasileiras de Ensino Fundamental da rede pública. Investigo as seções e as atividades de duas coleções de livros didáticos voltadas para o estudo da língua e da gramática, com o objetivo de avaliar em que medida as atividades oferecem contribuição para levar o aluno a refletir sobre aspectos linguísticos e gramaticais relevantes para o desenvolvimento de suas habilidades de uso da língua em textos e discursos. Assumindo a concepção de língua como um sistema discursivo, que “só se atualiza a serviço da comunicação intersubjetiva, em situações de atuação social e através de práticas discursivas, materializadas em textos orais e escritos” (ANTUNES, 2003, p. 42), defendo que seu ensino esteja aliado e a serviço da interlocução, feita por meio de textos e discursos, e que o estudo de seus aspectos formais, comumente privilegiado no ensino tradicional, e realizado pela transmissão dos conteúdos gramaticais, dê lugar a um trabalho reflexivo, que pressupõe a articulação do texto com os conhecimentos gramaticais. Interessa-me examinar se as atividades exploram conhecimentos linguísticos e gramaticais relevantes na construção dos textos estudados nos capítulos dos livros – como, por exemplo, o uso de nomes e adjetivos para sinalizar pontos de vista ou o uso de marcadores e de conectores para orientar a leitura –, e ainda se possibilitam a consolidação desses conhecimentos ao longo dos capítulos. Para tanto, desenvolvo a avaliação a partir do estudo das duas coleções de livros didáticos, bem como de suas respectivas resenhas publicadas nos Guia de Livros Didáticos: PNLD 2014, que orientam a escolha das coleções pelos professores das escolas brasileiras. Exponho análises de algumas atividades, com o objetivo de, discutindo-as, contribuir para uma reflexão com os professores que adotarem essas coleções sobre como se propõe o trabalho com os conhecimentos linguísticos e gramaticais nelas focalizados.

**Palavras-chave:** conhecimentos linguísticos, conhecimentos gramaticais, texto, livro didático, língua portuguesa.

### **Referências Bibliográficas**

- ANTUNES, I. (2003) *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- COSTA VAL, M. G. (2002). A gramática do texto, no texto. *Rev. de Estudos da Linguagem*. V.10, n.2, jul/dez.p.107-133.
- COSTA VAL, M. G. (org.). (2009) *Alfabetização e Língua Portuguesa: Livros didáticos e práticas pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, Ceale/FaE/UFMG. BRASIL, Ministério da Educação. (2013). *Guia de livros didáticos: PNLD 2014: língua portuguesa: ensino fundamental: anos finais*. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. 120 p
- VIEIRA, S. R.& BRANDÃO, S. F. (Orgs.). (2011). *Ensino de gramática: descrição e uso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto.

### **Comunicação 2**

#### **Texto e gramática na mídia publicitária: avaliação de práticas linguístico-textuais**

**Audria Leal**

(CLUNL, Portugal)

**Carla Teixeira**

(CLUNL, Portugal)

Este trabalho apresentará uma proposta de avaliação de práticas linguístico-textuais em contextos profissionais da atividade publicitária. De facto, presentemente, verifica-se um certo descuido com a Língua que vai do mau uso linguístico em textos em circulação à falta de conscientização da importância da Língua do falante. Este trabalho propõe instrumentos avaliativos com a intenção de sensibilizar para o papel da Língua, relacionando a prática profissional com a produção do texto multimodal, com vistas ao ensino de boas práticas linguístico-textuais.

Assumiremos que os textos são multimodais, porque convocam não só produções verbais orais ou escritas, mas, também, outras unidades semióticas. Assim, a nossa proposta terá em consideração estas duas dimensões – verbal e não verbal – e apresentará instrumentos de avaliação que conjuguem o uso de textos multimodais à prática destes textos no contexto profissional. Para atingir esse objetivo, temos por base epistémica dois quadros teórico-metodológicos: o interaccionismo sócio-discursivo (ISD), proposto por Bronckart (2008, 1999); e o da semiótica social, proposto por Kress & Van Leeuwen (2006).

Face ao exposto, esta apresentação será dividida em três partes: primeiro, centrar-nos-emos na apresentação dos quadros do ISD e da semiótica social, procurando efetuar uma inter-relação entre eles (Leal, 2011); segundo, mostraremos os principais elementos relevantes para a prática de produção de textos publicitários, propondo categorias de análise específicas do texto multimodal; em terceiro, exemplificaremos a avaliação dos textos multimodais, verificando de que forma a organização linguístico-textual é relevante para a ação destes textos nas atividades sociais e para o ensino de língua portuguesa.

**Palavras-chave:** avaliação; texto multimodal; prática profissional; boas práticas linguístico-textuais, ensino.

### **Referências bibliográficas:**

- BRONCKART, Jean-Paul. (2008). Genre de textes, types de discours et degrés de Langue. In: *Revue Texto!* Janvier, vol. XIII, nº 1. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf)

- BRONCKART, Jean-Paul. (1999). *Atividades de Linguagem, Textos e Discursos. Por um Intencionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.
- KRESS, Gunther & VAN LEEUWEN, Theo. (2006). *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London: Routledge. 2ª ed.
- LEAL, Audria (2011). *A organização textual do gênero cartoon: aspectos linguísticos e condicionamentos não linguísticos*. FCSH-UNL: Lisboa. Tese de doutoramento.

### Comunicação 3

#### Texto e gramática em exames de proficiência em Língua Portuguesa

**Regina L. Péret Dell'Isola**

(UFMG/CAPES/CLUNL, Brasil & Portugal)

Neste trabalho apresento resultado de pesquisa em que foi avaliado o modo como são explorados textos e conhecimentos gramaticais nas provas de proficiência de português como língua estrangeira. A base teórico-metodológica dessa pesquisa pauta-se no interacionismo sociodiscursivo (ISD) proposto por Bronckart (2008, 1999), nas concepções de língua e texto de Antunes (2003) e Coutinho (2003) e nos estudos sobre avaliação de McNamara(2000) para quem os exames de proficiência linguístico discursiva de um candidato não estão atrelados a um processo prévio de ensino, mas a uma expectativa de interação bem sucedida em resposta às questões específicas propostas nas provas. Nesse contexto, proficiência significa apresentar um domínio satisfatório da língua para atingir algum propósito específico que deve ser explicitado pelos elaboradores do exame, conforme defende Hughes (1989). Nosso *corpus* compreende provas de proficiência oficial do Brasil e de Portugal que avaliam o desempenho dos candidatos por meio de questões de base textual. Os conhecimentos gramaticais e textuais são mensurados de acordo com as habilidades de leitura, escrita, compreensão auditiva e expressão oral demonstradas pelos candidatos. Há questões em que a habilidade linguística é avaliada por meio de situações sociointeracionais seja por meio da proposta de tarefas comunicativas seja por meio de respostas a questões abertas ou a questões de preenchimento de lacunas ou ainda de múltipla escolha. Os resultados dessa investigação indicam a necessidade de novas perspectivas a serem adotadas nos exames, sobretudo no que se refere 1) à exploração da compreensão global dos textos no exame Celpe-Bras com foco nas habilidades de leitura dos examinandos e 2) à avaliação de conhecimentos gramaticais integrados aos textos para leitura nos exames de Portugal para além das questões de múltipla escolha. Certamente, essa pesquisa atende à premência de se desenvolverem novas perspectivas educacionais relativas ao ensino do uso comunicativo de português para falantes de outras línguas.

**Palavras-chaves:** avaliação; proficiência; ensino comunicativo; texto; conhecimentos gramaticais.

#### Referências Bibliográficas:

- ANTUNES, Irandé. (2003). *Aula de Português: encontro & interação*. São Paulo: Parábola Editorial.
- COUTINHO, Maria Antónia. (2003) *Texto(s) e competência textual*. Lisboa: FCG-FCT
- BRONCKART, Jean-Paul. (2008). Genre de textes, types de discours et degrés de Langue. In: *Revue Texto!* Janvier, vol. XIII, nº 1. Disponível em: [http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart\\_rastier.pdf](http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf)
- HUGHES, Arthur. (1989). *Testing for language teachers*. Cambridge: Cambridge University Press.
- McNAMARA, T.F.(2000). *Language Testing*. Oxford: Oxford University Press.



**Gramática e Texto no Ensino:  
das marcas visíveis das línguas à atividade de linguagem**

**Responsável: Marília Blundi Onofre**  
(Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR)

**Palavras chave:** Enunciação; Atividade Linguística e Epilinguística; Ensino de Língua

**Comunicação 1**

**Exercício de leitura no ensino de língua: a relação entre gramática e texto**

**Marília Blundi Onofre**  
(Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR)

A relação entre Gramática e Texto há muito figura entre os estudos da linguagem, circulando entre filósofos, lógicos e gramáticos, antes ainda da Linguística firmar-se cientificamente. Em diferentes enfoques, é possível observar a desarticulação entre esses dois tópicos, presente de modo flagrante no Ensino de língua. A contribuição da Linguística, significativa para o redirecionamento dos objetivos do ensino, então prescritivos/descritivos, e agora discursivos, não foi suficiente para alterar essa situação, dado que a própria Linguística cinde-se entre o Enunciado e a Enunciação, fato que, podemos dizer, remonta à mesma questão da desarticulação entre gramática e texto. As vertentes linguísticas influentes no ensino ressaltam a funcionalidade da linguagem e secundarizam a gramática, voltando-se para o estudo de discursos tipificados e suas subversões, reproduzindo modelos validados sócio-histórico-discursivamente. Considerando tais apontamentos, defendemos que o ensino adote práticas linguísticas que possibilitem ao aluno observar a articulação entre as atividades de linguagem e de língua, como processo gerador das possíveis estabilizações-instabilizações discursivas. Referenciamos-nos, para tanto, nos pressupostos da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, pautando-nos na relação entre as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas. Nesse contexto maior, proponho observar uma produção textual de aluno ressaltando as questões teórico-metodológicas apresentadas acima.

**Referências bibliográficas**

- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: operations et représentations. V.1. Paris: Ophrys, 1990.
- REZENDE, L. M. **Léxico e gramática: aproximação de problemas linguísticos com educacionais**. V.1. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara-SP, 2000.
- \_\_\_\_\_. A atividade epilinguística e o ensino de língua portuguesa. **Revista do GEL**, São José do Rio Preto, v.5, n.1, p. 95-108, 2008. Disponível em: <[http://www.gel.org.br/revistadogel/volumes/5/RG\\_V5N1\\_06.pdf](http://www.gel.org.br/revistadogel/volumes/5/RG_V5N1_06.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2013.

**Comunicação 2**  
**Das marcas visíveis das línguas à atividade de linguagem:**  
**um caminho possível para o ensino**

**Letícia Marcondes Rezende**

*(Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-UNESP)*

Toda a tradição de ensino de línguas trabalha com o material visível dos textos. Os conceitos de gramática internalizada, gramática reflexiva, atividades epilinguísticas mostram uma mudança de orientação da análise do material visível para a apreensão de uma atividade interna invisível. Mas quando se assume essa mudança, tomando como base a manifestação visível das línguas, necessitamos de reflexão teórica que nos auxilie. Como procurar, nas marcas das línguas, este trabalho interno de montagem e desmontagem de arranjos léxico-gramaticais feito pelo aprendiz que compara entre si as possibilidades que a língua lhe oferece, avaliando-as, aproximando-as, distanciando-as, visando à construção de uma representação específica? Defendemos a tese da indeterminação da linguagem e assumimos a existência de uma variação radical interlínguas, intralíngua, intersujeitos e intrassujeito. Resta-nos propor que a única invariância que temos é a atividade de regulação ou atividade epilinguística. Essa atividade, por meio de mecanismos de parafrase e desambiguação, permite que textos sejam transformados em busca de uma adequação precisa a um cenário psicossociológico. A nossa comunicação ampliará essa discussão e fará uma apresentação do trabalho de parafrase e desambiguação com texto em sala de aula.

**Referências bibliográficas**

- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: operations et représentations. V.1. Paris: Ophrys, 1990.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation**: Formalisation et operations de repérage. V. 2. Paris: Ophrys, 1999.

## **Perspectiva enunciativa no ensino de gramática e texto**

**Responsável: Duane Valentim**

(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

**Palavras-chave:** enunciação; ensino e aprendizagem de língua materna; produção e interpretação de textos.

### **Comunicação 1**

#### **O ensino do *discurso reportado* sob uma abordagem enunciativa**

**Duane Valentim**

(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

O trabalho que propomos apresentar tem como objetivo geral explicitar como o conteúdo *discurso reportado*, isto é, o discurso direto, indireto e indireto livre, é apresentado tradicionalmente pelas gramáticas escolares e que, conseqüentemente, estão presentes no ensino por meio dos materiais didáticos. Como objetivo específico, apresentaremos exemplos de atividades didáticas, elaboradas por nós, que trabalham com o *discurso reportado* explorando a atividade epilinguística dos alunos, em um movimento pendular que vai do texto para as formas e das formas para o texto a fim de refinarmos a competência comunicativa dos aprendizes, objetivo principal do ensino de língua materna, de acordo com Travaglia (2009). Os objetivos ora propostos têm como fundamentação a Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Culioli (1976) e reflexões de Rezende (2006), aquele pelos conceitos linguísticos e esta pelo diálogo da teoria com o ensino. A metodologia pauta-se em uma teoria dos observáveis linguísticos, realizadas por meio de um referencial analítico composto pelas relações primitivas, predicativas e enunciativas, nas quais se instalam, respectivamente, as noções semânticas, sintáticas e enunciativas. Desse modo, acreditamos ter um suporte teórico que permite alcançar uma abordagem didática produtiva ao se trabalhar com o *discurso reportado*.

#### **Referências bibliográficas:**

- CULIOLI, A. *Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli* “Recherche en linguistique: theorie des operations enonciatives”. Paris: Departement de Recherches Linguistiques; Universite Paris VII, 1976.
- REZENDE, L. M. Diversidade experiencial e linguística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula. In: ONOFRE, M. B.; REZENDE, L. M. (Orgs.). *Linguagem e Línguas Naturais. Diversidade Experiencial e Linguística*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.
- \_\_\_\_\_. Gramática e ensino de língua. *Versão Beta: sob o signo da palavra*, São Carlos, ano IV, n. 40, 2006.
- \_\_\_\_\_. Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa. *Revista do Gel*, São José do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 95-108, 2008.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo, editora Cortez, 13ª edição 2009.

## **Comunicação 2**

### **Desreferencialização enunciativa: (in) coerência em textos dissertativos**

**Stéfano Grizzo Onofre**  
(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

No presente trabalho, objetiva-se abordar a temática: perspectivas didáticas em gramática e texto por meio da seguinte questão: como os planos de enunciação em textos dissertativos são afetados pela escolha dos tempos verbais? Para tanto, partir-se-á do recorte de ocorrências nas quais o texto do aluno apresenta inadequações relacionadas à situação de enunciação. O intuito é identificar as dificuldades de escrita relacionadas à expressão de noções temporais em uma prática discursiva cujo plano de enunciação não apresenta traços linguísticos explícitos da *determinação situacional* (Simonin-Grumbach, 1975). Com base em algumas ocorrências, primeiramente, discutir-se-á qual seria o plano do discurso em um texto dissertativo. Em seguida, demonstrar-se-á que fatores gramaticais/enunciativos relacionados ao emprego dos tempos verbais desempenham papel relevante na constituição do plano de enunciação do texto dissertativo. Com base nos exemplos, argumentar-se-á a presença de uma desreferencialização enunciativa (reorganização súbita da interpretação da determinação situacional) que compromete a coerência da argumentação do aluno. Explorar os elementos gramaticais causadores desse fenômeno enunciativo pode ser relevante para o trabalho didático no contexto de ensino e aprendizagem.

#### **Referências Bibliográficas:**

- CULIOLI, A. *Transcription du séminaire de D.E.A. de M. A. Culioli* “Recherche en linguistique: theorie des operations enonciatives”. Paris: Departement de Recherches Linguistiques; Université Paris VII, 1976.
- SIMONIN-GRUNBACH, J. *Pour une typologie des discours*. In: KRIESTEVA, J. MILNER, J.-C. RUWET, N. *Langue, Discourse, Société*, Pour Émile Benveniste, Paris, aux Éditions du Seuil, 1975 pp. 85-121.
- REZENDE, L. M. *Diversidade experiencial e linguística e o trabalho do professor de língua portuguesa em sala de aula*. In: ONOFRE, M. B.; REZENDE, L. M. (Orgs.). *Linguagem e Línguas Naturais. Diversidade Experiencial e Linguística*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.
- \_\_\_\_\_. Gramática e ensino de língua. *Versão Beta: sob o signo da palavra*, São Carlos, ano IV, n. 40, 2006.

## **Comunicação 3**

### **A articulação entre as marcas de qualificação e modalização em reescritas de narrativas de alunos do 6º ano**

**Solange Christiane Gonzalez Barros**  
(Universidade Federal de São Carlos - UFSCar)

Nesta sessão, discutimos dois fenômenos linguísticos distintos, que se articulam sob a mesma reflexão sobre a linguagem: a qualificação e a modalização em reescritas de narrativas de alunos de 6º ano de Ensino Fundamental. Enquadrando nossa investigação na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, de Antoine Culioli, pautada na articulação entre linguagem e línguas naturais, e, entre gramática e produção/interpretação de textos, propomo-nos a realizar algumas considerações sobre o estudo do texto. A nossa opção teórica observa o processo gerador da linguagem, e, nesse sentido, consideramos pertinente para se trabalhar a produção textual no ensino. As aulas de Língua Portuguesa

devem evitar que o aprendiz se sinta um estrangeiro ao se utilizar de sua própria língua, sendo necessário lidar com os textos em diversas situações de interação social. Intencionamos compreender os objetivos traçados para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que visem à produção textual numa perspectiva dialógica, implicando desse modo, um trabalho de articulação entre marcas gramaticais e produção-interpretação de texto que leve em conta a atividade discursiva. Nossa metodologia constitui-se por atividades de glosas e paráfrases, aplicada a um corpus composto por 40 narrativas, por meio das quais exploramos, por espelhamento, as atividades linguísticas, epilinguísticas e metalinguísticas.

**Referências bibliográficas:**

- CULIOLI, A. *Transcription du séminaire de D.E.A. de A. Culioli: recherches en linguistique: théorie des opérations énonciatives*. Paris: Département de Recherches Linguistiques: Université de Paris VII, 1976. 262 p.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. *Currículo do Estado de São Paulo - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias: Ensino Fundamental - Ciclo II e Ensino Médio*. São Paulo, 2012. 260 p.